

TECENDO
Interseccionalidades

Literatura. Representações e Identidades em Movimento

Organizadores

Claudia Pons Cardoso
Marco Antonio Matos Martins

Pedro & João editores

Literatura, Representações e Identidades em Movimento

Tecendo Interseccionalidades
Volume 3

Pedro & João
editores

Cláudia Pons Cardoso
Marco Antonio Matos Martins
(Organizadores)

Literatura, Representações e Identidades em Movimento

Tecendo Interseccionalidades
Volume 3

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Cláudia Pons Cardoso; Marco Antonio Matos Martins [Orgs.]

Literatura, Representações e Identidades em Movimento. Tecendo Interseccionalidades. Volume 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 255p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3158-7 [Digital]

1. Literatura. 2. Identidades. 3. Representações. 4. Raça. 5. Gênero. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Nicole Cavalcante Duque Gredilha Coelho
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Sumário

Agradecimentos **7**
Cláudia Pons Cardoso
Marco Antonio Matos Martins

Apresentação **9**
Marco Antonio Matos Martins

A construção da identidade étnico-racial na infância para os indivíduos "pardos": a análise do livro "A menina que nasceu sem cor" **13**
Girlaci Cruz Andrade
Eleonora Vaccarezza Santos
Diego Ramon Souza Pereira

Um olhar crítico diante das ocorrências de discriminações no espaço educacional: a obra "Pretinha eu?" de Julio Émilio Brás **31**
Roseli Xavier do Nascimento
Tatiane Nascimento Xavier
Valquíria Alexandria Santos
Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez

O devir negro em o "Avesso da Pele", de Jeferson Tenório **53**
Leandro Lopes Fiúza Santos
Suely Santos Santana

Diálogos geo-literários: olhares sobre as narrativas Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus **75**
Maria Aparecida de Oliveira Gordiano
Suely Santos Santana

Reflexões sobre identidade: o impacto da literatura infantil negra na construção étnico-racial, através do livro A pele que eu tenho, de bell hooks **95**
Graziele Marques Serafim
Mariane Martins Campos da Silva
Suely Santos Santana

“Sou como a terra seca”: uma abordagem dos elementos ecofeministas na obra Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane 117
Késsia Poliana Santos Soares
Rosemary Lapa de Oliveira

A literatura infanto-juvenil como reconhecimento e construção de identidade: uma análise do livro “Amoras” 141
Monique Pereira Silva Souza
Rosemary Lapa de Oliveira

Algumas perspectivas de educação afro-brasileira em prosa de nagô: Educando pela cultura, de Vanda Machado 161
Jucilene de Castro Oliveira
Claudenilson Dias

Violência sexual e a personagem Seni no conto Shirley Paixão 183
Tatiana Santos Oliveira
Sílvio Roberto dos Santos Oliveira

Entre desejos e transgressões: lesbianismo e performatividade de gênero em João do Rio 207
Cristini Maria Guedes Santos
Silvio Roberto dos Santos Oliveira

Identidade feminina na musicalidade: as Amélias da música brasileira 231
Barbara Roberta Damascena Santos
Aline Silva Gomes

Agradecimentos

A realização da coletânea **Tecendo Interseccionalidades** é, antes de tudo, uma celebração de vozes, trajetórias e sonhos de educadoras/es que acreditam na promoção da educação como prática de liberdade. É o resultado do esforço coletivo de muitas mãos, mentes e corações comprometidos em construir uma pedagogia crítica, feminista e decolonial, capaz de enfrentar as desigualdades de gênero, raça, sexualidades, classe e abrir caminhos para novas possibilidades de existência e à promoção da educação inclusiva e transformadora.

Os artigos aqui apresentados foram organizados em cinco volumes, compostos pelos eixos temáticos **Gênero, Formação Docente e Práticas Pedagógicas; Educação, Currículo e Decolonialidade; Literatura, Representações e Identidades em Movimento; Corpos, Sexualidades e Diversidades; e Feminismos, Resistências e Direitos Sociais.** Cada trabalho é uma centelha de transformação, um gesto de enfrentamento ao racismo patriarcal cisheteronormativo e às opressões coloniais, e um compromisso com a justiça social. Mais do que uma contribuição acadêmica: é um registro de experiências, reflexões e lutas que reverberam no espaço escolar e na sociedade; é um projeto político de resistência, memória e criação. Ao abordar experiências e reflexões que emergem da escola, das comunidades e das lutas sociais, cada artigo afirma a potência de uma pedagogia feminista que não se limita à sala de aula, mas se espraia para a vida.

Esta coletânea reúne parte dos 297 trabalhos de conclusão da segunda turma do curso de Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es, promovido pelo Diadorim – Centro de Estudos em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com a Unidade de Educação a Distância (UNEAD/UNEB).

Foram 407 estudantes formadas/os, em sua maioria atuantes na Educação Básica da Bahia.

O sucesso deste curso e desta publicação só foi possível graças à generosidade e ao apoio de muitas instituições e pessoas: a Universidade Aberta do Brasil (UAB/CAPES, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC/BA) e a Universidade do Estado da Bahia, bem como todas/os as/os docentes e monitoras/es que se dedicaram à formação, os membros das bancas de avaliação e a equipe de pesquisadoras/es e técnicos do Diadorim e da UNEAD, que acompanharam cada passo com afeto, cuidado, atenção e entusiasmo.

Por fim, nossa gratidão mais profunda vai para todas/os as/os estudantes da especialização, que se entregaram com interesse, coragem e compromisso, transformando teoria em prática e conhecimento em ação. Esta coletânea é, sobretudo, de vocês: suas trajetórias, descobertas, lutas e insurgências estão vivas em cada artigo, em cada análise, em cada proposta apresentada.

A vocês, nosso sincero e afetuoso muito obrigada. Que estas páginas inspirem novas vozes, novas insurgências e fortaleçam a luta por uma educação emancipadora.

Cláudia Pons Cardoso
Marco Antonio Matos Martins

Apresentação

Refletir sobre a literatura é reconhecer seu papel na produção de sentidos e na construção das identidades. Neste volume, **Literatura, Representações e Identidades em Movimento**, reunimos análises que evidenciam as narrativas literárias como espaços de disputa simbólica, nos quais vozes, experiências e representações são constantemente tensionadas e ressignificadas. Os textos aqui apresentados articulam diferentes abordagens teórico-metodológicas, contribuindo para uma compreensão crítica das relações entre literatura e sociedade.

Abrindo o volume, **A construção da identidade étnico-racial na infância para os indivíduos "pardos": a análise do livro A menina que nasceu sem cor** investiga, a partir da literatura infantil, os processos de formação da identidade étnico-racial parda, evidenciando como tais construções se ancoram em vivências sociais, culturais e afetivas desde a infância. Em diálogo**, Um olhar crítico diante das ocorrências de discriminações no espaço educacional: a obra Pretinha, eu? de Júlio Emílio Brás como um caminho para trabalhar as relações étnico-raciais** analisa a potência da literatura infantojuvenil no enfrentamento do racismo, destacando seu papel na problematização de estereótipos e na ampliação das representações no espaço escolar.

A discussão acerca da identidade negra ganha aprofundamento em **O devir negro em O avesso da pele, de Jeferson Tenório**, que, ao articular literatura e teoria social, compreende a identidade como processo dinâmico, historicamente situado e atravessado pelas marcas do racismo e da colonialidade. Nessa mesma direção, **Diálogos geo-literários: olhares sobre as narrativas Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus** propõe uma abordagem inter/transdisciplinar entre Geografia e Literatura, evidenciando como as experiências de habitar e ocupar o espaço urbano são atravessadas por

desigualdades sociais e raciais, e como a escrita se constitui como forma de testemunho e resistência.

No campo da literatura infantil e de sua interface com a formação identitária, **Reflexões sobre identidade: o impacto da literatura infantil negra na construção étnico-racial, através do livro A pele que eu tenho, de bell hooks** destaca a relevância de representações positivas para a constituição da autoestima e do pertencimento racial, enquanto **A literatura infanto-juvenil como reconhecimento e construção de identidade: uma análise do livro Amoras** reafirma a centralidade de obras produzidas por autoras/es negras/os na valorização das infâncias negras e na construção de referências identitárias afirmativas.

As intersecções entre gênero, natureza e relações de poder são problematizadas em **"Sou como a terra seca": uma abordagem dos elementos ecofeministas na obra Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**, que evidencia as conexões entre exploração ambiental e subjugação feminina, ampliando o escopo das análises literárias para perspectivas ecofeministas. Em consonância, **Algumas perspectivas de educação afro-brasileira em Prosa de Nagô: educando pela cultura, de Vanda Machado** enfatiza a centralidade dos saberes afro-brasileiros e das narrativas culturais na construção de propostas educativas comprometidas com a valorização da diversidade e com a justiça social.

A literatura também se apresenta como espaço de denúncia e elaboração de violências em **Violência sexual e a personagem Seni no conto Shirley Paixão, de Conceição Evaristo**, que analisa, a partir da construção da personagem, os impactos da violência sexual sobre mulheres negras, evidenciando dimensões socioemocionais frequentemente invisibilizadas. Por sua vez, **Entre desejos e transgressões: lesbianismo e performatividade de gênero em João do Rio** problematiza as representações da sexualidade dissidente na literatura brasileira, evidenciando padrões normativos, estigmatizações e possibilidades de deslocamento das identidades de gênero e sexualidade.

Encerrando o volume, **Identidade feminina na musicalidade: as Amélias da música brasileira** amplia o campo de análise ao incorporar a canção popular como linguagem cultural, evidenciando como as representações do feminino se transformam ao longo do tempo, refletindo e tensionando mudanças sociais, culturais e políticas.

Os artigos reunidos neste volume evidenciam que a literatura, longe de constituir um campo neutro, configura-se como espaço de produção e disputa de significados, no qual identidades são construídas, tensionadas e ressignificadas. Ao colocar em evidência vozes, experiências e narrativas historicamente marginalizadas, este conjunto de textos contribui para o fortalecimento de uma perspectiva crítica, plural e comprometida com a compreensão das dinâmicas sociais que atravessam os processos de representação.

A todas/os uma boa leitura e que as reflexões aqui reunidas contribuam para a ampliação de horizontes formativos e para a compreensão da literatura como espaço de formação e reinvenção das identidades.

Marco Antonio Matos Martins
Julho, 2026

A construção da identidade étnico-racial na infância para os indivíduos "pardos": a análise do livro "A menina que nasceu sem cor"

Girlaci Cruz Andrade[1]
Eleonora Vaccarezza Santos[2]
Diego Ramon Souza Pereira[3]

Introdução

A questão da identidade étnico-racial no Brasil, é marcada por uma complexa história de miscigenação e desigualdades sociais, sendo, portanto, um tema central nos debates contemporâneos sobre raça e relações raciais. Nesse contexto, a categoria "pardo" emerge como um construto social singular, carregado de significados ambíguos e contraditórios. Por isso o presente estudo busca aprofundar a compreensão dessa identidade, analisando os elementos presentes no livro "A menina que nasceu sem cor", de Midria da Silva Pereira (2020).

A obra literária em questão, ao abordar a temática da identidade racial de forma poética e sensível, oferece um rico material para a reflexão sobre as experiências e vivências de indivíduos que se autodeclaram pardos no Brasil. Ao analisar na obra como a identidade "parda" é construída socialmente, este trabalho busca contribuir para o entendimento dos processos de

[1] Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores/as (UNEB). Graduada em Direito (UFBA). girlaci.girlaci@gmail.com
[2] Graduação em Psicologia (Faculdade Pio Décimo). Mestrado em Psicologia Social (UFS). Doutorado em Psicologia (UFBA).
[3] Graduação Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais (UFS). Especialização em Antropologia com ênfase em culturas afro-brasileiras (UESB). Mestrado em Ciências Sociais (UFBA). Doutor em Sociologia (FSC).

racialização no Brasil e das experiências vividas pelas pessoas que se autodeclaram pardas.

A pesquisa teve como objetivo a identificação de elementos da construção social da Identidade Étnico-racial buscando a identificação da população brasileira em sua grande diversidade, como pessoas pardas e as nuances dessa caracterização atenta a construção educacional, considerando a educação como um conjunto colaborativo e integrado entre escola, família e comunidade.

Este recorte centra-se na análise específica da representação e vivência da identidade racial na infância, utilizando o contexto poético/narrativo do livro intitulado "A Menina que Nasceu Sem Cor". A pesquisa, portanto, teve por objetivo investigar detalhadamente as complexas dinâmicas de identidade racial em um cenário específico e contextualizado, permitindo uma análise das influências sociais, culturais e psicológicas que moldam a percepção da identidade racial no contexto da personagem. Além disso, explorar como a literatura e outras formas de narrativas podem impactar a construção da identidade racial. A análise do livro de Midria Pereira revela como a literatura infantil funciona como uma ferramenta crucial para a formação da identidade étnico-racial "parda" na infância.

Portanto, esta pesquisa baseia-se nos conceitos apresentados no livro publicado pela poetisa Midria da Silva Pereira (2020), onde expõe conceitos, onde esboça conceitos como, parda, Ori, racismo, colorismo, eugenia, identidade e reconhecer-se. A metodologia da pesquisa foi baseada em uma análise das palavras, termos e definições presentes no conteúdo do marco teórico com o auxílio do Iramuteq.

O colorismo está intimamente ligado à formação da sociedade brasileira, uma nação caracterizada por uma grande diversidade étnica-racial. Neste sentido o colorismo refere-se à discriminação ou ao tratamento diferenciado de pessoas com base na tonalidade da pele, muitas vezes privilegiando aquelas com pele mais clara em detrimento daquelas com pele mais escura. Essa distinção de

tratamento e abordagem é uma forma de racismo e está intrinsecamente relacionada à história, cultura e estrutura social do Brasil (Oliveira, Souza, Perucci, 2018.)

Ao compreender as complexidades da identidade racial no contexto populacional brasileiro, podemos contribuir para políticas mais informadas e programas de sensibilização e alteridade que promovam a inclusão e combatam os preconceitos. As pesquisas detêm o potencial de aumentar a conscientização pública sobre as questões raciais, estimulando o diálogo e a compreensão mútua entre os diferentes grupos étnicos. O conhecimento gerado por esta pesquisa pode ajudar a construir uma sociedade brasileira com mais consciência de que se deve falar sobre identidade racial desde a infância. Conforme se entende que:

> a construção da identidade negra das crianças sofre forte e direta influência da prática pedagógica das professoras, uma vez que não se separa o ser profissional do ser pessoal, englobando, portanto, suas aprendizagens adquiridas durante a vida, então, sua própria identidade é/faz parte de suas ações cotidianas dentro da escola (Medeiros, 2019. p. 235)

Ao enfrentar a persistência de disparidades sociais e educacionais entre grupos raciais no Brasil, a pesquisa destaca a necessidade de compreender profundamente os caminhos da identidade racial para combater o racismo estrutural. A importância desta investigação é evidente na medida em que busca preencher lacunas no conhecimento existente e contribuir para políticas mais informadas e programas de conscientização, promovendo uma sociedade brasileira mais justa, inclusiva e consciente da importância de discutir e compreender a identidade racial desde a infância.

Assim, esta pesquisa oferece uma análise sensível sobre o ser "pardo". Ao compreender a interseção do colorismo com a complexa tessitura social brasileira, é possível vislumbrar oportunidades para enfrentar esse fenômeno. Este estudo não apenas amplia o entendimento da diversidade humana e das

questões de pigmentação da pele, convidando à reflexão e à ação para promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em diálogo com as autoras e autores: uma imersão nos estudos sobre pardos

A construção da identidade racial do brasileiro tem diversas influências e uma delas é o mito da democracia racial, à crença de que o Brasil é uma nação onde todas as etnias possuem os mesmos acessos, onde as diferenças sociais levam à convivência pacífica entre diferentes povos, sem preconceitos e discriminações. No entanto, esta visão tem sido amplamente contestada através de dados que comprovam que existem diferenças raciais e com isso discriminação no Brasil elementos que aprofundam as relações étnico-raciais. Florestan Fernandes (1972) defende que "criou-se e difundiu-se a imagem do 'negro de alma branca' - o protótipo do negro leal, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente" (Fernandes, 1972, p. 24)

A miscigenação não foi um processo pacífico, mas sim resultado de relações de poder desiguais, marcadas pela dominação e pela exploração. A ideologia da branquitude, que valoriza os traços europeus e desvaloriza as características africanas e indígenas, contribuiu para a construção de uma hierarquia racial que persiste até os dias atuais. Cida Bento (2022), com sua obra "O Pacto da Branquitude", nos convida a refletir sobre a complexidade do racismo no Brasil e a importância de desconstruir os privilégios da branquitude para construirmos uma sociedade mais justa e equitativa.

A identidade étnico-racial é uma parte importante da experiência humana, afetando a forma como uma pessoa se percebe e como os outros a percebem. Reconhecer e celebrar esta identidade é essencial para promover a diversidade, a igualdade e a justiça social. Compreender o significado da identidade racial ajuda a criar uma sociedade mais inclusiva, onde todos tenham a oportunidade de prosperar e participar plenamente.

O sistema educacional, por meio de seus currículos, práticas pedagógicas e interações sociais, exerce um papel fundamental na formação da identidade racial dos indivíduos. Desde a infância, a escola contribui significativamente na construção da percepção que temos de nós mesmos e dos outros, influenciando a forma como nos relacionamos com a raça e a etnia.

Através dos conteúdos ensinados, dos exemplos apresentados e das relações estabelecidas no ambiente escolar, a identidade racial é construída e reforçada, podendo tanto promover a valorização da diversidade quanto perpetuar estereótipos e preconceitos. A escola, portanto, se torna um espaço crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na medida em que promove a educação para as relações étnico-raciais e o respeito às diferenças.

Analisar como a história e a cultura afro-brasileira são ensinadas nas escolas é fundamental para compreendermos como as percepções raciais são moldadas desde a infância. A forma como esses temas são abordados nos currículos escolares influencia diretamente a autoimagem e a visão que os estudantes têm de si mesmos e dos outros.

Ao apresentar uma visão eurocêntrica e apagando a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira, a escola reforça estereótipos e desigualdades. Por outro lado, ao valorizar a história e a cultura afro-brasileira, a escola contribui para a construção de uma identidade racial mais positiva e para a promoção da igualdade racial. É por meio do ensino de uma história mais completa e diversa que podemos desconstruir o racismo e construir uma sociedade mais justa e equitativa.

As políticas públicas, como as cotas raciais em universidades e o Estatuto da Igualdade Racial, influenciam diretamente a identidade racial ao criar oportunidades e enfrentar desigualdades históricas. Investigar o impacto dessas políticas na mobilidade social e na autoimagem das comunidades é um caminho essencial, o que fazem os cidadãos que possuem um direito, mas nunca foram ensinados ou pensaram em quem são nessa divisão de “cor”? A quem só se questiona da “obrigatoriedade” de se posicionar

quando sua raça/cor quando perguntado se utilizará as cotas em processos seletivos?

Apesar da sociedade brasileira ser marcada por uma diversidade racial e étnica notável, resultante de séculos de miscigenação. No entanto, essa diversidade não se traduz necessariamente em igualdade social ou na ausência de preconceitos raciais/racismo. A persistência de disparidades sociais, econômicas e educacionais entre diferentes grupos raciais no Brasil levanta questões cruciais sobre a construção da identidade racial e os fatores que a influenciam.

O país ainda enfrenta desafios relacionados ao racismo estrutural, que se manifestam em diversas esferas da vida, desde o acesso desigual a oportunidades até a representação encontrada nas mídias. Diante desse contexto, é essencial compreender os caminhos da identidade racial no Brasil para promover a igualdade e combater o racismo de maneira eficaz.

Ao estudar o livro de Midria da Silva Pereira traz intitulado "A menina que nasceu sem cor", identifica-se uma metáfora da cor, a falta de cor na menina, protagonista do livro, simboliza a complexidade da identidade negra, principalmente da mulher negra com fenótipos mais claros. A poetisa, ao negar à jovem uma cor específica, questiona as classificações binárias e reducionistas impostas pela sociedade, abrindo caminho para um debate mais amplo sobre a diversidade das experiências negras (Pereira, 2020).

A diversidade racial é uma marca inegável da população brasileira, onde a categoria "parda" se destaca numericamente. No entanto, essa categoria, historicamente construída, frequentemente posiciona os indivíduos pardos em um "não lugar", um espaço ambíguo e pouco definido nas relações raciais. Esse lugar, muitas vezes desconfortável e inadequado, um espaço onde a pessoa parda não se sente plenamente reconhecida ou aceita, enfrentando a invisibilidade e o apagamento de sua ancestralidade e cultura, reforça a necessidade urgente de uma educação que valorize a diversidade étnico-racial desde a infância.

Ao proporcionar um ambiente escolar que reconheça e respeite as diferentes identidades, a educação infantil pode contribuir significativamente para a construção de uma autoestima saudável e para o desenvolvimento de relações interétnicas mais justas e equitativas. É nesse contexto que a escola se torna um espaço privilegiado para desconstruir estereótipos, promover a igualdade e fortalecer a identidade racial de cada indivíduo.

Segundo Silva (2019), em seu estudo sobre Identidade Étnico-Racial na Educação Infantil, enfatiza a importância crucial da educação nessa primeira fase da vida para a construção de identidades étnico-raciais saudáveis e conscientes. A autora argumenta que, desde a infância, as crianças são socializadas e moldadas por representações sociais e estereótipos, o que influencia significativamente sua percepção de si mesmas e dos outros.

Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental ao oferecer um ambiente inclusivo e diverso, onde as crianças possam explorar e valorizar suas diferenças étnico-raciais. Ao promover práticas pedagógicas que abordam a diversidade de forma positiva e crítica, a educação infantil contribui para a formação de cidadãos mais justos e equitativos, capazes de reconhecer e respeitar as diferenças e de combater o racismo e a discriminação.

Ao interpretar o conteúdo apresentado no livro "A menina que nasceu sem cor" (Pereira, 2020) o que se vê é a necessidade de uma educação de forma ampla e participativa que envolva a família, comunidade e a escola, a escola sozinha não tem o condão de resolver um problema estrutural de conhecimento e reconhecimento. Silva (2019) chama atenção para a importância da parceria entre a escola e a família para a construção de identidades étnico-raciais positivas, uma vez que a família é o primeiro espaço de socialização das crianças.

Já Trindade (2011) explora a importância da voz da criança na construção da identidade étnico-racial nas escolas, utilizando a educação infantil como campo de estudo. A autora defende que a escuta atenta e valorização das perspectivas das crianças são elementos cruciais para a criação de um ambiente educacional

inclusivo e que promova a construção de identidades étnico-raciais saudáveis.

Em uma das páginas do livro "A menina que nasceu sem cor" a autora (Pereira, 2020), falando em primeira pessoa, afirma que cresceu sabendo que a mãe e o pai tinham cores bem definidas, porém, a menina não era da cor dos pais e tão pouco encontrava algo no céu que se parecesse com ela e por isso "E se sentia sem cor." (p. 5) o que pode ser visto no texto é a importância de incluir a criança e suas vozes na construção de uma educação efetiva, quantas "Midrias" existem no Brasil, um país de dimensões continentais e que em cada parte de seu território se vê formações populacionais, educacionais de cultura e estrutura social diferenciada?

Vale citar, a necessária pesquisa de Ueliton Santos Moreira Primo, intitulada "Experiências de Racismo e o Desenvolvimento da Identidade Étnico-Racial em Crianças Negras e Brancas"(2020), que traz uma contribuição significativa para a compreensão de como o racismo influencia a formação da identidade étnico-racial desde a infância. Ao comparar as experiências de crianças negras e brancas, o estudo revela as desigualdades e desafios enfrentados por cada grupo e a importância de abordar o tema da raça desde cedo e para isso há necessidade de literatura adequada.

A literatura infanto-juvenil desempenha um papel crucial na formação da identidade étnico-racial das crianças. Através das histórias, as crianças entram em contato com diferentes culturas, valores e perspectivas, o que contribui para a construção de uma visão de mundo mais ampla e inclusiva (Machado, 2010).

Apesar da importância dessa literatura, ainda existem desafios a serem superados, como a falta de diversidade nas obras disponíveis na maioria das bibliotecas escolares e a necessidade de formação de professores para trabalhar com esse tema. No entanto, há um movimento crescente em busca de uma literatura infantil mais inclusiva e representativa, que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos (Costa, Pereira, 2022).

A partir dessa narrativa literária, a pesquisa buscou compreender como são construídas e reforçadas as percepções de identidade, especialmente para aqueles que se identificam como pardos, e como essa construção é influenciada por elementos históricos, sociais e familiares. O diálogo com outros teóricos permitiu aprofundar a análise e trazer uma visão crítica sobre as dinâmicas de exclusão e resistência que atravessam o processo de formação da identidade étnico-racial, evidenciando a importância de ações afirmativas e de uma educação inclusiva desde a infância, que promova o reconhecimento e o orgulho das múltiplas heranças culturais presentes na sociedade brasileira.

Amostra

O livro "A menina que nasceu sem cor" de Midria da Silva Pereira e Ilustrado por Ana Teixeira foi publicado pela editora Jandaíra no ano de 2020 é um livro indicado para crianças, composto por 36 páginas. Com uma linguagem leve, o texto tem definições sucintas e adequadas ao entendimento do público alvo, crianças e adolescentes, com domínio da leitura que estão a aprender de forma leve o conteúdo apresentado por meio de uma história real, da autora, história essa que é vivida por muitos brasileiros.

O livro "A menina que nasceu sem cor" desvela de forma poética as complexidades da experiência de ser negro no Brasil, aprofundando a discussão sobre o conceito de "cor". A autora explora as nuances e contradições presentes nessa experiência, revelando as violências simbólicas e materiais que a acompanham. Em particular, o texto tece uma crítica ao colorismo, forma de discriminação racial que privilegia as pessoas negras com fenótipos mais claros, evidenciando as desigualdades e hierarquias presentes dentro da própria comunidade negra. Através da voz da protagonista, a autora convida o leitor a refletir sobre a construção social da cor e seus impactos na autoestima e na identidade de indivíduos negros.

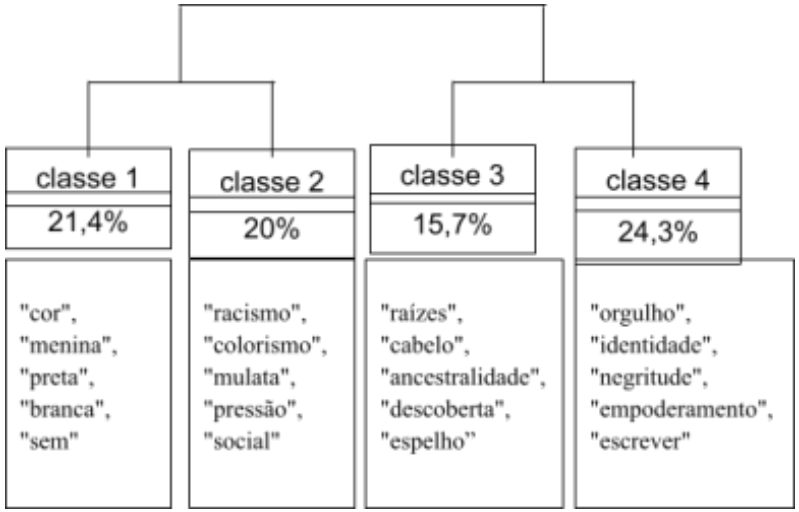
Procedimentos

A partir de uma análise textual minuciosa, foi utilizado o software Iramuteq, este trabalho buscou identificar os principais elementos que compõem a construção da obra, prestando especial atenção ao lugar de fala da autora e como a sua construção de uma identidade social da pessoa parda, bem como as implicações dessas construções para a compreensão da diversidade étnico-racial brasileira. Para este estudo em específico foi utilizada a análise de similitude e a nuvem de palavras. Cujos resultados são descritos no tópico a seguir.

Resultados e discussão

A fim de identificar no livro "A menina que nasceu sem cor" elementos que pudessem dialogar com a identidade étnico-racial negra, especificamente para as pessoas de pele parda, o texto foi submetido a análise dos léxicos para identificar suas dissonâncias e similitudes, ao que o programa retornou com os seguintes dados: As Unidades de Contexto (UC's) foram divididas com base nos títulos e temas indicados no *corpus*. Cada unidade temática contém uma série de parágrafos que abordam um aspecto específico da história de Midria, que foram agrupados em classes conceituais. De modo que foram identificadas a partir desta análise, quatro classes de palavras que estão representadas no dendrograma presente na figura 1.

Figura 1. Dendrograma contendo as quatro classes identificadas durante a análise dos léxicos.



Classe 1 – Identidade Racial e Dúvida sobre Cor

Esta classe aborda as dúvidas de Midria sobre sua identidade racial e como ela lida com as diferentes denominações e a falta de identificação com uma cor específica. E foram identificados os seguintes segmentos como sendo representativos:

> Midria cresceu sabendo que sua mãe e seu pai tinham cores bem definidas, a menina porém não era preta como o céu à noite nem branca como a lua, tampouco encontrava algo no céu que se parecesse com ela e se sentia sem cor. (Pereira, 2020, p. 05)

> Alguém disse que ela era mulata, mas Midria descobriu que essa palavra não era uma maneira gentil de se referir a uma pessoa. (Pereira, 2020, p. 07)

Classe 2 – Influência Cultural e Pressão Social

Esta classe explora influências culturais e sociais que moldam a percepção de Midria sobre si mesma, como o racismo, o colorismo e as expectativas em torno de sua aparência. E foram identificados os seguintes segmentos como sendo representativos:

> Midria cresceu cercada pelo afeto de pessoas diferentes dela como uma semente colocada no mundo sem a luz de um céu estrelado que a ajudasse a germinar. (Pereira, 2020, p. 11)

> Ela descobriu que existia uma coisa chamada racismo, descobriu também que o jeito como ela mesma se enxergava era influenciado por teorias como o colorismo. (Pereira, 2020, p. 25).

Classe 3 – Descoberta e Aceitação das Raízes

Esta classe aborda o processo de Midria de entender e aceitar suas raízes, registrando sua negritude e se reconectando com sua ancestralidade. E foram identificados os seguintes segmentos como sendo representativos:

> Uma manhã, uma menina se olhou no espelho como fazia todos os dias buscando se encontrar e descobrir que seu cabelo poderia estar cheio de cor, das cores que ela não enxergava em si. (Pereira, 2020, p. 18)

> Midria ouviu encantada aquela canção e sentiu toda a força das ancestrais que ela carregava. (Pereira, 2020, p. 21)

Classe 4 – Empoderamento e Resgate da Identidade

Esta classe foca no momento em que Midria resgata sua identidade e se sente empoderada para reivindicar suas raízes e seu coração, afirmando seu orgulho de ser negra. E foram identificados os seguintes segmentos como sendo representativos:

> A menina compreendeu a importância de se pensar a violência desse processo para que ele jamais se repetisse. E, também, para que cada vez mais meninas e meninos conseguissem enxergar sua própria cor ... (Pereira, 2020, p. 30)

> Por isso é que ela escreveu este livro. Para deixar de ser a menina que nasceu sem cor. Para se tornar a menina que carrega no corpo o orgulho imenso de poder gritar. (Pereira, 2020, p. 33).

O contexto das frases destacadas e demonstrado nas discussões deste artigo, são amplas e significativas, principalmente

na construção da identidade de pessoas pardas. A construção da identidade como fenômeno social, amplamente influenciado pela sociedade em que vivemos e todas as suas características e mazelas, incluindo aqui a racismo, colorismo e outros mal estar social de preconceitos velados e não tão velados assim.

A identidade étnico-racial do brasileiro passa por diversas fases de construção e assim a dúvida um dia atravessa esses indivíduos ou até se desenvolvem dia após dia sem uma "definição", que bom que a Midria apesar de todo o contexto chegou em sua verdade, que assim seja e que existam cada vez menos "Midrias" nesse estado de indefinição/não-lugar, que nascemos sabendo o que somos.

Figura 2. Nuvem de palavras gerada a partir do programa.



"A menina que nasceu sem cor" é em muitos momentos um sentimento, uma vida e um não lugar, essa é uma história real de muitos, a cor é sim um tema ser discutido de diversos pontos, as diversas cores desenvolvia ao longo do ano por uma pessoa parda, por vezes, não é confortável alegre ou comemorada pela "passibilidade" de um preconceito/racismo velado ou não tão mito da igualdade racial assim, e para enfrentar isso resta-nos estudar e tomar nota. É interessante entender que passabilidade é a capacidade de uma pessoa ser considerada parte de um grupo ou categoria identitária diferente da sua. Pode ser relacionada a

identidade racial, etnia, casta, classe social, orientação sexual, gênero, religião, idade e/ou status de deficiência.

O cabelo é identidade, o cabelo é expressão do ser, o cabelo da mulher negra é uma decisão, é uma atitude que se tem, a diferença do que se quer passar, o sentimento de se apresentar em um espaço como se é se quer ser vista, reconhecida e apresentada, escolhemos uma roupa, escolhemos andar ou não com um batom vermelho e o cabelo também é uma escolha que por vezes foi e é negada ao povo negro.

O que se identifica na imagem 2 são as palavras embasadoras de um sentimento desenhado em palavras, a importância que a construção de uma personalidade carrega e expõe de sua criação, desenvolvimento e estruturação da construção de um ser, seres humanos em sua construção, influências e saberes assim surge o homem social/sociável.

Um desenho feito com palavras, o que pode ser visto nesta imagem produzida com o Iramuteq com base no texto do livro "A menina que nasceu sem cor" é um mapa de palavras, uma clara relação das palavras centrais com as das margens, uma inter-relação das palavras utilizadas no texto em um retrato de força, importância e construção de um contexto e significado.

Considerações finais

A construção da identidade étnico-racial no Brasil, especialmente no contexto da população parda, revela-se como um processo complexo e multifacetado, influenciado por diversos fatores históricos, sociais e culturais. Ao longo deste estudo, a análise da obra "A Menina que Nasceu Sem Cor", de Midria da Silva Pereira (2020), permitiu explorar como a literatura infantil pode servir como uma ferramenta essencial para compreender e discutir as questões de raça e identidade, especialmente na infância.

O trabalho mostrou que a construção da identidade racial parda não ocorre isoladamente, mas é moldada pelas interações

entre escola, família e comunidade. Dessa forma, para promover uma identidade étnico-racial saudável e inclusiva, é necessário abordar o tema de forma colaborativa e integrada, permitindo que crianças como a protagonista do livro, que se veem em um "não lugar", encontrem uma representação adequada e positiva de si mesmas.

Para transformar essa realidade, é essencial que a educação se torne um meio de construção da identidade étnico-racial desde a infância, proporcionando um ambiente onde crianças pardas possam reconhecer, valorizar e se orgulhar de suas raízes. A educação infantil pode desempenhar um papel fundamental na promoção do autoconhecimento, respeito pela diversidade e no combate ao racismo e ao colorismo, elementos cruciais para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O uso do Iramuteq na análise dos dados reforçou a riqueza do vocabulário e das temáticas abordadas pela autora, refletindo as nuances da identidade racial no Brasil e a importância de uma educação que valorize a diversidade étnica desde cedo. Através da obra literária e da pesquisa, conclui-se que a identidade parda, longe de ser homogênea ou estática, é um espaço dinâmico de negociações e descobertas, que requer uma atenção especial por parte das políticas educacionais e sociais.

Este estudo trouxe à tona a urgência de uma análise profunda sobre a construção social da identidade étnico-racial no Brasil, especialmente no contexto da educação infantil. Ao explorar o livro "A menina que nasceu sem cor", de Midria da Silva Pereira (2020), foi possível entender que a construção dessa identidade está intimamente ligada às vivências sociais, culturais e afetivas dos indivíduos desde a infância. A literatura, nesse sentido, emerge como uma ferramenta fundamental para a formação de identidades racialmente conscientes, desafiando estereótipos e promovendo o reconhecimento e a valorização da diversidade étnico-racial.

A categoria "parda", como discutido, é marcada por ambiguidade e uma constante negociação de pertencimento,

especialmente em uma sociedade ainda estruturada por hierarquias raciais que privilegiam a branquitude. O "não-lugar", evidenciado no estudo, revela como muitos indivíduos pardos se encontram em uma posição de invisibilidade ou indefinição racial, o que impacta diretamente na construção de sua autoestima e percepção de si mesmos.

Além disso, o fenômeno do colorismo, profundamente enraizado na sociedade brasileira, reflete não apenas a preferência por características mais claras de pele, mas também a perpetuação de uma forma velada de racismo, que afeta aqueles que ocupam esse espaço de "entre". Essa problemática evidencia a necessidade de repensar as classificações raciais e, sobretudo, a importância de proporcionar uma educação que inclua discussões sobre raça, colorismo e identidade, a fim de preparar as futuras gerações para lidar de forma crítica e consciente com a diversidade racial no Brasil.

O destaque é a escola, em parceria com a família e a comunidade, que desempenha um papel central na formação de identidades étnico-raciais saudáveis. A ausência ou insuficiência de discussões sobre a racialidade nas primeiras etapas da educação pode reforçar estereótipos e perpetuar o racismo. Assim, a inclusão de obras literárias como a de Midria da Silva Pereira nos currículos escolares é um caminho promissor para abordar esses temas de forma lúdica, sensível e acessível.

Por fim, esta pesquisa reafirma que compreender a identidade parda no Brasil exige um olhar interdisciplinar, que considere as nuances históricas, sociais e culturais que moldam essa experiência. Ao refletir sobre as dinâmicas de identidade racial e suas implicações para a vida dos indivíduos pardos, esta investigação contribui para o debate sobre como o Brasil pode avançar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva. A luta contra o racismo e o colorismo, portanto, passa necessariamente pela educação, pelo reconhecimento das diversidades e pela promoção de espaços de pertencimento para todos.

Referências

ARAUJO, D. C. de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, maio/jun. 2018.

AUGÉ, M. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1992.

BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

CAMARGO, B.V. & JUSTOS, A.M. **IRAMUTEQ:** Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais, Temas em Psicologia, Vol. 21, nº 2, 2013.

COSTA, S. da R., PEREIRA, S. da S., & DIAS, L. R. Literatura Infantil e Reflexões Antirracistas no Cotidiano da Primeira Infância. In: **Revista da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 14(39), 2022.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

MACHADO, A. M. **Literatura infantil e diversidade**. São Paulo: Ática, 2010.

MEDEIROS, M. F. de. **Práticas Pedagógicas e Relações Étnico-Raciais**: uma análise da construção da identidade negra da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19133/1/MariaFabr%C3%ADciaDeMedeiros_Tese.pdf> . Acesso em: 07/10/22024.

OLIVEIRA, B. R.; SOUZA, W. M. de; PERUCCI, L. S. Política de formação de professores nas últimas décadas no Brasil: avanços, desafios, possibilidades e retrocessos. In: **Roteiro**, v. 43, 2018.

PEREIRA, M. da S. **A menina que nasceu sem cor**. São Paulo: Jandaíra. 2020.

SILVA, N. D. Identidade Étnico-Racial na Educação Infantil: Reflexões sobre Práticas e Desafios. In: **Educação & Realidade**. 2019.

TRINIDADE, C. T. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.** Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2011.

Um olhar crítico diante das ocorrências de discriminações no espaço educacional: a obra "Pretinha eu?" de Julio Émilio Brás

Roseli Xavier do Nascimento[1]
Tatiane Nascimento Xavier[2]
Valquíria Alexandria Santos[3]
Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez[4]

Introdução

O presente trabalho terá como metodologia a pesquisa bibliográfica de natureza básica na apropriação de ferramentas metodológicas e apropriadas para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, com foco principal no assunto: "Educação e interseccionalidade: desafios para a formação social dos discentes visando desconstruir preconceitos para a construção da con(vivência) com a diversidade". Desse modo, será feita uma análise textual da obra de Júlio Emílio Brás, bem como, de outros textos e autores que discorrem sobre as mesmas perspectivas desse assunto, a fim de problematizar posicionamentos, produzindo conhecimentos na sociedade sobre as abordagens de educação e

[1] Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores/as (UNEB).
[2] Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores/as (UNEB).
[3] Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores/as (UNEB).
[4] Doutor em Ciências Sociais – Antropologia (UFBA), Professor Titular de Antropologia, Colegiado de Ciências Sociais (UNEB DEDC Campus I); Pesquisador do Diadorim – Centro de Estudos de Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (UNEB). Pós Doutorado em Antropologia e Saúde, bolsa Capes, pela Mailman Public Health Faculty /*Comlubia University of the New York City*; ofernandez@uneb.br

interseccionalidade, uma temática de extrema importância para desconstruir preconceitos tão predominantes em nossa atualidade.

Conforme o pensamento de alguns autores, suas obras serão refletidas e contextualizadas para abordar sobre educação e relações étnico-raciais, visando frisar acerca dos desafios e superação do racismo nas escolas. Tal perspectiva é pertinente na obra de Gomes (2005). Então, essa será uma das referências indispensáveis para a pesquisa. Da forma que Gomes (2005) relata esse assunto, é muito importante analisar diante de seu posicionamento a respeito da temática, mapeando também a construção da educação interseccional na perspectiva de desvendar melhor o assunto sem escolhas de critérios, ou seja, argumentar sobre as diversidades de modo que não deixe nenhuma questão fora deste contexto, pois a interseccionalidade não permite apenas analisar as múltiplas desigualdades existentes na sociedade, mas também contribui em relacionar esses fatores de desigualdades, opressões e discriminações existentes.

Além desses, serão utilizados os seguintes teóricos para fundamentar está pesquisa: Helena Hathsue Nagamine Brandão, Rogério Diniz Junquieira (2018), Isadora Sorteia da Ponte e Noli Bernardo Hahn (2020), autores que discorrem sobre os estereótipos as discriminações os silenciamentos que ainda existem. Portanto, a partir desses autores serão discutidas maneiras de combate à discriminação e preconceitos, pois é essencial a luta pelos direitos de todos.

No desenvolver da pesquisa será analisado o processo em questão das leis que foram implementadas para classificação dos direitos sociais do povo e sua contextualização com a base curricular escolar que potencializa em levar cada vez mais a aprendizagem essencial deste assunto para a sala de aula, focando na promoção de espaço, inclusão, reconhecimento e visibilidade de todos. A lei nº 10.639 que "altera a lei nº 9.394/96 nos seus artigos 26 e 79, e torna obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino da temática 'história e cultura afrobrasileira'" (dias, 2005, p. 58). além desta, a lei n° 11.645 amplia o escopo da lei n° 10.639 e torna

obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Sabe-se que são desafios de anos em busca de efetivação das leis e de direitos igualitários em relação ao acesso à educação básica e ao ensino superior para todas as classes sociais. Nesse sentido, o objetivo principal dessas lutas foi, ou deveria ter sido, destacar que "o ensino de História deveria levar em consideração contribuições das diferentes culturas, raças e etnias para a formação do povo brasileiro" (Dias, 2005, p. 57).

Assim justifica-se que o presente artigo é de extrema importância, pelo qual visa pesquisar e problematizar sobre a educação de forma interseccional e inclusiva centrada no desenvolvimento de abordagens em relação aos estudos de gênero, raça e sexualidades, utilizando a obra "pretinha eu" de Julio Émilio Brás como um caminho para trabalhar as relações étnicos raciais visto que as discussões dessa temática são importantes e necessárias no campo educacional para erradicar as práticas de discriminações existentes no espaço escolar, o que tem desenvolvido conflitos indesejáveis nesse ambiente (Santos, 2016). Ao decorrer do trabalho de pesquisa serão utilizadas referências bibliográficas de autores que debatem traçando o mesmo percurso dessa temática aqui abordada e tem a mesma visão de trabalho, portanto é fundamental a base por meio de outras obras e pesquisas para enriquecer a produção desse trabalho.

"Pretinha eu?" de Julio Émilio Brás e as consequências do preconceito racial no espaço escolar

É de suma importância abordar e discutir acerca do preconceito racial dentro da sala de aula, principalmente nos anos iniciais que é o espaço em que se dá as primeiras convivências fora do ambiente familiar. Para acabar ou minimizar pensamentos de uma sociedade elitista, padronizada e europeizada é necessário abordar e discutir, com mais frequência, a temática dentro dos

espaços onde se dão as aprendizagens, sendo estes, os escolares e familiares.

A partir da obra *"Pretinha Eu?"* de Júlio Emílio Brás é possível perceber que um ambiente cercado por pessoas preconceituosas e que não conhecem ou não respeitam as diferenças não é um ambiente fácil de se conviver e menos ainda um ambiente educativo. Algumas passagens da obra nos fazem refletir sobre a necessidade da abordagem da temática nos ambientes referidos anteriormente. Pensamentos como o da personagem Carmita e sua família, por exemplo, mostram o quão o ser humano é vazio de sentimentos e conhecimentos e o quanto a sociedade permanece enraizada com vestígios de um passado racista e, infelizmente, situações como essas não acontecem apenas na ficção. Na obra de Júlio Emílio Brás, em uma de suas atitudes racistas, Carmita:

> disse que a mãe dela falou, e que o pai concorda, que gente preta não é muito inteligente, não. Que gente preta é preguiçosa e só vive criando confusão. Falou também que a mãe garante que preto, quando não está na cozinha ou jogando futebol, é ladrão. Parece ser uma grande conhecedora de gente preta (p. 30).

O outro como protagonista da descoberta de sua identidade

Em algumas passagens do livro "Pretinha Eu?", o autor aponta a descoberta de personagens que se reconhece como ser negro depois que passa a entender o reconhecimento da própria identidade, e isso é notório no pensamento da personagem Bel, quando a mesma passa relacionar suas características fenótipas com a da protagonista Vânia e perceber seus traços semelhantes, mas mesmo assim a garota não queria aceitar sua verdadeira identidade, talvez pelo fato de que seu próprios pais sempre quiseram deixar claro para a mesma que ela era uma menina morena e não negra.

Bel descreve seus traços sempre se achando "melhor" ou deixando claro que ela era sim menos negra que a vânia:

> Eu era morena. Não tão preta quanto a Vânia, ou com o cabelo 'ruim' e os lábios grossos, mas eu era morena clara. Tinha os olhos negros. Os cabelos curtos, também pretos, também menos lisos do que gostaria que fossem, mas bem melhores do que os dela. Sei lá, Vânia me assustava. Eu nem sequer gostava de ficar muito perto dela. Era medo de que me notassem a semelhança há tanto tempo ignorada ou simplesmente despercebida. Talvez fosse por causa desse medo que eu mexia com ela como as outras meninas gostavam de mexer. Era assustador admitir que nós duas possuíamos alguma coisa em comum. Apesar de Vânia ser mais pretinha do que eu (Braz, 2008, p. 11).

A personagem Bel não valoriza sua origem por sempre acreditar que seus fenótipos não a configuravam como negra, afinal, sua mãe era uma mulher loira e seu pai um homem "moreno" e advogado, profissão que não era, segundo alguns pensamentos, digna de uma pessoa negra e por isso dava-lhe um bom status social. Sua família possuía ótimas condições financeiras e, assim, ela podia frequentar um colégio de alto padrão, diferente da família da Vânia. Todas essas situações favoreceram para que Bel não aceitasse sua origem negra e quem ela, realmente, era.

Somente após a chegada da Vânia no colégio é que Bel começa a se questionar sobre quem ela realmente era e sobre sua real identidade. Assim como alguns colegas da escola, sua mãe se demonstra preconceituosa sempre que Bel comenta sobre a chegada da nova colega pois sempre encontra uma maneira de fugir dos questionamentos da filha que, por ser uma menina muito esperta, se questiona o fato de sua mãe ter se casado com um homem negro se ela não gostava de negros. Os comportamentos da mãe aumentam ainda mais a curiosidade da filha que começa a observar os álbuns de fotografias da família buscando conhecer mais sobre sua origem e acaba percebendo que muitos familiares paternos não estão presentes no mesmo o que acaba causando muitos questionamentos na menina sobre o porquê da mãe mesmo não gostando de negros ter se casado com seu pai: "penso que meu pai tinha dinheiro e minha mãe, não. Que o pai de minha mãe estava sem um tostão e nem pôde pagar meu pai para defendê-lo

num julgamento de sei-lá-o-quê... Não, não é nada disso" (Braz, 2008, p. 38).

É possível perceber, portanto, que Braz representa em sua obra dois perfis distintos do negro. Um representado pela personagem Vânia que é pobre e de uma família, socialmente, desprestigiada e que sofre com os preconceitos de uma sociedade elitista e o outro representado por Bel que tem seus traços europeizados e que, por fazerem parte da classe média e, portanto, ter uma boa condição financeira acaba negando suas raízes, mas que por fim, acaba encontrando no outro, ou seja, em Vânia, a porta para encontrar sua verdadeira identidade.

Educação e Interseccionalidade: desafios para a formação social dos discentes visando desconstruir preconceitos para a construção da con(vivência) com a sociedade

Combate ao racismo nas escolas nas perspectivas da obra "Pretinha eu?" do autor Júlio Emílio Brás

A literatura infanto-juvenil é de teor importantíssimo desde os para os estudos das relações étnicos raciais no espaço escola desde os anos iniciais aos anos finais levando em consideração a aprendizagem, valorização da diversidade e erradicação dos atos discriminatórios na sala de aula se torna uma ação educacional para atendimento ao direto de todos principalmente da população afrodescendente, grupo esse que é alvo de discriminações na sociedade.

No contexto desvendado na história do livro *Pretinha Eu?* É bem relevante a falta de respeito e empatia às diferenças e isso é notório desde o início ao final da obra, essa ocorrência se dá pelo fato da protagonista Vânia, uma menina negra e de classe baixa que ganha uma bolsa de estudos para estudar no colégio Harmonia colégio este considerado elitista, onde nunca havia estudado uma pessoa negra, a chegada da nova aluna causou muita confusão,

principalmente para um grupo de amigas que não suportava a ideia de estudar com pessoas negras.

Faz-se necessário os estudos das diversidades sociais e culturais na educação e em outros espaços, seja formal ou não, para que haja reconhecimento e valorização do outro, embora seja um grande desafio discutir assuntos como esses em nossa sociedade, pois cada pessoa tem um ponto de vista diferente para analisar cada coisa, mas de certa forma é possível articular movimentações sociais visando conscientizá-los sobre o respectivo assunto acerca de uma educação interseccional para a formação e conhecimento crítico dos discentes? assim como a discussão crítica nesse trabalho diante da obra *Pretinha Eu?* Do autor Julio Émilio Braz, visando desconstruir preconceitos para a promoção da equidade no espaço educacional.

É de extrema obrigatoriedade das instituições de ensino básico ou superior desenvolver atividades voltadas para a reflexão da educação X interseccionalidade construindo uma visão diferente nos seus alunos, e quando falamos de forma interseccional é de modo que sejam abordadas as múltiplas dimensões de diferenças e as lutas existentes nas vidas dos estudantes para combater o racismo e preconceitos que são uma realidade violenta.

Portanto o que é desvendado na obra de Júlio Emílio Braz, o caso de racismo contra a protagonista da obra, Vânia uma menina inteligente que ganhou uma bolsa de estudos para estudar no colégio Harmonia, uma escola elitista onde só estudava alunos brancos e de classe alta e foi justamente por isso que Vânia sofreu vários episódios de preconceitos e discriminações.

A jovem Vânia ao chegar no colégio e passar pelos primeiros episódios de discriminação, o que para ela foi uma surpresa, não se importa com os comentários contra ela, mas por ser uma aluna dedicada e inteligente isso passa a causar indignação aos seus colegas:

> Mesmo depois da surpresa e apesar de mostrar que era uma aluna superinteligente – acho que era por causa disso -, volta e meia tinha alguém implicando com ela.
> - Pretinha, pretinha – repetiam as meninas. (Braz, 2008, p. 10).

Desse modo, Júlio Emílio Braz enfatiza essa temática social para ser repensado e refletido para as demais instituições frisar o conceito interseccional nos assuntos aplicados na escola e na sala de aula,o que é tão real quanto pensamos.

É significativo ressaltar sobre a educação que é construída nessas perspectivas da valorização da diversidade social para o desenvolvimento de conhecimentos críticos dos jovens e adultos. Portanto é indispensável deixar de pensar a educação de modo interseccional, pois a interseccionalidade pode ser usada como ferramenta ou mecanismos pedagógicos para transformação da realidade. Mesmo não sendo uma tarefa que não deixa de haver desafios, a escola como espaço social está responsável pela formação e construção do sujeito e não deve abrir mão dessa missão.

Ao realizar projetos de conscientização sobre diversidade, brincadeiras, palestras que abordem temas como preconceito, discriminação e estereótipos, vão contribuir na compreensão dos alunos nas questões relacionadas à diversidade e inclusão social, por isso alguns estudiosos e pesquisadores tais como, Gomes (2021), Lopes (2014) e Rios (2023) defendem os estudos de gênero, raça/etnia e sexualidades, traçando caminhos em perspectivas da construção do conhecimento dos indivíduos na sociedade em que vivem, dessa forma, eles centram em tratar de assuntos como esses para erradicar os preconceitos que ainda estão permeados em nosso meio, e por meio dos estudos e reflexões os estudiosos apresentam temáticas como essas para promover a compreensão e respeito às diferenças.

Dessa maneira, é importante ressaltar a importância desses assuntos no contexto da sala de aula e no meio social para a construção e desenvolvimento de todos na sociedade contemporânea, e estudos reflexivos voltados para esses assuntos visam desconstruir as discriminações, preconceitos e estereótipos, critérios que se encontram presentes e precisam serem rompidos para uma sociedade de respeito e aceitação do outro. Júlio Emílio

Braz em "*Pretinha Eu*" aponta os pré-julgamentos sofrido por Vânia de forma estereotipada:

> Vânia tinha o cabelo duro preso num monte de trancinhas como aqueles cantores de reggae que a gente vê na televisão. Os lábios eram grossos e vermelhos. Nariz de batata. Os olhos, grandes e brancos. Os dentes iluminavam um sorriso enorme e brilhante como o sol (Braz, 2008, p. 8).

Essas características associadas totalmente com inferioridade à personagem Vânia são alvo de preconceito e discriminação com a jovem. A mentalidade dos colegas de Vânia é geradora de consequências, pois, infelizmente consideram o outro como inferior por ser diferente. É evidente a necessidade dessas obras como objeto de estudo para problematizar a questão étnico-racial em sala de aula e para além desse espaço, visando sempre, minimizar os preconceitos e discriminações que estão enraizados em nossa sociedade.

Segundo Lopes (2014) destaca que, "partilhando de longa tradição das Ciências Sociais que entende a identidade como uma construção social, histórica, política e discursiva (e, portanto, dinâmicas, instáveis, múltiplas, contraditórias etc.), penso ser importante procurar desestabilizar processos normativos de fabricação desumanizadora, degradante, subalternizante e marginalizadora do "outro"; e também problematizar representações nas quais o sujeito é engessado numa identidade ou numa alteridade sem devir, celebrado como "intrinsecamente diferente" ou como uma espécie de diversidade estetizada (p. 06)". Deste modo, é de suma importância que as escolas façam o seu papel em divulgar, ensinar e quebrar o tabu desses temas que muitas vezes são silenciados.

Lopes (2014) vai destacar ainda que "quem atua no campo da educação deveria considerar que não é qualquer modelo educacional que se presta ao desenvolvimento social; e que nem toda elevação da escolaridade faz-se acompanhar do aprimoramento ético dos indivíduos (p. 07)" e muitas vezes essa falta de aprimoramento é o que acaba acarretando na construção

ou na perpetuação de uma sociedade patriarcal onde as questões de raça/etnia e gênero acabam favorecendo para uma vulnerabilidade de uma raça ou de um gênero em relação ao outro. Entrelaçado a essa questão, Gomes (2021) vai dizer que "A construção de uma educação escolar mais humanista voltada para a equidade social é extremamente necessária para o despertar de uma sociedade antirracista (p. 285) ".

Como destaca hooks (2013), "o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks apud Gomes, 2021, p. 289) ".

Segundo Rios (2023) "não é mais possível negligenciar ou silenciar as diversidades presentes nas práticas educativas, constituindo-as enquanto práticas de currículo, em todas as modalidades de ensino para garantir o aprendizado e experiências das diversidades sociais (p. 06)".

Portanto, a partir dos argumentos apresentados fica evidente a necessidade e importância de se pensar em um currículo que leve discussões acerca das relações étnicos raciais e as diferenças sociais como produto educativo para o ambiente escolar, visto que, quanto maior a compreensão acerca dos temas apresentados (gênero, raça e sexualidade), menor será o preconceito, intolerância e discriminação na sociedade contemporânea.

O docente e seu papel na desconstrução das discriminações na comunidade escolar e os desafios encontrados

Sabe-se que a educação, enquanto formadora do conhecimento, possui um papel fundamental na contribuição e incentivos em fazer com que estudantes, professores, pais e a

comunidade escolar como um todo compreendam melhor sobre o assunto étnico-racial e suas diversidades, possibilitando a conhecer as causas e as consequências que permeia o combate ao racismo, mas em algumas situações esse trabalho não tem sido um papel fácil para os educadores pois demanda um ponto de vista de cada um e quando se trata de ponto de vista cada um possui um olhar diferente e as vezes gerando consequências, portanto é um processo desafiador na maioria das vezes.

Os atos de discriminações, preconceitos se formam na construção de estereótipos por motivos de ofensas que afrontam a identidade do ser negro, o povo negro vem lutando a muito tempo pelo seu reconhecimento e o respeito do sua etnia, são cidadãos que ainda buscam a sua representatividade, a voz e a vez, mas são vistos como subalternizados e com olhares preconceituosos o que tem invisibilizados os seus direitos na sociedade.

De acordo com Nilma Lino Gomes é frisado que:

> O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro (2005, p. 54).

Pelas ocorrências desses pré-julgamentos em nosso meios tem ocorrido movimentação social com o respectivo assuntos fim de produzir um conhecimento maior para a comunidade educacional sendo um grupo social sobre as possibilidades de trabalhar ou dialogar a respeito da relação étnico racial para o público escolar, abordando também os desafios existentes trabalhar com esse assunto, o qual em alguns casos gera uma série de violências motivadas pela homofobia e transfobia que são sérios problemas que vem afetando para os profissionais da educação estarem dialogando mais sobre essas temáticas, uma perspectiva para ser

quebrado os paradigmas dos preconceito existentes, pela não aceitação e respeito do outro e de fato é fundamental esse diálogo para a comunidade escolar.

Tendo em vista, é essencial analisar o livro Pretinha Eu? Nas perspectivas de trabalhar o reconhecimento do povo negro em busca da igualdade, potencializando o reconhecimento da educação pública, democrática e de qualidade social, tornando a diversidade seja étnica, de classe, ou sexual como reflexões e analises para a melhor compreensão como fenômeno educativo, se tornando práticas as atividades e ações pedagógicas, o uso e estudos das políticas públicas e dos direitos humanos que também dialogam sobre a questão da diversidade étnico racial.

A literatura Brasileira visa problematizar as denúncias que se fazem presentes nas obras como a de Júlio Emílio Brás, consequentemente abordando a relevância dessas discussões na busca pelas construções de visibilidade, apoio e reconhecimento daqueles considerados diferentes, rompendo com os estereótipos que são tão pertinentes.

Portanto, os estudos da literatura brasileira em sala de aula são de teor importantíssimo, pois é por meio da mesma que é apresentada como o negro é representado e visto em algumas obras, o papel dos personagens negros tem sido sempre invisibilizados e com o estudo crítico da literatura foi possível analisar com outro olhar e perceber o preconceito pertinente nas obras literárias, vale ressaltar as dificuldades encontradas pelos educadores durante a aplicação desse conteúdo em sala, mas esses estudos se tornou meios para erradicar não só a questão do preconceito e do racismo por parte dos alunos, mas para a desconstrução dos estereótipos existentes propiciando reconhecimento, valorização e respeito no espaço escolar, portanto as obras de Júlio Emílio Braz podem e devem ser adotadas nas instituições de ensino.

A Lei 10.639/2003 como políticas de ações afirmativas nos projetos pedagógicos da educação na erradicação das discriminações étnicos raciais

As políticas de ações afirmativas são formadas por um conjunto de políticas públicas desenvolvidas pelas leis governamentais ou pelo grupo do movimento negro. O principal intuito é analisar as desigualdades raciais que predominam na sociedade desde muito tempo até a contemporaneidade, portanto essas ações contemplam para a proteção de determinados grupos e minorias que são excluídos e tiveram direitos negados ou renegados historicamente. Esses grupos sociais são compostos por diferentes minorias da sociedade, assim como imigrantes e ribeirinhos, por exemplo, ou étnico-raciais, especificamente negros, indígenas e quilombolas, denominados como inferiores diante da classe a qual se considera dominantes.

Durante muitos anos as lutas em busca da efetivação de leis e dos direitos igualitários continuaram, e com o intuito de consolidar alguns artigos de leis que não vinham sendo cumpridas e nem aplicadas de forma adequada. O governo Lula sanciona a lei nº 10.639 que "altera a lei nº 9.394/96 nos seus artigos 26 e 79, e torna obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino da "História e Cultura Afro-brasileira (Dias, 2005, p. 58)". Sendo ela desenvolvida para a obrigatoriedade de trabalhar a cultura Afro-brasileira na sala de aula, promovendo a compreensão das diversidades, combate ao racismo e o preconceito, respeito com todos independente do gênero, classe ou etnia.

Ao longo dos anos os grupos étnico-raciais, negros, indígenas e quilombolas sofreram e ainda sofrem com o processo de exclusão e discriminação em diversos espaços da sociedade, sendo em escolas públicas ou privadas, universidade, mercados, hospitais, transporte públicos e vários outros espaços, desse modo esses atos discriminatórios implicaram até mesmo ao ingresso nas universidades e no mercado de trabalho.

Diante disso, os movimentos sociais se tornaram um aliado nas lutas por políticas públicas tendo como papel principal promover mudanças para a diversidade social, possibilitando a integração de direitos igualitários para todos, e é indispensável continuar buscando recursos para que continuem a lutar pela equidade social dos sujeitos.

A educação por sua vez, também tem se mobilizado em prol da diversidade, e essa ação é de caráter importantíssimo, pois a educação sem estudo da diversidade e respeito as diferenças não é educação, uma vez que a instituição escolar se move entre pais, alunos, professores, e a comunidade escolar como um todo na luta pelo respeito à diversidade, essa ação está desconstruindo uma série de pensamentos preconceituosos que perpetuam entrem no contexto atual, e visa promover a construção e educação dos alunos em aprender olhar para si e para o outro, aceitando o gênero, raça, classe e sexualidade, mas não só aceitar como também respeitar, mesmo sendo um desafio, tanto para os movimentos sociais, quanto para as unidades escolares discutir esse assunto, não é impossível continuar sensibilizando as pessoas para respeitar essa causa. Assim como esse trecho do livro *Pretinha eu?* de Julio Emilio Braz:

> As aulas sobre preconceito e discriminação racial — entre outras tantas — duraram uns quatro ou cinco dias. Todos os professores falaram sobre o assunto. Os alunos ouviram com maior atenção
> — muitos, claro, cheios de fingimento, com aquela cara de não-é-comigo comum a quase todo mundo. A maioria parou com a implicância e resolveu dar um descanso pra Vânia. A maioria, não, todos. (Braz, 2008, p. 49-50).

Sendo assim, a promulgação da lei 10.639/2003 como políticas de ações afirmativas nos projetos pedagógicos da educação é essencial na busca da erradicação das discriminações étnico raciais entre outros preconceitos que ocorrem constantemente nos ambientes escolares e na sociedade em geral, evidentemente apesar de ser uma tarefa árdua é necessária e importante.

Ideologia de gênero como romper os estereotipos relacionados as desigualdades e preconceitos

Sabe-se que os estereótipos existem diariamente em nosso meio, e consequentemente isso tem elevado o nível de discriminação e exclusão tanto nos ambientes escolares quanto na sociedade como um todo, ocasionado grandes desafios para quebrar ou desconstruir com os atos discriminatórios, uma vez que isso acontece pelo fato da raça, classe, gênero do indivíduo, o qual é o oprimido.

Sendo assim, uma alternativa seria o estudo da linguagem do discurso que é essencial para se compreender os estereótipos e não os perpetuar pois culminam em falas discriminatórias e pejorativas, visto que quanto mais estudarmos e refletirmos sobre esses discursos começaremos a rever nossas falas e tudo aquilo que reproduzirmos sobre o outro. De acordo com autora Helena Hathsue Nagamine Brandão:

> Nos discursos produzidos pelo homem está toda a sua história, aquilo que foi dito e foi silenciado (que, entretanto, podemos recuperar pelas marcas, pistas deixadas), as relações de interação, de intercâmbio e também as relações de oposição, polêmicas e antagonismos estabelecidos. Enfim, as relações de poder, de dominação, de alianças, de silenciamentos. (p.27-28)

É fato que os estereótipos sempre existiram visto que as pessoas estão sempre classificando o mundo a sua volta e consequentemente criando novos estereótipos gerando assim desigualdades, discriminações e preconceitos, entre outros, com isso, faz-se necessário sua desconstrução, apesar de ser uma tarefa árdua é preciso conscientizar toda uma sociedade para que se torne mais inclusiva e igualitária, através de debates, rodas de conversas, coletivos, entre outras formas e espaços de fala, lutam e buscam por respeito, visto que cada um tem seu lugar de fala, suas vivências se faz necessário ouvi-las para buscar novos conhecimentos e assim combater os preconceitos.

Durante um discurso sabemos que os estereótipos são produzidos com frequência e são passando despercebidos muitas vezes, mas por meios das falas preconceituosos poderíamos usar o discurso para romper e desconstruir com o que foi dito e assim produziremos discussões diante da fala, seja ela intencional ou não. Dessa forma é por meio dos discursos que devemos manifestar e analisarmos criticamente o que são ditos para fortalecimento dessa demanda, dando voz e vez aos que estão inferiorizados na sociedade em que vivem. Sabe-se que é complexo combater e desconstruir os estereótipos, mas um dos caminhos é a educação de jovens, adultos e de toda a sociedade, promovendo o conhecimento de novas culturas e novos aprendizados em geral que são estereotipados cotidianamente. Além disso, adotar políticas que evitam os estereótipos dentro e fora das escolas é relevante para a construção de uma sociedade pautada em valorizar suas diversidades.

Nos últimos anos, a educação e os movimentos sociais tem centrado em problematizar sobre ideologia de gênero bem como, sobre as melhores formas e critérios que podem ser utilizados para analisar esse tema tão pouco discutido no contexto social e com isso busca-se promover a antidiscriminação, valorização e reconhecimento das diferenças, uma vez que, a partir de discussões sobre essas problematizações surge a possibilidade da busca pela igualdade de gênero além de questionamentos críticos sobre estereótipos ligados a sexualidade, assegurando assim, os direitos sociais e culturais de todos. Portanto, é necessário desconstruir uma sociedade que vive presa em uma construção social e histórica que ainda acredita e segue parâmetros de gênero natural, ou seja, dissemina, julga e diferencia atitudes e fazeres ditos de homens ou de mulheres, de meninos ou de meninas.

Desta forma, o foco principal ao se tratar e manifestar sobre ideologia de gênero é tentar romper com a dominação em relação ao gênero feminino rompendo também com preconceitos e estereótipos relacionados a desigualdades e violências, sexismo, machismo, homofobia, misoginia, androcentrismo, entre outros.

Portanto é de fundamental importância o investimento em estudos e pesquisas relacionados a ideologia de gênero, visto que, como destaca Junqueira (2018):

> O fato de a "teoria/ideologia do gênero" não corresponder aos esforços conceituais e de pesquisa elaborados no campo dos estudos de gênero ou aos anseios do feminismo tem levado um grande número de ativistas e pesquisadores a concluírem que se trata de uma maquinosa fabulação. (Junqueira, p.486, 2018)

Nessa perspectiva, de acordo com Ponte e Hahn, alguns gêneros por não se adequarem ao padrão eram ainda são descriminados, por uma sociedade preconceituosa por parte, incapaz de aceitar indivíduos considerados diferentes do que se espere de uma sociedade conservadora e com pensamento antigo. Apesar disto,

> a expressão "gênero" não deve ser vista com estranhamento ou preconceitos generalizados, tendo em vista que a crença de que existem apenas dois gêneros que coincidem com dois sexos já não pode mais ser aceita por uma sociedade contemporânea tão desenvolvida como a nossa. Cada ser humano deve ter o direito de ser reconhecido pela sociedade em que vive, sendo ele mulher, homem, homossexual, transexual, índio, negro, branco, cristão ou ateu. (Ponte; Hahn, 2020, p. 287)

Deste modo, nos tempos atuais não se deve mais aceitar tais discriminações, haja vista que a sociedade contemporânea é constituída por indivíduos com desejos e orientações sexuais diversos. Portanto, são assuntos que devem ser conversados pela sociedade para que os indivíduos cresçam livres e aceitos. Segundo os autores citados acima:

> Qualquer discriminação que fere as identidades sexuais deve ser tratada como uma violação de um direito e de uma liberdade democrática fundamental, assim será possível proporcionar a emancipação e "aceitação para a gama ampla de identificações de gênero e desejos" (Butler, 2017, p.56) possibilitando a compreensão da natureza humana e a reestruturação das identidades socioculturais. (Ponte; Hahn, 2020, p. 288)

É justamente pela falta de abordagem sobre o assunto que "há quem decida não dedicar especial atenção ao tema e outros que, ao abordá-lo, concluam pela inexistência da "ideologia de gênero" (JUNQUEIRA, 2018)". Para o autor:

> Embora razoável, essa negação parece oferecer meios insuficientes ou pouco eficazes para enfrentar as armadilhas de uma estratégia discursiva que, de resto, investe com ímpeto na promoção de pânico moral. Os alegados "adeptos do gender" (objetivados com inúmeros epítetos) podem se vir às cordas, procurando se defender, sem mal conseguir esclarecer ou desmentir um ponto ou outro. Enquanto isso, os "defensores da família" e seus aliados podem ter maiores chances de seguir indômitos, sem serem sequer constrangidos a expor e a debater radicalmente suas ideias e propósitos. Em tais casos, no mais das vezes, a eles basta seguir um roteiro predefinido: manter um ataque alarmista e rotulado do adversário e agregar a isso uma arenga vaga e imprecisa em nome de algo supostamente auto evidente, incontestável e universal: a "família natural", a "inocência das crianças", o "casamento", a "sociedade", a "civilização" etc. (Junqueira, 2018, p. 486)

Dessa forma esses são pontos vistos com uma falsa consciência de olhar para aqueles que assumiram uma sexualidade diferente da heterossexualidade, da subordinação das mulheres, discriminação de sexo, depreciação das mulheres e dos valores femininos, dominação de normas e valores masculinos entre outros, são problemas que devem ser superados para transformar a sociedade com outra visão de mundo, onde tenham mulheres fortalecidas e homens não dominadores e violentos.

Pela organização da hierarquia social o conceito de gênero traça um caminho de identidades dicotômicas, por construção social e cultural que desvalorizam o gênero feminino e isso posso ser visto quando considera o homem forte a mulher fraca, o homem dominante a mulher dominada, as hierarquias entre os dois, quando valoriza as coisas do homem se desvalorizam as coisas das mulheres e a assim seguem uma ordem patriarcal tradicional em que não se vê direitos igualitários. Portanto a sociedade,

> Deve-se continuar lutando contra estas concepções conservadoras que não possibilitam que todas as pessoas possam viver de acordo com suas

> convicções. Os Direitos Humanos e Fundamentais são estipulados para todos os cidadãos e não apenas para os que seguem o modelo social. Deve-se lutar pela não violência, pela não discriminação e pela não opressão, resgatando da marginalização a dignidade de todos os gêneros existentes. (Ponte; Hahn, 2020, p.289).

Contudo, sabe-se que ainda vivemos e uma sociedade onde perpetua discriminações e preconceitos e que por muitas vezes utilizam-se da expressão ideologia de gênero e os estereótipos para diminuir alguns grupos sociais, neste caso, como expressado pelos autores anteriormente é essencial a luta pelos direitos de todos os cidadãos e contra qualquer tipo de violência.

Considerações Finais

Conforme os fatos mencionados nesse trabalho, o pensamento de alguns autores em suas obras foram base para reflexões e contextualizações ao abordar sobre educação e relações étnicos raciais, sobretudo a partir da obra de Júlio Emílio Braz *"Pretinha Eu"*, visando problematizar acerca das relações étnicos raciais, os desafios e superação do racismo nas escolas e isso está bem pertinente nas abordagens de Júlio Emílio Braz. Dessa maneira, o objetivo central do trabalho teve foco em analisar a questão da "Educação e interseccionalidade", apresentando os desafios encontrados para a formação social dos discentes no espaço escolar deste muito tempo até a contemporaneidade, visando desconstruir os preconceitos e discriminações para a construção da com(vivência) com a diversidade.

É necessário falar das relações étnicas raciais e apropriando das políticas públicas que estão a favor do direito desse grupo social. Ao relatar das políticas públicas é preciso lembrar que mesmo sendo consolidadas algumas leis não vinham sendo respeitados e aplicadas de forma adequada, então o governo Lula sancionou a lei nº 10.639 que "altera a lei nº 9.394/96 nos seus artigos 26 e 79, o que foi pautada anteriormente nesse artigo e torna obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino da temática

"História e Cultura Afrobrasileira'" (Dias, 2005, p. 58). Além desta, a lei n° 11.645 amplia o escopo da lei n° 10.639 e torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, possibilitando a equidade e inclusão na educação, mesmo sendo um processo desafiador. Acrescenta-se ainda que a partir de então tem-se uma obrigatoriedade da inclusão do dia 20 de novembro no calendário escolar data em que se comemora o "Dia Nacional da Consciência Negra" além dos estudos e da inclusão da história e da cultura do povo negro nos currículos escolares.

Contudo, consolidações como essas, através da literatura infanto-juvenil, das leis educacionais e a história da própria realidade social complementa e são ferramentas necessárias que ajudam na construção e con(vivência) de uma sociedade que respeita as diferenças, erradicando as discriminações em sala de aula, o que acontece no romance "Pretinha Eu".

Referências

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso.** Museu da Língua Portuguesa.

DARSIE, C.; SARAIVA, E. S. Gênero e diversidade sexual na educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 1-6, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62. Disponível em: http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro4_EducacaoeRER-01.08.24.pdf.

HAHN, Noli Bernardo; PONTE, Isadora Sorteia da. **Ideologia de Gênero**: Uma Categoria a Ser Compreendida e a Ser

Desconstruída. In: Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco UniRios. v. 14,n. 27, p.272-292, Nov- 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. In: **Revista Psicologia Política**. vol. 18 no. 43. São Paulo, set./dez. 2018.

LOPES, Y. (2017). **Rogério Junqueira: conceitos de diversidade**. In: Ver. Diversidade e Educação, v.2, n.3, p. 4 – 11.jan/jun. 2014.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 09-26, 2017.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Diversidade sexual e de gênero na Educação de Jovens e Adultos: por um currículo que respeite as diferenças. In: **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, p. 1 – 12, 2023.

SANTOS, Elisângela dos. **Pretinha, eu? de Júlio Emílio Braz como proposta de combate ao preconceito e valorização étnico-racial na escola**. 2016. 40 f. TCC (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2016.

O devir negro em o "Avesso da Pele", de Jeferson Tenório

Leandro Lopes Fiúza Santos[1]
Suely Santos Santana[2]

Considerações iniciais

O livro "O avesso da pele", de autoria de Jeferson Tenório, escritor negro, publicado originalmente em 2020, apresenta-nos diferentes intersecções entre identidade e memória, a partir das diversas experiências que as coletividades negras atravessam na sociedade brasileira. Estamos refletindo sobre a busca de si a partir da construção relacional de um mundo de representação que atravessa o outro, o filho (Pedro) que busca conhecer o pai (Henrique) a partir do momento que este tornou-se memória. Pedro é uma vítima em luto, assim como milhares de pessoas negras no Brasil para as quais a possibilidade de uma convivência paterna lhes foi roubada, pois aqui mata-se majoritariamente homens negros, deixando claro, como demonstrado no Atlas da Violência (2024)[3], que o direito à vida tem sido usufruído diferentemente entre os sexos e os grupos raciais. Nesse sentido, não é por acaso quando Pedro reflete: "Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo o que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos

[1] Licenciado em Geografia (UFBA). Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na formação de Educadores/as (UNEB), Professor da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA).
[2] Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA-CEAO). Professora Titular (UNEB – Campus V). Coordenadora do AFROUNEB - Centro de Estudos Africanos e da Diáspora Africana nas Américas (UNEB – Campus V).
[3] Cerqueira, Daniel; Bueno, Samira (coord.). Atlas da violência 2024. Brasília: Ipea; FBSP, 2024.

objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero" (Tenório, 2020, p.13).

Em uma sociedade marcada pelo signo colonial, de passado escravista e de um presente tão estruturalmente desigual, a ascensão do negro é exatamente aquilo que se podia esperar, um conflito constante entre opressão, resistência e autodeterminação. Pensar as subjetividades negras, nesse sentido, é uma tarefa desafiadora, afinal, como reflete Fanon (2020), o homem negro que saúda o mundo com um aceno vê esse mesmo mundo lhe amputar o entusiasmo.

O presente trabalho vislumbra estabelecer uma análise coerente entre os elementos de um romance brasileiro contemporâneo e suas correlações no contexto brasileiro, no que concerne à questão da identidade negra. Estabelecemos, assim, para esse estudo, uma base teórica que se fundamenta na articulação textual entre identidade, colonialismo, racismo e memória para interpretação da obra em questão. Nesses termos, fazemos uso da literatura com aquela noção destacada por Antônio Cândido (2006) de ser uma reorganização do mundo em termos de arte. Ressaltamos, assim, a função sociopolítica existente em "O avesso da pele", por provocar em nós, leitores, o senso de curiosidade e questionamento sobre aquilo que nos cerca.

No romance de Jeferson Tenório, Henrique é um dos personagens capazes de expressar, através de sua experiência social, os diversos desafios pelos quais as coletividades negras passam em sociedades como a nossa. Angústia e desespero, identidade e autoestima, violência e memória, amor e solidão..., temas esses que podem ser destrinchados ao longo do livro e que nos fazem refletir sobre o processo de tornar-se quem se quer. Somos conduzidos, assim, através de um rito de transformação, imersos em um contínuo devir. Este processo arrasta consigo tudo o que pode sustentar e moldar a identidade de Pedro, narrador-personagem que busca o protagonismo de sua própria existência, a partir do resgate dos caminhos percorridos pelo seu pai, em uma

construção que perpassa um pertencimento mútuo (copertencimento).

A relação entre identidade e memória não só constitui uma temática presente na obra, como é ela mesma o substrato pelo qual o rio dos acontecimentos da narrativa escava o seu leito. A tessitura de acontecimentos que a distância do tempo nos apresenta como lembrança é constituída também pelas indagações e construções sociais que nos atravessam no tempo e no espaço, e nesse sentido ela nos "agride" ou nos "conforta". Lembremos, como Ana Lúcia Enne (2002, p.9), que "(...) a lembrança, ao contrário das referências históricas, pertence e está no indivíduo, mas isso não a torna única e individual. Mesmo a lembrança aparentemente mais particular possui um caráter particularista, remetendo a um grupo, a um contexto de interação".

Para concluir essa breve introdução, apresento a estrutura geral do artigo que se subdivide em três tópicos de discussão, além das considerações finais. Em um primeiro momento, buscamos discutir os desafios à construção da identidade no interior de uma sociedade marcada pelo dispositivo constante do racismo enquanto processo estrutural de condicionamento das populações negras. As experiências dos personagens do romance nos ajudam a compreender e caracterizar essa condição. No tópico seguinte, estabelece-se a discussão acerca do colonialismo e da colonialidade, e o impacto desses processos no cotidiano do personagem Henrique. A partir de uma análise da formação social do Brasil, busco identificar o lócus da imposição de uma dada sobredeterminação das coletividades negras enquanto grupo social específico, que é introduzido no país em condição de subalternidade, a partir de demandas de ordem econômica associadas à emergência e estruturação do capitalismo. No capítulo seguinte, analisa-se o percurso de Pedro e os desdobramentos da busca de si ao confrontar a memória de seu pai e sua mãe. Reflete-se, assim, acerca da construção da identidade no âmbito das referências particulares do personagem, suas heranças afetivas como possibilidades de constituição do seu ser.

Entre diversos olhares: a construção da identidade negra

Na esteira do pensamento de Fanon (2020), entendemos que o racismo, ao estruturar um sistema de dominação econômica e psicossocial, impõe aos negros um processo de alienação que só pode ser superado a partir do reconhecimento de como esse intrincado sistema é organizado e posto em funcionamento. A jornada realizada por Pedro nos parece, aqui, singular e, em certa medida, revolucionária, pois será através do afeto, do entendimento das condições que determinaram a vida e a morte de seu pai que ele buscará o reconhecimento de si. Por meio dos acontecimentos aos quais o narrador-personagem nos conduz, temos a perda que provoca uma busca, o presente que se esvai e a necessidade de retorno como pré-requisito para saber quem se é.

Pensar a nossa identidade e as questões que nos atravessam constitui uma tarefa fundamental e, ao mesmo tempo, desafiadora, quando vista a partir de uma perspectiva crítica que compreende as violências físicas e simbólicas que estruturam o pleno desenvolvimento de um indivíduo que existe no interior de uma sociedade racista.

Para Munanga (2024), a discussão acerca da identidade está assentada em uma polissemia de visões e discursos, aos quais muito se fala e pouco se explica, em um pêndulo argumentativo que oscila entre caracterizações objetivas e subjetivas, que não raramente se confundem.

Se concordamos com o referido autor, que, ao se falar da construção da identidade negra, possamos balizar a discussão a partir da tomada de consciência da diferença entre "nós" e os "outros", em uma relação de oposição, também é verdade que essa relação será tão diversa quanto as vivências e contextos socioculturais aos quais os indivíduos e grupos estejam inseridos. Podemos afirmar, por exemplo, que a identidade construída a partir da vivência em comunidades de base religiosas, para os diferentes indivíduos inseridos nos terreiros de candomblé, poderá ser significativamente diferente dos grupos populares sem

vínculos com tais comunidades, amparadas em uma religiosidade de matriz africana. Nesse sentido, a discussão já aponta suas possíveis ramificações interpretativas, afinal, estamos entre aquilo que se é aos olhos dos outros e aquilo que somos aos nossos próprios olhos. Em sua reflexão acerca do tema, Stuart Hall (2003, p. 346) expõe uma importante consideração ao destacar que:

> A questão não é simplesmente que, visto que nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças - de gênero, sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se aglutinar em torno de um eixo único de diferenciação.

No universo da obra ficcional "O avesso da pele", Jeferson Tenório introduz a questão sobre o significado de ser negro a partir de um lugar comum que recai sobre o referido grupo social quando se trata da realidade brasileira: a violência física e simbólica associada à experiência do racismo[4]. No primeiro capítulo da obra, denominado "a pele", acompanhamos, então, como as características fenotípicas ganham relevo no processo de descoberta de quem se é aos olhos dos outros, ou seja, somos apresentados àqueles elementos que nos conduzem para uma representação do negro enquanto homogeneidade, e não diversidade, como aponta Stuart Hall (2003). Entendemos que Jeferson Tenório explicita, em um primeiro momento, as problematizações relacionadas aos estigmas que recaem quando somos vistos apenas como um corpo, como uma cor que se move no espaço.

Cabe destacar como torna-se representativo o fato de que tudo que conhecemos sobre Henrique, na obra aqui analisada, vem a

[4] Nos termos desse trabalho compreendemos racismo como "uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertençam." (Almeida, 2018, p.25).

partir da voz de Pedro. Suas observações, sentimentos e reflexões são narrados de maneira a construir um diálogo que, de certa forma, é "imaginário", pois o interlocutor só existe enquanto memória. A diegese do foco narrativo em Henrique, a partir da visão de Pedro, nos parece aqui, não só estilística, mas também estratégica e política, no que concerne as subjetividades associadas aos processos de resgate do passado e, nesse sentido, de uso da memória como herança para descoberta de si através do outro. "Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste" (Tenório, 2020, p.13).

Os estereótipos negativos associados ao corpo negro, e as implicações daí decorrentes, relacionadas ao racismo, fica evidente quando percebemos que Jeferson Tenório realiza uma escolha narrativa que se torna muito elucidativa. Ainda que nos sejam apresentados, nos primeiros momentos do livro, alguns elementos que nos ajudam a pensar a trajetória de Henrique – como o fato de, segundo a narrativa de Pedro, seu pai ser iniciado nas tradições religiosas do candomblé -, é somente aos dezenove anos, durante uma entrevista de emprego, que Henrique parece se dar conta de que a cor da pele possui um significado particular nas relações sociais que estabelece, ao ouvir de seu futuro empregador a frase "não gosto de negros".

> Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. **Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro**" (TENÓRIO, 2020, p.20, grifo nosso).

Henrique defronta-se nesse episódio com o racismo que se manifesta enquanto discriminação racial. Aos olhos desavisados, esse episódio poderia simplesmente constituir um tipo de "patologia" ou "anormalidade" proveniente de uma ação individual de uma pessoa preconceituosa, enquadrando-se naquilo

que Silvio Almeida (2018) denomina de concepção individualista do racismo. No entanto, ao analisar com atenção a estrutura da obra de Jeferson Tenório e, mais precisamente, os elementos que o autor utiliza para caracterizar Bruno Fragoso - aquele que realiza a discriminação -, percebemos que existe uma íntima relação entre o senso de superioridade racial do indivíduo e seu status hierárquico na sociedade capitalista, pois o mesmo não é apenas um homem de pele branca, mas também alguém que tem poder, é rico e está ali exercendo seu domínio, a partir de uma entrevista de emprego, afinal, ele é, naquele momento, o possível empregador de um jovem que procura sua primeira oportunidade de gerar renda e garantir o necessário para manter-se na universidade.

Acompanhamos, ao longo da primeira parte da obra literária de Jeferson Tenório, uma síntese das experiências do racismo, que vão desde ações individuais, passam pela dimensão institucional — associada ao poder como elemento constitutivo das relações raciais — e, por fim, expressam-se tal como de fato são: o racismo como elemento estrutural da ordem socioeconômica de sociedades de passado colonial, baseadas na escravidão de seres humanos a partir da noção de raça.

Nos termos do debate até aqui apresentado, parece-nos importante, diante das experiências as quais o personagem Henrique atravessa, tecer algumas considerações acerca do fator histórico associado à construção da identidade negra no Brasil. Isso porque, tal como sinaliza Kabengele Munanga (2024), a tomada de consciência desse passado histórico nos ajuda a compreender os elementos que envolvem tanto a busca quanto a crise da identidade nos termos do colonialismo constitutivo da nossa formação territorial – elementos esses que ainda hoje permanecem presentes na tessitura de relações estabelecidas neste lado do atlântico.

Um corpo no mundo: um mar de travessias

Quando se pensa o processo de formação social do Brasil, é preciso, de maneira inequívoca, destacar o peso de seu passado

colonial escravista como barreira para ascensão social do negro. Concordamos com Neusa Souza (2021) quando reflete acerca das ambivalências e das fragmentações identitárias no processo de saber quem se é, no contexto da realidade do povo negro. Conforme a autora, ser gente - negar sua condição de escravizado - , constituiu a primeira reivindicação das populações africanas em cativeiro. Posteriormente, com a desagregação da sociedade escravocrata, o ideal de ascensão passou a se associar ao desejo de assemelhar-se àqueles que, na ordem social capitalista emergente, eram reconhecidos como verdadeiros cidadãos: os brancos[5]. Nesses termos, a ascensão social, para ser efetivada, demandava das populações negras a necessidade de internalizar e expressar os valores do seu algoz, "...foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco - ainda que tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente" (Souza, 2021, p.45).

Grada Kilomba, no prefácio do livro "Pele Negra, Máscaras Brancas", de Frantz Fanon, é muito precisa ao concluir que "este princípio da ausência, no qual algo que existe é tornado ausente, é uma das bases fundamentais do racismo" (Kilomba, 2020, p. 37). Da mesma maneira, ainda que analisando as particularidades da história do negro norte-americano, W.E.B Du Bois (2021, p.23) parece chegar às mesmas conclusões, ao expressar que "É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a

[5] Cabe destacar, como Clóvis Moura (1983) o faz, como a política de branqueamento imposta a partir de um discurso "democrático" de desarticulação ideológica e existencial do negro em seu processo de tomada de consciência de si mesmo se fez presente no Brasil. "O colonizador luso estabeleceu, no Brasil, um mecanismo neutralizador da consciência étnica do negro através de uma verbalização democrática. Isto levou a que grandes segmentos negros, tendo introjetado esta ideologia do colonizador, procurasse passar por brancos, ou, pelo menos, promover-se na escala cromática que o colonizador estabeleceu, tendo como modelo superior a ser alcançado o branco." (Moura, 1983, p.123)

própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena".

Analisando em perspectiva, cabe assinalar o colonialismo como fator histórico de desagregação e interrupção dos processos identitários dos povos africanos em diáspora. Na formação da sociedade brasileira, a inserção do negro na colônia portuguesa de além-mar acontece, afinal, através do tráfico atlântico de africanos e isso realiza-se a partir da quebra dos vínculos dos homens e mulheres negras com seu território ancestral e toda gama de cultura e subjetividades subjacentes. Como bem sinaliza o professor Kabengele Munanga (2024, p.12),

> O essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível (...) também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados.

Baseado em Moraes (2001), entendemos aqui a colonização como um processo que tem como fundamento uma sociedade que se expande com os lugares onde ocorre essa expansão, estamos, assim, diante de um ato que acontece a partir da imposição de um agente externo. "A colônia pode ser entendida como a efetivação da conquista territorial" (Moraes, 2001, p.105). Neste território inventado[6] e apropriado a partir do colonizador, e que veio a configurar o Brasil, não fora encontrado, de imediato, riquezas naturais e nem mesmo uma estrutura produtiva pronta, era necessário, dessa maneira, investir no empreendimento colonizador. Nesses termos, a privatização da terra - através das capitanias hereditárias – consolidou-se como a principal estratégia de ocupação. Afinal, essa empreitada apresentaria vultosos custos,

[6] "A América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã" (Mignolo, 2017, p.4).

e as capitanias que prosperaram foram justamente aquelas cujos donatários dispunham de capital[7].

Essa breve digressão favorece a reflexão acerca das condições em que as populações negras foram inseridas na história socioeconômica do país. A necessidade de manter o domínio sobre um território recém-conquistado deu-se a partir de uma geopolítica que exigia mão de obra para a instalação da unidade produtiva: o engenho. É nesse contexto que os africanos são sequestrados e instalados no território colonial. O empreendimento das *plantations*, que já ocorria desde o século XV nos arquipélagos da Madeira e do Açores, é transferido para o mais novo território português de além-mar e vai ter como força braçal principal os grupos negros escravizados.

O apagamento das histórias negras e, consequentemente, a presença de uma memória cindida e a fragmentação das identidades acontece a partir do momento que, no outro lado do atlântico o sequestro é realizado e, se concretiza, por sua vez, no momento em que pés e mãos desembarcam nesse 'novo mundo'[8]. A nossa herança primeira é, nos termos do colonialismo, a tentativa

[7] Não podemos perder de vista que a emergência da *plantation* e suas instituições derivadas constituiu o esboço de nascimento da modernidade ocidental baseada nas trocas de mercadorias e, sendo assim da emergência do modo de produção capitalista. É nesses termos que Achille Mbembe afirma que: "O problema colocado pelo regime de *plantation* e, mais tarde, pelo regime colonial era, na verdade, o da raça enquanto princípio de exercício de poder, regra de sociabilidade e mecanismos de adestramento das condutas vistas ao aumento da rentabilidade econômica" (Mbembe, 2018, p.148).

[8] "Durante o aprisionamento, a comercialização e a travessia do Atlântico ocorrem um processo de negação e apagamento do antigo nome. Havia uma carta régia que dizia que todos os escravos capturados, antes de serem embarcados, deveriam ser catequizados e batizados ainda em solo africano, haja vista que a conversão para o cristianismo era um dos pilares da legitimação da escravidão nas monarquias ibéricas (...) Somente na chegada ao Brasil, após ser batizado novamente por um padre, o cativo recebia um nome cristão. Esse último passava a ser o nome presente nos documentos escritos, ou seja, era o nome que representava o estatuto econômico, político-administrativo e jurídico do cativo na sociedade escravista brasileira." (Palma e Truzzi, 2018, p.314)

de imposição do esquecimento de quem fomos e, por conseguinte, de quem se é. Desse modo,

> se a colonização significa a eliminação da autonomia do colonizado, não só territorial, mas também cultural — como as línguas e as religiões —, colonizar é um exercício que visa desmemoriar as populações em relação à sua própria história, introduzindo a história do colonizador e construindo uma nova memória, onde uns e outros são hierarquizados de acordo com a ordem do colonizador, marcando de forma definitiva a valorização do mesmo, a desvalorização e a recusa do outro. (Henriques, 2014, p.49).

Para Clóvis Moura (1983), o escravismo, ao longo de seus quase 400 anos de existência, constitui o fato histórico mais importante da formação da sociedade brasileira, é ali que o africano transformado em negro tem a sua humanidade esvaziada e torna-se, aos olhos de todo um sistema de produção escravista, uma coisa a serviço do branco, seu senhor.

Esse *ethos* colonial, que perdura e estrutura, em diferentes camadas, a condição do negro na sociedade brasileira, foi encoberto pelo discurso da democracia racial. Esse discurso opera, a seu modo, uma outra dimensão perversa do colonialismo: aquela que justifica as condições em que as populações negras hoje se encontram — alijadas de uma efetiva participação na tomada de decisões e na condução de suas coletividades no interior deste "pátria amada" — como resultado de sua própria inércia ou inabilidade para alcançar determinadas posições na lógica da competitividade capitalista. Reafirmamos, assim, mais uma vez, que uma dada política de esquecimento — e, nesse sentido, de interdição do povo negro ao conhecimento de si — constitui a base sobre a qual se realiza o desenvolvimento socioeconômico e territorial do país. Para Leandro Missiato (2021, p.260):

> Essas políticas de memoricídio se fortalecem e se retroalimentam, [...], de processos discursivos e ideológicos como, por exemplo, a ideia de democracia racial, que faz com que as políticas de morte de memórias operem em fluxo constante de retomada das narrativas coloniais, reativando, sempre que possível, as linguagens do colonizador que asfixiam os discursos negros.

A noção de colonialidade nos ajuda aqui a compreender os atravessamentos que recaem sobre as populações negras oriundas de processos históricos que, sob diferentes camadas, continuam a caracterizar a realidade social e condicionar a experiência do referido grupo em diáspora. De maneira geral, podemos definir a colonialidade como a permanência das estruturas de poder oriundas do projeto colonial. Ou seja, a emancipação e a ascensão das antigas colônias à condição de Estados nacionais não significaram, necessariamente, o fim do domínio ao qual estavam submetidas ao longo da histórica relação de subalternidade perante suas "metrópoles".

> La colonialidad [...] es aún el modo más general de dominación en el mundo actual, uma vez que el colonialismo como ordem político explícito fue destruído. Ella no agota, obviamente, las condiciones, ni las formas de explotación y de dominación existentes entre las gentes (Quijano, 1992, p. 14).

Vivan Matias dos Santos (2018), baseando-se em Quijano (1992), destaca que os alicerces que mantêm a colonialidade em funcionamento são: a racialização, o eurocentrismo e a hegemonia do Estado-nação. De uma maneira ou outra, esses alicerces podem ser identificados em "O avesso da pele". Ainda que estejamos aqui nos debruçando, especificamente, na trajetória de Henrique e nas relações que o seu filho estabelece a partir de um mecanismo retrospectivo de resgate da memória, afirmarmos que seria possível desenvolver com mais profundidade tais elementos a partir da relação com outros personagens, no entanto, essa proposição demandaria um esforço de análise que escapa ao objetivo deste trabalho. Deixemos, assim, em perspectiva.

Nos termos da reflexão até aqui realizada, podemos enfatizar que o personagem de Pedro nos conduz por uma espécie de síntese da ascensão do negro na sociedade brasileira. A experiência literária proporcionada por Jeferson Tenório parece apontar uma relação sempre constante entre o particular e o geral, entre os elementos de uma conjuntura cotidiana e aqueles associados aos condicionantes estruturais que universalizam uma dada

experiência do que constitui o ser negro em sociedades de passado colonial. Concordamos, assim, com Andrey Cordeiro Ferreira quando, ao refletir sobre a noção de colonialidade, expressa que "(..,) ela pode ajudar-nos especialmente como instrumento processual de crítica– epistemológica e discursiva –, como uma espécie de lente que explicita as contradições e os retrocessos dos processos de descolonização" (Ferreira, 2014, p.283).

Como podemos constatar, Jeferson Tenório utiliza da primeira parte do seu livro para, ao nosso ver, apontar as problemáticas relacionadas à construção da identidade negra nos termos da colonialidade. Os desafios enfrentados na inserção do mercado de trabalho, a violência física sofrida por ser "confundido" com um ladrão, as piadas e constrangimentos constantemente percebidos nos relacionamentos inter-raciais - um conjunto de experiências que tem sido utilizado a partir de marcadores sociais que têm no corpo o limite para a definição do negro e da sua identidade. Nesses termos, o racismo constitui a principal forma de fixação de uma imagem, de uma representação[9] do ser negro na sociedade brasileira. Essa visão é construída na experiência cotidiana a partir de uma perspectiva essencialista, baseada na ideia de inferioridade, oriunda de um binarismo simplificador, no qual as diferenças são construídas a partir da contraposição hierárquica dos estereótipos negativos para os negros, e dos estereótipos positivos para os brancos. Estamos, assim, no que Frantz Fanon (2020) denominou de um perverso "esquema epidérmico racial" no qual os discursos culturais projetados no corpo negro são, hegemonicamente, atribuídos pela sociedade branca. O peso do passado colonial se faz presente a todo momento, como destaca Viviane Fernandes e Maria Christiano de Souza (2016, p.116)

[9] "Poderíamos dizer que no mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes" (Kilomba, 2019, p.39)

> Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de "normalidade" e "anormalidade", estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão.

Nos parece que até aqui fica evidente o caráter de denúncia realizado por Jeferson Tenório em "O avesso da pele", acerca do racismo como constituinte geral das dinâmicas sociais no interior da realidade brasileira e, por consequência, do mito da democracia racial. Ainda assim, cabe destacar um fato importante. Mesmo que não possamos limitar individualmente o negro à sua categorização geral associada ao lugar social no qual encontra-se no nosso país, precisamos lançar mão das informações e análises que expõem as condições de realização da vida deste grupo social como medida de reivindicação e luta por conquistas e ampliações de direitos. Estamos, assim, em razão de toda perversidade do colonialismo e de seus atributos ainda materializados, entre a descoberta e a construção subjetiva daquilo que somos individualmente, e aquilo que, no quadro social geral, lutamos para deixar de ser enquanto unidade constitutiva.

Interessante notar que em "O genocídio do negro brasileiro", Abdias Nascimento já se debruçava em todo um capítulo para descrever, a partir de dados estatísticos, onde estava localizada a população negra nessa hierarquia social, e afirmava: "as feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país" (Nascimento, 2016, p. 97). Desde sua publicação original, em 1978, e após mais de quatro décadas de lutas, avanços e retrocessos, percebe-se o poder da colonialidade, do racismo e de toda a estrutura capitalista de exclusão sobre a população negra, sobretudo quando ainda hoje analisamos

qualquer pesquisa[10] séria acerca das condições de realização da vida no tocante ao nosso grupo social.

Nesses termos, concordamos com Munanga (2024) quando afirma que, de maneira abrangente e no contexto político-estrutural, a identidade do mundo negro inscreve-se no real sob a forma de exclusão. É isso que demonstra os artigos e livros utilizados como referência na construção da presente reflexão e também na narrativa literária de Jeferson Tenório, através da experiência do personagem Henrique. Contudo, o ser negro não se encerra aí. Na ordem cotidiana e individual, outros fatores são constituintes da identidade negra enquanto construção particular, como processo de descoberta e experiência associadas à memória que é construída através de acontecimentos particulares, pelos seus lugares vividos e herdados. É através do "avesso da pele" que as nossas subjetividades emergem e nos constituem enquanto pessoas conscientes da própria história.

Quando os caminhos se confundem é necessário voltar ao começo

O substrato teórico no qual assenta-se esse trabalho nos permite, até aqui, pensar sobre o peso do passado colonial e das interdições oriundas de uma colonialidade ainda presente, associadas ao racismo operante em suas diferentes facetas, como elementos estruturantes na alienação que possuímos sobre nós mesmos. O olhar que determinado grupo étnico/racial tem de si é permeado de diálogos, conflitos e uma robustez de processos nem sempre evidentes, muitas vezes associados a percepções particulares no âmbito das subjetividades de cada um. Ao que parece, isso fica evidente na obra ficcional quando analisamos a trajetória de Henrique.

[10] Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu estudo "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil" (2022) demonstram que pessoas negras continuam com o menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento.

Nesse contexto, a palavra construção, de fato, parece ser a mais adequada no tocante à questão identitária. Se as identidades se constituem assim, a partir da interação entre diferentes indivíduos e grupos, em diferentes contextos, essa emergência de si, obviamente, será materializada enquanto processo, aberto e inacabado, derivado do amadurecimento, tanto da pessoa quanto da realidade a qual está imersa. Assim, ao nosso ver, não se pode pensar em identidade em termos de um monólito pronto e acabado que simplesmente caberia aos indivíduos, a partir da tomada de consciência, alcançar. Concordamos, dessa maneira, com Achile Mbembe ao afirmar que "sendo assim, só é possível problematizar a identidade negra enquanto identidade em devir" (2018, p. 170).

Faz-se necessário enfatizar que existe, dessa maneira, uma articulação complexa entre o individual e o social, que perpassa o reconhecimento e valorização de um dado grupo étnico no seio da formação social em análise, assim como da pessoa nesse grupo descortinando quem se é. Como afirma (D'Adesky, 1997, p.167):

> Essas duas formas de reconhecimento estão estreitamente ligadas, pois o reconhecimento estruturado na ideia de inferioridade relativa de uma raça, cultura ou origem étnica é, ostensivamente, um não-reconhecimento ou um reconhecimento inadequado da pessoa ou do grupo a que esta pertence.

Jeferson Tenório escolhe enfatizar, no caso de Henrique, a tomada de consciência a partir da estreita relação entre educação e identidade. Em seu resgate da memória do pai, Pedro então faz a seguinte afirmação:

> (...) naquele mesmo ano em que o Plano Real entrou em vigor e você pôde, pela primeira vez, ver que moedas tinham algum valor de compra, que as maquininhas de remarcar preços nas prateleiras dos supermercados sossegaram, que você conheceu o professor Oliveira. Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido. **Oliveira era poeta e professor de literatura. Usava cabelo black power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. A partir dali sua vida não seria mais a mesma** (Tenório, 2020, p.29, grifo nosso).

Com base no fragmento acima, percebe-se que, além do discurso educacional, e da interação transformadora expressa no âmbito formal da relação entre professor e aluno, evidencia-se também a importância do resgate da autoestima como mecanismo de resistência cultural à marginalização histórica à qual os grupos negros foram economicamente relegados. Mais uma vez, é possível interpretar que a intenção de Jeferson Tenório é destacar determinadas observações, deixando claro que as escolhas feitas na construção de sua narrativa literária não são apenas estilísticas: as caracterizações utilizadas para dar forma às personagens estão impregnadas de intencionalidades políticas.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2002), a escola se constitui como um espaço privilegiado de formação onde, para além das questões formais e disciplinares, haverá a possibilidade do encontro entre diferentes olhares que, ao se cruzarem, se chocam, repelem-se ou são atraídos em comunhão. É nesse sentido que a vida de Henrique se transforma de maneira significativa, afinal, é através do aprendizado possibilitado pelo discurso e ação do professor Oliveira, em sala de aula, que ele, enfim, percebe que 'ser negro era mais grave do que imaginava'. Será nas carteiras do cursinho pré-vestibular popular que ele terá acesso a autores como Malcom X e Martin Luther King e, então, descobrirá a palavra 'negritude'. "Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas." (Gomes, 2002, p.40). No caso de Henrique, a experiência com o professor Oliveira fora responsável por dar início ao processo de tomada de consciência e favorecimento de sua autonomia. Não por acaso, a partir daquele momento, em afirmação de si e, por consequência, em choque com a realidade, até então, negligenciada, ele perceberá com outros olhos a relação afetiva interracial que possuía com Juliana, uma mulher branca:

> (...) os almoços de domingo na casa da avó dela tornaram-se cada vez mais difíceis para você, não que os parentes de Juliana tivessem aumentado as piadas e comentários racistas que faziam, mas é que agora você começara a ter um pouco mais de consciência (Tenório, 2020, p,35).

Se a tomada de consciência encerra a primeira parte da obra, a segunda, intitulada "o avesso", expõe para nós, leitores, o universo maior de memórias de Pedro sobre a sua família. É nesse capítulo que temos maior conhecimento sobre sua mãe, Martha, e sobre as dificuldades que a mesma enfrentou enquanto mulher negra. São expostos seus traumas de infância[11], dores, amores, expectativas e, sobretudo, suas demandas de afeto, oriundas de uma formação inicial difícil, com a perda de mãe e pai, antes mesmo de completar dez anos de idade.

Considerações em devir

Em um primeiro momento, como ficou demonstrado até aqui, o autor se atém aos elementos gerais, aqueles associados a uma condição estrutural que recai sobre homens negros e mulheres negras, filhos e filhas deste solo que não és mãe gentil. Em seguida, buscando aquilo que irá constituir essas identidades para além da questão fenotípica, Tenório afirma a memória e o afeto como mecanismos de restauração e construção da consciência de si, ressaltando um percurso afetivo que favorece o encontro de Pedro com o ensinamento mais precioso de Henrique, a saber:

> É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E **são esses afetos que nos mantêm vivos.** (Tenório, 2020, p,61, grifo nosso).

[11] "Minha mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa" (Tenório, 2020, p.54)

Encontramos aqui aqueles caminhos sinalizados por Grada Kilomba (2019) e bell hooks (2019) quando refletem acerca da constituição das pessoas negras em seus atos formativos. Não basta opor-se ao racismo, é necessário torna-se um novo ser, destituídos dos valores e atributos da colonialidade hegemônica. Esse processo advém, então, do resgate da memória, da força que existe em contarmos nossas próprias histórias.

> Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político[...] enquanto escrevo, em me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (Kilomba, 2019, P.28).

Inspirado nesse fragmento, compreendemos que, com 'O avesso da pele', estamos diante de uma obra que é ela própria um exercício de metalinguagem. Jeferson Tenório, um autor negro, ele próprio depositando entre os diferentes personagens suas vivências e experiências de vida. Radicado em Porto Alegre, professor universitário, escritor premiado, Tenório expressa, através da narrativa literária, um relato sensível e honesto acerca da ascensão do negro na sociedade brasileira. O quanto de Jeferson Tenório existe em Henrique? O quanto de Henrique existe em cada um de nós, homens negros? E o quanto de Pedro existe em cada homem e mulher negra que busca na história dos seus aquilo que lança as bases para a invenção de si e a autodeterminação do seu ser? Nos parece que a narrativa final nos conduz ao começo de tudo, e Pedro, enfim, pode afirmar:

> Não acho que devemos lidar apenas com a lógica dos fatos. Prefiro uma verdade inventada, capaz de me pôr de pé. Eu sei que esta história pode estar apenas na minha cabeças, mas é ela que me salva. Não gosto da morte. Não gosto de partidas. Mas você me ensinou a não ter medo da morte. E não gostar do fim é imprescindível quando se pretende algo na vida, você me disse certa vez. (Tenório, 2020, p,183).

bell hooks (2019), sob a influência do pensamento de Paulo Freire, irá concluir que não basta lutar contra a desumanização, é preciso que haja uma afirmação de si enquanto sujeito que supere o lócus negativo ao qual os grupos negros são historicamente associados. Ao sermos objetificados, somos subordinados aos ditames daqueles que manuseiam nossas representações, valores e modos de estar no mundo, o que leva G. Kilomba (2009, p.28) a concluir que "Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político.".

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** - Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro, 9º edição, OA editora, 2006

CERQUEIRA Daniel; BUENO, Samira. (coord.). **Atlas da violência** 2024. Brasília: Ipea; FBSP, 2024

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**. Afro-Ásia, 1997

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

ENNE, Anna Lucia. **Memória e identidade social**. Revista Contracampo, Niterói, v. 6, 2002

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Sebastião Nascimento - São Paulo: UBU Editora, 2020.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Colonialismo, capitalismo e segmentaridade**: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. Revista Sociedade e Estado, Vol.29, nº 1. 2014

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria (UFMG), Belo Horizonte, n.9, p. 38-47, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. - Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil** Estudos e Pesquisas, 2022

KILOMBA, Grada**. Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. - 1 ed - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MATIAS DOS SANTOS, Vívian. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO), v. 30, p. 1/e200112-11, 2018.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. RBCS vol. 32, nº 94, Jun-2017

MISSIATTO, Leandro Fonseca. **Memoricídio das populações negras no Brasil**: atuação das políticas coloniais do esquecimento. Revista Memória em Rede , v. 13, p. 252-273, 2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**. Geografares, Vitória, nº 2, jun.2001

MOURA, Clóvis. **Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo**. Afro-Ásia, nº 14, 1983

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4.ed. 3 reimpr. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado; 3ed - São Paulo: Perspectivas, 2016

PALMA, Rogério da. Truzzi, Oswaldo. Renomear para recomeçar: lógicas onomásticas no pós-abolição. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol 61, nº2, 2018

QUIJANO, Anibal. **Colonialid y modernidade/racionalid**. Perú Indíg, 13(29): 11-20, 1992

SOUZA, M. Cecilia Cristiano de; FERNANDES, Viviane. Barbosa. **Identidade Negra** entre exclusão e liberdade. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Diálogos geo-literários: olhares sobre as narrativas Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus

Maria Aparecida de Oliveira Gordiano[1]
Suely Santos Santana[2]

Introdução

Este texto propõe uma reflexão inter/transdisciplinar entre a Geografia e a Literatura sob um olhar da vertente Cultural da Geografia e da análise das obras literárias: *Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus

Como em muitas outras áreas, a literatura também foi, por muito tempo, um espaço historicamente negado às mulheres. Muitas autoras, para darem vez e voz às suas escritas, usavam pseudônimos masculinos. Se formos pensar na interseccionalidade da mulher negra, a discussão só aumenta. Nesse sentido, ao voltarmos nosso olhar para as obras *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, o que mais nos impacta não é apenas o conteúdo literário em si, mas a coragem, a força e a determinação de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, periférica, que rompeu múltiplas barreiras para ocupar um espaço no cenário literário nacional.

A pesquisa tem como objetivo discutir as relações do morar e habitar a partir de leituras das obras literárias *Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria.*

[1] Professora da Educação Básica. Graduação em Licenciatura em Geografia (UNEB) e em Pedagogia (UNITER). Especialização em Geografia e Meio Ambiente (UNICAM) e Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es (UNEB); pós-graduanda em Alfabetização e Letramento (UFBA). Mestra em Educação e Diversidade (MPED UNEB). cidinhagordiano@hotmail.com.

[2] Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA-CEAO). Professora Titular (UNEB – Campus V). Coordenadora do AFROUNEB - Centro de Estudos Africanos e da Diáspora Africana nas Américas (UNEB – Campus V).

Para o desenvolvimento do presente trabalho, a abordagem utilizada foi fundamentada em teóricos que refletem acerca da temática proposta, tendo como objeto de estudo a compreensão das questões levantadas nas obras literárias *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria.*

A abordagem escolhida tem base na pesquisa qualitativa, a qual, para Mendes e Silva (2013, p. 207) é uma abordagem essencial à Geografia, já que é muito difícil entender e explicar fatores econômicos, políticos, socioculturais somente com abordagem qualitativa "a abordagem qualitativa baseia-se na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores". Os autores ressaltam, ainda, que a pesquisa qualitativa possibilita estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais.

Dessa forma, na presente pesquisa, o objeto de estudo não pode ser mensurado, não há necessidade de quantificar dados, uma vez que a fonte da pesquisa utiliza obras literárias como fontes bibliográficas para entender o objeto de estudo e interpretar os fenômenos. Também utilizaremos documentos, imagens, música para fundamentar as discussões.

Os métodos de procedimentos empregados foram os métodos históricos e o método subsidiário comparativo. Os históricos que utilizam a pesquisa de dados dos processos históricos, de modo a compreender uma realidade, já o método subsidiário comparativo, que consiste em comparar observando as semelhanças e/ou diferenças dos fatos e fenômenos.

No processo de construção da pesquisa, muitos caminhos metodológicos foram pensados: a abordagem, o tipo, a técnica, os instrumentos e a forma de análise dos dados. Com efeito, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa que, conforme ressalta André (2008, p. 15), "se contrapõe ao esquema quantitativista porque defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas".

Minayo (1994, p. 21) chama a atenção de que a pesquisa qualitativa "se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado". Uma das áreas de estudo das ciências sociais é a Geografia, para a qual, segundo Mendes e Silva (2013, p. 207), a abordagem qualitativa é essencial, pois, torna-se difícil entender e explicar fatores econômicos, políticos, socioculturais somente com abordagens quantitativas, uma vez que, segundo o autor e a autora, a primeira "baseia-se sobretudo na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores". Ambos ressaltam, ainda, que a pesquisa qualitativa possibilita estudar os fenômenos que envolvem os sujeitos e suas relações sociais.

É importante destacar, aqui, nossa busca exploratória por teses e dissertações que dialogam com a Geografia e a Literatura, de modo a demonstrar a relevância e viabilidade da temática no âmbito científico. De modo geral, foi possível observar nas pesquisas realizadas, análises qualitativas, abordagens fenomenológicas, entrevistas semiestruturadas, viés interdisciplinar, bem como fundamentações teóricas e bibliográficas que partem de análises humanistas e cultural e buscam um diálogo da arte com a Geografia. Observou-se, ainda, que há dissertações que utilizam a fonte geográfica para trabalhar a Literatura. Nelas os(as) autores(as) debruçam-se sobre obras literárias, utilizando os espaços representados nos textos literários como elementos centrais de suas análises.

Explorar para conhecer: revisão bibliográfica sobre a relação da geografia e literatura

A fim de melhor conhecimento sobre a relação da Geografia com a Literatura realizamos uma busca de teses, dissertações e livros que retratam o tema. Aqui fica o nosso olhar sobre estes trabalhos. Na pesquisa *Geografia e Literatura: A representação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício*, Andréia

Aparecida Moreira de Sousa (2008) investe no diálogo da Geografia com a Literatura propondo uma análise da obra *Viver é devagar*, de Brasigóis Felício. O espaço urbano de Goiana é palco das discussões da obra. Sousa (2008, p. 22) traz o conceito de cidade para pensar sobre a cidade de Goiânia.

> A literatura expressa na obra de Felício (2003) baseia-se em seu lugar vivido e se estende por toda a cidade. Seu olhar capta várias contradições que se desenvolvem no espaço urbano. As suas crônicas retratam a vida cotidiana, cujos temas estão presentes nas metrópoles dos países periféricos, tais como: a periferia como lugar de miséria, de violação da vida, de gravidez precoce, o populismo eleitoral, a autodestruição da juventude, a sociedade doente, os menores abandonados, e, também, como é locomover-se de ônibus em uma metrópole.

A partir da pesquisa de Sousa (2008), é possível observar que a literatura expressa na obra literária de Felício (2003) se baseia em seu lugar vivido e se estende por toda a cidade. Seu olhar capta várias contradições que se desenvolvem no espaço urbano. As suas crônicas retratam a vida cotidiana, cujos temas estão presentes nas metrópoles dos países periféricos, tais como: a periferia como lugar de miséria, de violação da vida, de gravidez precoce, o populismo eleitoral, a autodestruição da juventude, a sociedade doente, os menores abandonados, e, também, como é locomover-se de ônibus em uma metrópole.

Já em *Geografia e Literatura: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho*, de Heloisa Araújo de Araújo, a pesquisadora faz leituras sobre a cidade de Salvador com análises do Pelourinho, a partir das obras: *Suor* e *Jubiabá*, do escritor baiano Jorge Amado, numa perspectiva do diálogo entre a Geografia e a Literatura. Inicialmente, a autora faz uma explanação sobre o Pelourinho, que é, para Araújo (2007), um lugar de história. Araújo (2007) destaca como a categoria de cidade está presente na Literatura.

Araújo (2007) conta um pouco da história da vida de Jorge Amado. Segundo a autora, na obra *Suor*, Amado (1934) utiliza o bairro Pelourinho como cenário do romance, retratando os

principais problemas sociais, políticos, econômicos e culturais do período. O escritor caracteriza a vivência nos cortiços, estes que são marcados pela dor, miséria, falta de higiene, exploração da Igreja Católica, prostituição. A autora ressalta, ainda, considerações da obra amadiana sobre o turismo no espaço do Pelourinho.

Em *Literatura e espaço: O imaginário em O Cortiço e Vidas Secas*, de Maristela Maria de Moraes, a pesquisadora aborda questões referentes à Literatura e à Geografia, para entender o imaginário. Ela também faz uma reflexão sobre a importância da Literatura na sala de aula. Nas obras *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, Moraes (2012) expõe que essas narrativas são repletas de paisagens, espaços e lugares que estão aliados ao imaginário. A autora destaca, ainda, que em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo o destaque é para o espaço urbano, enquanto em *Vidas Secas* Graciliano Ramos narra aspectos do espaço rural.

A última dissertação analisada *(Re)leituras geográficas: possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar Geografia a partir da Literatura, de Júlio Verne*, enquanto linguagem auxiliar; de Alexandre Dalla Barba de Almeida. O pesquisador analisa como a Literatura contribui para compreensões geográficas, explorando conceitos de espaço geográfico, paisagem e imaginário, a partir das obras literárias de Júlio Verne. Na pesquisa, Almeida (2018) realizou propostas pedagógicas que envolveram as obras de Verne, com alunos de duas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental da Educação Básica.

Almeida (2018) mostra a bibliografia do escritor francês Júlio Verne e descreve a relação da Geografia com a Literatura. Na parte prática da pesquisa, o autor leva o diálogo geo-literário para o espaço escolar. A proposta pedagógica com a obra de Almeida (2018) aconteceu da seguinte forma: apresentação das principais características da narrativa, mostrando trechos do livro, realizou um questionário sobre a relação da obra com conceito geográfico de paisagem e o conceito multidisciplinar de imaginário, em seguida promoveu um diálogo sobre as atividades solicitando aos/as alunos/as que explicassem as suas respostas.

Finalizando nossa revisão da literatura, destacamos a tese *Ensaio de uma experiência ontológica na Geografia de Jorge Amado*, de Natallye Lopes Santos de Oliveira. Baseado em uma pesquisa ontológica, este trabalho foi construído no entrecruzamento entre a Geografia e a Literatura, analisando a temática urbana nas obras *Mar Morto, Tenda dos Milagres, A morte e a morte de Quincas Berro D'Agua* e *Jubiabá*, todos do escritor Jorge Amado. Segundo Oliveira (2017), a escolha pela escrita amadiana deu-se pelas questões de denúncias da realidade especialmente Salvador que as obras explanam. A partir da leitura de Amado, Oliveira (2017) destaca que a cidade de Salvador é fruto dos processos de colonização, da miscigenação, o que consequentemente resultou em uma urbanização concentrada, abrupta e excludente, a qual a desigualdade social demarca este território.

De modo geral, observamos que as pesquisas se constituem em um diálogo inter/transdisciplinar entre a Geografia a e Literatura, uma vez que trazem relevantes contribuições acerca da relação geo-literária, semelhante a que nos propomos aprofundar neste trabalho. Destacamos uma característica comum entre os pesquisadores estudados, qual seja, todos refletem acerca dos conceitos de lugar/cidade/espaço descritos nas obras literárias. Embora os olhares não sejam sobre o morar e habitar, tais trabalhos focam no espaço urbano.

Destacamos também alguns livros que traçam o diálogo entre a Geografia e a Literatura, alguns dos quais muito contribuíram para nossa pesquisa, tais como: *Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias*, organizado por Júlio César Suzuki, Valéria Cristina Silva; *Geografia, Literatura e Arte: Epistemologia, crítica e interlocuções*, de Júlio César Suzuki, Angelita Lima e Eguimar Felício Chaveiro; *Geografia, Literatura e Arte: Reflexões*, de Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Silva; *Geografia e Literatura: Ensaios sobre geograficidade, poeta e imaginação,* organizado por Eduardo Maradola Jr e Lucia Helena Gratão; *Visões imaginárias da cidade da Bahia: Diálogos entre a Geografia e a Literatura*, de Délio Pinheiro e Maria Auxiliadora Silva. Alguns desses livros

são coletâneas e, na maioria dos textos, os(as) autores(as) escolhem alguma(s) a(s) obra(s) literária(s) e realizam análises geográficas.

A título de exemplo, chamamos atenção para o artigo, *O Corta-braço: Uma análise geográfica de uma obra literária*, do autor Jânio Roque Castro. No artigo, Castro (2004) fala sobre o escritor Ariovaldo de Matos, analisa a obra *Corta-braço*, relatando que a narrativa literária aborda a cidade de Salvador, o cotidiano do Beco do Vinagre, uma das vielas pobres da cidade. Castro (2004, p. 52) mostra que "Ariovaldo Matos analisa o enriquecimento de fazendeiros e usineiros no interior do Estado e associa esse fato ao crescimento de bairros considerados nobres de Salvador".

As travessias das moradias da escritora Carolina Maria de Jesus

Para iniciar nosso olhar sobre as travessias das moradias de Carolina Maria de Jesus, teceremos um relato acerca de dados da biografia dessa escritora. Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 e faleceu com 63 anos de idade. Mulher, negra, mineira, filha de lavradores, ela migra para São Paulo e começa a trabalhar como empregada doméstica até ir morar na favela Canindé, onde viveu com três filhos. São obras da escritora: *Quarto de despejo* (2014); *Casa de alvenaria* (1961); *Diário de Bitita* (1986); *Meu estranho diário* (1996).

Dito isto, vamos iniciar a leitura geo-literária voltando o nosso olhar para a favela de Canindé, moradia da narradora personagem na narrativa *Quarto de despejo.* A obra é um diário e tem início com a data de 15 de julho de 1955. A narrativa começa com a narradora relatando o aniversário da filha, quando ela lhe pede um par de sapatos e a mãe não tem dinheiro para comprar. Foi no lixão, seu local de trabalho, onde catava papel para sobreviver, que encontrou o objeto que serviria de presente para a filha. Era um par de sapatos sujo e rasgado. Lavou, remendou e presentou a filha.

Observamos neste relato o sofrimento de uma mãe que almejava dá de presente à sua filha um objeto básico, para calçar e proteger os pés, mas que ela não possuía dinheiro ao menos para comprar alimentos, vale ressaltar que a mesma era mãe solteira,

não tinha ajuda paterna, seu ambiente de trabalho era o lixão, um local o qual a deixava vulnerável a várias doenças, o valor que conseguia não era suficiente para atender as necessidades básicas da família.

A vida das pessoas que trabalham no lixão não é nada fácil, as pessoas que catam lixo, além da venda com os resíduos sólidos encontrados, possíveis à reciclagem, caso encontrem algo possível a sua utilização pessoal é pegado, para o uso pessoal, como é o caso dos sapatos. Até mesmo os alimentos, como podemos observar nas linhas da escritora Jesus (2014, p.78) "Passei no Frigorifico. Havia jogado muitas linguiças no lixo. Separei as que não estava estragadas". Em outro trecho observamos quão vergonhosas as pessoas que submetem a tais situações, Jesus (2014, p. 88) "As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros. Até eu digo que é para os cachorros..."

A fome é um fator avassalador nesses espaços, nos trechos de Quarto de despejo podemos observar o sofrimento de não ter com o que se alimentar.

> Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. (Jesus, 2014, p.84)

Vários são os relatos da dificuldade que é não ter o que se alimentar Jesus (2014, p.90), "fiz café para o João e o José Carlos, que hoje completa 10 anos. E eu apenas posso dar-lhe os parabéns, porque hoje nem sei se vamos comer. Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme."

O sonho de Carolina, assim como dos seus filhos era uma moradia digna como podemos observar nas linhas do texto da escritora, Jesus (2014, p.14) "Quando eu crescer eu compro uma

casa de tijolos para a senhora". No entanto, devido à falta de recursos, não conseguia.

O local onde morava a narradora-personagem era uma favela, lugar segregado da cidade, com condições de vida precária, sem os bens e serviços que a cidade normalmente oferece. A sua moradia era um barraco construído com as suas próprias mãos, o qual não lhe permitia o necessário abrigo e proteção. Neste sentido, é importante refletirmos sobre a questão habitacional no Brasil, uma vez que o morar e habitar sãos questões distintas. Para compreender a questão habitacional dialogaremos com Lima (2015, p.04).

> Como produto de uma necessidade humana básica de onde e como morar, a problemática da habitação constitui-se em um dos elementos fundamentais para a produção e reprodução do espaço socialmente construído. Assim, a habitação não se compõe como um meio isolado, ela faz parte de um contexto, no qual e com o qual mantém relações, um rol de elementos básicos para a educação, saúde, lazer, renda, dentre outros tantos subsídios necessários para a vida humana. Ela possibilita aos indivíduos e aos grupos sociais desenvolverem suas capacidades, realizarem escolhas e inserirem de forma ativa na sociedade. (Lima, 2025, p. 04)

Como podemos observar, a favela do Canidé, assim como as demais favelas do Brasil, não tem esses elementos básicos. Assim, é importante elencarmos um breve contexto histórico sobre o processo de surgimento das favelas, ressaltando que a maioria da população que ali vive é predominantemente negra.

Desde o processo de colonização, os portugueses ocuparam e exploraram as terras brasileiras, impondo grandes transformações. Primeiro a mudança na forma como a população indígena morava, já que eles consideravam pecaminosas as ocas indígenas coletivas e buscaram subordiná-los ao seu modo de habitar. Escravizaram, catequizaram, mataram os que não admitiam tal situação. Como se não bastasse a escravização das populações indígenas, os colonizadores portugueses trouxeram africanos que também sofreram o processo de escravização.

A partir da ocupação portuguesa, o povoamento se intensificou, havendo o surgimento das cidades coloniais, em

meados do século XVI, quando teve início o processo de urbanização. Segundo Abreu (1997), a criação das cidades brasileiras teve atributo exclusivo da Coroa Portuguesa. Surgiram às sesmarias de chão, na qual a doação dessa vez foi do solo urbano aos moradores dos núcleos urbanos para que ali construíssem suas casas, as quais não foram sujeitas a dízimo.

Nesse período, a população escravizada não tinha casa, habitavam as senzalas de seus donos. Quando libertos, em 1888, não tinham nem casa e nem para onde ir. Para Vasconcelos

> A grande massa da população era de origem escrava, sobretudo nas cidades mais ricas, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Os escravos alforriados ou descendentes de escravos nascidos livres, os mestiços ou negros (crioulos ou africanos), todos tinham dificuldades de se inserir numa sociedade escravocrata. Como sobreviver se o trabalho organizado era o trabalho escravo? Alguns dedicavam ao cultivo das terras em torno das cidades. Nas cidades, eles competiam diretamente com os escravos, seja em atividades de ganho, seja em pequenas tarefas ou empreitadas. Alguns tinham um pequeno comércio. (Vasconcelos, 1997, p. 266)

Vasconcelos (1997, p.266) levanta a questão: onde os libertos residiam? É ele mesmo que, juntamente com outros autores, responde ao questionamento. "os pobres brasileiros moravam em pequenas casas na periferia [...] o mucambo como moradia de negros livres [...] em freguesias [...] no sistema clientelista em plena área urbana." O autor aponta ainda a categoria dos escravizados de ganho que sobreviviam por conta própria, mas levavam aos seus proprietários uma contribuição semanal do seu ganho. Segundo ele, haviam informações que eles habitavam também quartos alugados ou dividiam moradias com negros libertos.

Para Gutierrez (2010), o Estado não teve preocupação nenhuma com esses ex-escravizados, não criou nenhum projeto, nenhuma lei que os amparassem. Nada para estimular uma conquista social, pelo contrário, o negro foi fortemente explorado, sendo um trabalhador despreparado para o mercado, sem formação, usava sua força muscular para ganhar alguns trocados. Como alternativa, as pessoas, até então, escravizadas, começaram

a morar em casarões nos centros das cidades, dando origem, assim, aos cortiços. Estes, a partir da justificativa de necessidade da valorização do espaço urbano, e com a especulação imobiliária, vão sendo demolidos e sendo substituídos pelas favelas, como afirma Cavalcanti

> A produção desse espaço, no capitalismo, depende da atuação de seus agentes - os donos de capital, o Estado, as incorporadoras imobiliárias, os segmentos sociais; administrando diversos interesses em conflito e de acordo com a correlação de forças, promovendo a expansão horizontal da malha, a especialização dos lugares, a valorização e a segregação de suas partes. Esse processo é próprio das cidades modernas sob a hegemonia do capital e das relações capitalistas de produção. (Cavalcanti, 2011, p. 02)

Com isso, a questão habitacional acentua-se, haja vista um número populacional elevado no espaço urbano. Maricato (2003) chama a atenção de que, com esse aglomerado populacional no espaço urbano, há uma extensão da área periférica e, junto com ela, o caos urbano, que também se relaciona com a questão habitacional. Em outra publicação, a autora destaca que a tragédia urbana brasileira tem raízes profundas na própria formação do Estado nacional, chamando atenção, sobretudo, para a Lei de Terras de 1850, que privatizou o acesso à terra, e para a transição do trabalho escravizado para o trabalho livre. Esses dois processos, articulados, contribuíram para a exclusão sistemática da população negra recém-liberta do acesso à terra e à moradia digna, lançando as bases históricas das desigualdades socioespaciais que ainda marcam as cidades brasileiras.

Ou seja, o problema habitacional no Brasil foi aumentando, pois o mesmo tem grande relação com o uso do solo, com o acesso à terra, relações de apropriação mediadas pela compra do solo urbano. Carlos (2011, p. 45) enfatiza a importância que o ser humano atribui ao solo.

> O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar na cidade, a partir de determinada ação, seja produzir, consumir,

> habitar ou viver. O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si, não é meramente o de ocupar uma parcela do espaço; ele envolve o ato de produzir o lugar. (Carlos, 2011, p.45)

Percebe-se que a produção do solo mediada pelo sistema capitalista não prioriza a reprodução da vida. Sabe-se que a questão habitacional no Brasil se constitui como um grande entrave desde a sua formação, haja vista a distribuição de terras em sesmarias, as quais privilegiou uma elite branca, em detrimento, principalmente, das populações indígenas e negras. Estes ficaram à mercê de uma sociedade em que o branco português era quem ditava as regras. A conjuntura do crescimento da população urbana, a partir da industrialização que surge no final do século XIX intensificou a problemática habitacional e, consequentemente, muitas pessoas não tem espaço para produzir, reproduzir, habitar.

Assim sendo, grande parte da população brasileira não encontra o solo urbano que o possibilite a habitação, pois o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso do solo urbano. Ressalta-se que o problema não está apenas no fato da falta de moradia, mas também à falta de acesso aos bens e serviços aos quais deveriam ter direito.

O solo urbano foi sendo cada vez mais valorizado, o que dificultava que toda população tivesse uma habitação própria e que atendesse às condições básicas para ocupação. Como também grande parte da população não foi inserida no mercado industrial, o que propiciou um crescimento desordenado do mercado terciário informal, tal fato contribuiu de forma significativa para a promoção das desigualdades sociais.

Outra questão que dificultava a vida na favela eram os/as moradores/as, a vizinhança não gostava de Carolina, por isso violentavam seus filhos Jesus (2014, p.14) "Elas costuma esperar eu sair para vir no meu barracão espancar os meus filhos justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sozinhas e não podem defender-se". Nesta fala, notamos a dificuldade da mulher, mãe e solteira, sem rede de apoio, ao sair para trabalhar

fora precisa deixar seus filhos sem cuidador (a), ao chegar os encontra maltratados. Espaços como esses não tem o mínimo de segurança.

Outro trecho da obra que é possível um olhar reflexivo sobre a questão de gênero é quando o pai de sua filha Vera vai até a moradia, conta, Jesus (2014, p.154) "ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se." Não fica explicito no texto, mas é provável que ele tenha forçado uma relação sexual, o que caracteriza um abuso.

Há uma grande vulnerabilidade na favela, as pessoas que ali vivem ficam sujeitas a violência quer seja por roubos assaltos, quer seja por violências sexuais, a doenças, a desastres... é possível notar nas linhas de Jesus (2014, p.77) "mas aqui na favela não se pode dormir, porque os barracões são úmidos, e a Neide tosse muito, e desperta-me". Em outro relato refere-se à violência, Jesus (2014, p.163) "a pior praga da favela atualmente são os ladrões. Roubam a noite e dormem durante o dia. Se eu fosse homem não deixava os meus filhos residir nesta espelunca. Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás". Neste sentido, para Gordiano e Rodrigues (2020, p. 376) "as favelas são vistas como um dos grandes problemas do espaço urbano nas grandes metrópoles". As autoras Gordiano e Rodrigues ressaltam ainda que.

> a violência se inicia quando o cidadão é excluído, quando lhes são negados os acessos aos espaços públicos, equipamentos e serviços básicos. Assim, percebe-se que a violência não só se resume aos crimes, mas pode se manifestar de distintas maneiras. A própria conjuntura política, social e econômica de um país tão desigual é um tipo de violência aos cidadãos. (Gordiano e Rodrigues, 2020, p. 385)

Carolina tinha um olhar crítico, mesmo frequentado escola até o segundo ano do Ensino Fundamental, ela reflete suas condições e as condições das favelas, Jesus (2014, p.14) "espero que os políticos estinguem as favelas", ela sente necessidade de políticas públicas de um olhar sensível sobre aquele local, aquele povo. Jesus

(2014, p.25) em seu diálogo com o delegado é possível notar suas reflexões.

> Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação [...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubistchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades [„„] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (Jesus, 2024, p. 25)

Carolina Maria de Jesus é um dentre os inúmeros exemplos de pessoas que não possuem habitação, não possuem moradia digna nem acesso aos bens e serviços do Estado. Foi uma artista que expressou por meio dos seus textos as dificuldades vividas nas favelas. Seus textos foram lidos internacionalmente. A escritora encontrava nos escritos um refúgio, uma forma de se libertar daquela vida sofrida, era com a caneta e os papéis encontrados no lixão que ela sentia o alívio de transpor para o papel tudo que sentia. A arte era também uma forma terapêutica de gritar contra aquele status quo; era o que dava sentido à sua vida.

E foi a partir destes escritos que a vida de Carolina Maria de Jesus mudou. quando o repórter Audálio Dantas foi fazer uma reportagem na favela e ao entrevistar Carolina mostra seus escritos e eles se transformam em Quarto de despejo, Jesus (2014, p.90) "o bilhete dizia que a reportagem vai sair no dia 10, no Cruzeiro. Que o livro vai ser editado. Fiquei emocionada."

O seu diário foi publicado e transforma em livro, lido em território nacional e internacional. Daí surge a primeira mudança do seu barraco da favela do Canindé para Osasco, Jesus (2021, p.27) "levantei cedo as horas preparando as roupas, fazendo trouxas para zarpar da favela. "[...] "vou residir em Osasco". Jesus (2021, p. 27) "os repórteres iam chegando para filmar minha saída da favela"

Sua rotina agora, longe dos lixões era em livrarias autografando seus livros, presente em reportagens, almoçava em restaurante. Ela sente-se cansada com a nova vida que leva, mas percebe que seus esforços têm recompensas. Jesus (2021, p.37) "estou apreciando Osasco com tranquilidade, e o ar puro, dá a impressão que eu sai do inferno, e estou no céu".

Com o passar do tempo Carolina sente as dificuldades de Osasco, Jesus (2021, p.135) "que suplicio é a vida aqui em Osasco, tão distante da cidade. Quando saio fico pensando nos meus filhos, os vizinhos, espanca-os e xinga-os. A única coisa que me agrada é a casa".

Carolina passa a escrever seu diário de *Casa de Alvenaria,* volume 1, em Osasco, ela ressalta, Jesus (2021, p.144) "não estou tranquila com a ideia de escrever meu Diário sobre minha vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me" [...] "escrevi contra favelados, fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro".

Nesse trecho observamos vozes de opressão, pois a voz de Carolina indo contra os poderes das classes dominantes de fato, poderia comprometer a própria vida, foi necessária muita coragem, ajuda do repórter Audálio para que a mulher, preta, da favela, continuasse com sua escrita, empoderando, revolucionando.

Em Osasco, Carolina ficava na casa de senhor Antônio Soeiro, assim o imóvel não lhe pertencia, um pouco distante de São Paulo, Carolina conta as dificuldades que tinha de pegar transporte. Ela já tinha entrado em contato com uma imobiliária para obter sua tão sonhada casa de alvenaria.

Assim, o livro *Casa de Alvenaria*, volume 2, vem descrevendo seu diário em sua nova habitação, em Santana, bairro de São Paulo. No entanto, Carolina relata contrariedades com o imóvel que foi comprado, como sujeiras, pulgas! E ela lamenta a falta de tempo para a leitura, pois precisa dedicar o tempo com a limpeza da casa.

É notável nas linhas da obra de Carolina que ela ajudou muitas pessoas, mas também foi muito explorada, Jesus (2021, p.136) "despertei as duas horas e comecei a escrever. As horas que aprecio

é a porque sei que ninguém vem aborrecer-me com pedidos de dinheiro emprestado [...] com esses pedidos estou ficando neurótica". Ela conta que via alucinações de pessoas pedindo dinheiro, hora parecia que iria morrer.

As narrativas de Carolina Maria de Jesus em suas obras vêm retratando sua autobiografia, uma história de muitas lutas e conquistas.

Diante desta análise sobre as obras de Carolina Maria de Jesus, afirmamos a possibilidade de levá-las para sala de aula contribuindo para um olhar sobre a temática da moradia contribuindo significativamente para um aprendizado inter/transdisciplinar. Para Cavalcanti

> Sendo assim, problematizá-los seria uma adequada abordagem no ensino de cidade: orientar atividades propiciadoras do conhecimento e da reflexão sobre os modos como os jovens estudantes vivem e percebem os lugares/locais da sua cidade; como têm se relacionado no cotidiano com eles; como são seus deslocamentos; como se apropriam de lugares em suas ações cotidianas, produzido seus territórios. (Cavalcanti, 2020, p. 46)

A obra tem uma linguagem clara, cativante, traz a temática de forma envolvente, possibilitando além de um olhar geográfico, um olhar sensível e empático com o/a próximo/a.

Considerações finais

Neste sentido, destacamos que o diálogo geo-literário vem ganhado cada vez mais relevância para a Geografia Cultural, os trabalhos analisados são referências significativas, em especial, quando eles vêm fazendo suas análises sobre o espaço urbano o qual é onde encontramos o foco deste trabalho que é analisar as relações do morar e habitar no espaço urbano.

Percebemos que morar e habitar tem sentidos diferentes, enquanto morar dar sentido a localização do lugar de determinada pessoa que pode, infelizmente, ser até mesmo rua, o habitar

consiste em uma moradia com qualidade, usufruindo os bens e serviços que a cidade oferece, ou seja, tendo "direito à cidade.

Assim, ao voltarmos nossos olhares sobres as obras literárias de Carolina Maria de Jesus, é possível ressaltar que a mesma era moradora de uma favela a qual perpassa neste espaço grandes dificuldades, vulnerabilidades entre elas a necessidade mais básica do ser humano que é alimentação, retirando do lixão o sustento de sua família. A escrita foi uma forma terapêutica para a vida da escritora, era ela que ouvia e entendia seus desabafos e foi a partir dessa escrita que ela consegue mudar de vida, conquistar a casa dos sonhos e obter uma habitação com mais qualidade, embora ela também passado por desafios.

Carolina deixa um legado de resistência, de sonhos, lutas e conquistas.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.) **Explorações geográficas**: percurso no fim do século Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ALMEIDA, A. D. B. de. **(Re)Leituras geográficas**: possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) − Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181437. Acesso em: 09 ago. 2020.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas/SP: Papirus, 2008.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. Geografia e Literatura: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. Dissertação (mestrado) da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alexandre. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alexandre. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO Maria Encarnação Beltrão (org.) **A produção do espaço urbano**: agentes e processos escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **O Corta-braço**: uma análise geográfica de uma obra literária. In: PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (orgs.). Visões imaginárias da cidade da Bahia: Diálogos entre a geografia e a literatura [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Estudar e ensinar as cidades latino-americanas**: um desafio para o professor de geografia. Ciência Geográfica - Bauru - XXIV - Vol. XXIV - (1): Janeiro/Dezembro – 2020. Disponível em: https://www.agbbauru .org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv _1-03.pdf Acesso em: 08 jan. 2021.

GORDIANO, Maria Aparecida de Oliveira; RODRIGUES, Maria da Paz de Jesus. **O Cortiço e Cidade de Deus**: uma análise sobre a produção do espaço urbano Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas / Jussara Fraga Portugal, organizadora. – Salvador: EDUFBA, 2020.

GUTIERREZ, Ramão Figueira. Favela uma ferida social através do tempo. Revista **Conhecimento Prático Geografia**. 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria,** diário de uma favelada. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**, diário de uma favelada. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo. Volume 1: Ática. 2021.

LIMA, Zelia Brito. **Questão habitacional.** Disponível em < https://doceru.com/doc/n8e51c0n>. Acesso em 14/08/24.

MARICATO Ermínia**. Metrópole, legislação e desigualdade.** 2003. Disponível em <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CCgQFjABahUKEwio-f_ozYbJAhVJE5AKHT2SApA&url=http %3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fea%2Fv17n48%2Fv17n48a13.pdf&usg=AFQjCNERLWzL3ILiOpb2GVDWBuM6hFBz_g> Acesso em:10/11/2015

MARICATO Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado metrópoles brasileiras.** São Paulo, 2000. disponível em < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjboLG4u_DLAhXBlJAKHWRFDPkQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fspp%2Fv14n4%2F9749.pdf&usg=AFQjCNFLVl62F0yfkB-LyipQzyu3yBjYAg>. Acesso em: 02/04/16.

MENDES, Estevane de Paula Pontes; SILVA, Juniele Martins. Abordagem qualitativa e Geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, Gláucio José (org.) **Pesquisa qualitativas em Geografia:** reflexões teórico-conceituais e aplicadas. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDE, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz; (org.) **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Maristela Maria de. **Literatura e espaço:** O imaginário em O cortiço e Vidas secas. Dissertação (mestrado) – Universidade

Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí e Santa Rosa). Educação nas Ciências. Ijuí, 2012. 101 f.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e Literatura:** A representação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício, 2008. 125p. Dissertação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Goiás.

VASCONCELOS Pedro de Almeida. Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.) (org.) **Explorações geográficas**: percurso no fim do século Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

Reflexões sobre identidade: o impacto da literatura infantil negra na construção étnico-racial, através do livro A pele que eu tenho, de bell hooks

Graziele Marques Serafim[1]
Mariane Martins Campos da Silva[2]
Suely Santos Santana[3]

Introdução

A literatura negra, de modo geral, desempenha um papel fundamental na valorização e preservação da cultura e identidade de pessoas negras ao redor do mundo. No contexto infantil, a literatura negra tem um impacto ainda mais significativo, pois atua diretamente na formação da identidade étnico-racial, autoestima e no reconhecimento das origens culturais das crianças negras.

A literatura infantil negra não apenas apresenta histórias e personagens com os quais as crianças negras podem se identificar, mas também oferece uma narrativa alternativa às representações, muitas vezes estereotipadas e marginalizadas, comumente encontradas na mídia e em outras formas de literatura. Através de modelos positivos e narrativas que celebram a diversidade e a riqueza das culturas negras, essas obras têm o potencial de

[1] Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UNEB). Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na formação de Educadores/as (UNEB)., grazielemarques.se@gmail.com
[2] Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UNEB). Especialista em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras/es (UNEB). marianemartinsped@hotmail.com
[3] Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA CEAO). Professora Titular (UNEB – Campus V). Coordenadora do AFROUNEB - Centro de Estudos Africanos e da Diáspora Africana nas Américas (UNEB – Campus V).

influenciar profundamente a formação da identidade e a autoestima das crianças.

A obra *A Pele que Eu Tenho*, escrita por bell books, renomada escritora, teórica feminista e ativista social norte-americana, é um exemplo significativo de como a literatura infantil pode abordar, de forma sensível e profunda, a identidade étnico-racial. Este livro apresenta, não apenas um narrador personagem que nos faz refletir sobre a realidade das crianças negras, mas também explora temas como a aceitação, o orgulho e a valorização das próprias origens, oferecendo uma narrativa que contribui para a construção positiva da identidade étnico-racial desde a infância.

Nesse sentido, a problemática central deste estudo constitui-se em entender como a literatura infantil negra, exemplificada pelo livro *A Pele que Eu Tenho*, pode atuar como uma ferramenta poderosa na construção da identidade racial de crianças negras. Em um contexto de narrativas, ainda predominantemente eurocêntricas, é essencial questionar: De que forma a inclusão de obras que celebram a diversidade e as culturas negras podem impactar positivamente a formação da identidade étnico-racial dessas crianças? E, mais importante, como essas obras podem ser utilizadas de maneira eficaz no ambiente escolar para promover o empoderamento e a inclusão?

Os objetivos deste trabalho incluem discutir a representação da identidade étnico-racial, conforme o livro *A Pele que Eu Tenho,* refletindo acerca da importância de se incluir modelos positivos na literatura infantil para a formação da autoestima e identidade étnico-racial das crianças negras. Junto a isso, abordar a necessidade e urgência de se incluir a literatura infantil negra no currículo escolar.

Metodologicamente falando, a abordagem adotou a pesquisa bibliográfica como principal estratégia de estudo, por se tratar de uma perspectiva essencial para a reflexão proposta. O tema em questão – a influência da literatura infantil negra na formação da identidade étnico-racial – demanda a análise de conceitos amplamente discutidos na literatura acadêmica, como

representatividade, autoestima e valorização da cultura afrodescendente

Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 18), a pesquisa bibliográfica "[...] é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros, artigos científicos e outros materiais acadêmicos que discutem o papel da literatura infantil, com foco na literatura negra e sua contribuição para o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva. Entre os pesquisadores consultados, destacam-se Grada Kilomba, Chimamanda Adichie, Heloísa Pires Lima, Domício Proença Filho, Maria Nazareth Soares Fonseca, Cristiane Pestana e Marcos Oliveira e nossa renomada e memorável bell hooks, cuja obra *A Pele que Eu Tenho* serve como principal objeto de reflexões neste estudo.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: inicialmente, discutiremos a literatura de modo geral, abordando sua função social e cultural. Em seguida, a análise se volta para a literatura negra, explorando suas características e importância na valorização das Identidades afrodescendentes. Posteriormente, o foco será na literatura negra infantil, destacando seu papel na construção da identidade étnico-racial das crianças negras. Por fim, realizaremos reflexões acerca do livro A pele que eu tenho, examinando como sua narrativa contribui para a formação de uma identidade étnica positiva.

A escolha em refletir sobre a literatura afro-americana, especialmente através do livro *A Pele que Eu Tenho,* de bell hooks, remete a uma observação importante: grande parte das influências culturais, sociais e políticas que vemos no Brasil tem suas raízes ou inspirações em modelos norte-americanos. Isso se aplica especialmente às questões raciais e à luta pelos direitos civis, onde o movimento afro-americano tem desempenhado um papel crucial e, muitas vezes, serve de referência para as lutas e produções culturais no Brasil.

Ao explorar a obra de uma autora afro-americana, como bell hooks, podemos perceber que os temas abordados em sua literatura, como identidade racial, autoaceitação e resistência cultural, encontram eco na realidade brasileira. As experiências vividas por negros nos Estados Unidos têm paralelos significativos com a experiência afro-brasileira, e a literatura afro-americana oferece um modelo que pode ser adotado como uma referência importante, e ressignificado no contexto brasileiro.

A escolha deste livro e desta autora não foi, portanto, aleatória; ela se alinha com uma tendência mais ampla de adotar e adaptar modelos culturais norte-americanos ao contexto brasileiro, especialmente quando se trata de questões raciais. A literatura afro-americana, com suas histórias de resistência e autoafirmação, oferece percepções valiosas que podem enriquecer nosso entendimento das questões raciais no Brasil e fortalecer a literatura negra brasileira.

Concepção atual de literatura: Um olhar sobre a literatura negra

A literatura, como uma expressão artística e cultural, passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos. Desde as narrativas orais até os romances contemporâneos, o conceito de literatura tem se expandido, adaptando-se às mudanças sociais, políticas e culturais. Na contemporaneidade, a literatura assume um papel ainda mais crucial, refletindo as complexidades do mundo moderno e servindo como um espelho das diversas realidades vividas por diferentes grupos sociais.

Entre essas transformações, destaca-se a ascensão da literatura negra, que tem conquistado um espaço significativo no cenário literário global. Essa literatura não apenas narra as experiências de pessoas negras, mas também questiona e confronta os estereótipos e as injustiças históricas que permeiam as sociedades. A literatura negra contemporânea vai além da representação de personagens negros, ela se torna um veículo de resistência, empoderamento e reivindicação de identidades.

A literatura negra oferece narrativas que ampliam a compreensão da diversidade humana, proporcionando aos leitores, sobretudo, negros, a oportunidade de se reconhecerem e se conectarem com histórias que refletem suas vidas e culturas. Essa representatividade é crucial, especialmente para crianças e adultos que, por muito tempo, não se viam nas páginas dos livros. Chimamanda Adichie reflete sobre isso ao afirmar:

> A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (Adichie, 2024,).

Essa citação ressalta a importância de obras que não apenas incluem personagens negros, mas que também contam histórias que ressoam com a realidade e a cultura desses leitores. Assim, a literatura negra contemporânea se torna um meio de empoderamento, permitindo que todos, especialmente as crianças negras, se sintam parte integrante do universo literário, desafiando a ideia de que a literatura deve ser algo distante de suas próprias vidas e experiências.

Adichie (2024) faz essa discussão compartilhando suas experiências pessoais sobre o impacto da descoberta de livros africanos em sua vida. Ela afirma que não existiam muitos livros de literatura negra, mas, com os poucos que leu, pode descobrir novas histórias nas quais se sentia representada. Tais leituras mudaram a sua forma de ver o mundo, pois com elas, redescobriu uma outra vertente na literatura, passou a compreender que pessoas como ela, com sua cor e suas características físicas podiam estar presentes nos livros literários.

A concepção mais atual de literatura, especialmente a literatura negra, busca valorizar as vozes que historicamente foram marginalizadas e silenciadas. Essa abordagem contemporânea da literatura negra é fundamental para desafiar as estruturas sociais

que perpetuaram a invisibilidade e a sub-representação de pessoas negras. Grada Kilomba(2019) ressalta o impacto negativo de representações historicamente negativas acerca das populações negras, ao afirmar:

> Que alienação, ser-se forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros. Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial (Kilomba, 2019, p. 39).

Essa citação destaca a dor e a frustração causadas pela falta de representação positiva e verdadeira nas narrativas dominantes, evidenciando a necessidade urgente de promover uma literatura que ofereça visibilidade e autenticidade às experiências das pessoas negras. Kilomba (2019) complementa essa discussão ao afirmar que as vozes negras são frequentemente ignoradas ou desconsideradas como conhecimento válido, enquanto as de pessoas brancas acabam assumindo a posição de especialistas na cultura negra e, muitas das vezes, distorcem ou se apropriam indevidamente de experiências e histórias negras.

A importância da fala na literatura negra, e na luta pela equidade, vai muito além da simples expressão de palavras. Ela representa uma resistência, uma forma de emergência das vozes e experiências negadas. Quando discutimos o ato de falar, estamos nos referindo a mais do que apenas o uso literal fala, mas ao direito de narrar a própria história, de se posicionar, de desafiar as narrativas dominantes que tentam desumanizar ou invisibilizar a população negra.

Grada Kilomba, ao discutir essa questão, afirma: "Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar nosso próprio nome"(Kilomba, 2019, p. 47). Essa reflexão ressalta que o problema não está na capacidade de fala das pessoas negras, mas na sistemática desqualificação de suas vozes dentro das estruturas

de poder. Assim, a fala é muitas vezes ouvida, mas não reconhecida ou validada, tornando- se, assim, invisível ou desconsiderada.

Historicamente, o silenciamento das vozes negras tem sido uma ferramenta poderosa usada por sistemas racistas para perpetuar a opressão. Ao impedir que os negros falem, as sociedades coloniais e pós-coloniais buscaram deslegitimar suas experiências, retirando-lhes o poder de contar suas próprias histórias. Mesmo na contemporaneidade, esse silenciamento se manifesta de maneiras mais sutis, mas igualmente destrutivas, como a desvalorização do conhecimento produzido por pessoas negras a apropriação de suas narrativas.

A fala, portanto, é fundamental para a emancipação. Ao garantir que as pessoas negras possam narrar suas próprias experiências, estamos não só reconhecendo sua humanidade, mas também abrindo espaço para uma sociedade mais justa, onde todas as vozes tenham o mesmo valor. A literatura negra contemporânea desempenha um papel crucial nesse processo, pois, ao contar histórias a partir das próprias experiências dos negros, contribui para a construção de uma narrativa plural e inclusiva.

Como observa Chimamanda Ngozi Adichie (2024) "Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso". Essa perspectiva reforça a importância de diversificar e legitimar as múltiplas histórias que compõem nossa compreensão do mundo, desafiando a hegemonia de narrativas dominantes e ampliando nossa visão sobre a realidade.

Esse movimento de valorização da literatura negra não apenas empodera os escritores e escritoras, mas também oferece aos leitores, especialmente jovens negros, a oportunidade de se enxergarem nas histórias que leem, rompendo com a alienação imposta pelas representações tradicionais, como Adichie ressalta em suas reflexões sobre a importância de histórias que representem sua própria realidade.

Literatura negra: Resistência e Afirmação Cultural

A literatura constitui um campo vasto e diversificado, que inclui uma ampla gama de estilos, gêneros e tradições. Cada tipo de literatura oferece uma maneira única de ver o mundo e de expressar a experiência humana. À medida que a sociedade se transforma, a literatura acompanha essas mudanças, impulsionando vozes e narrativas, ao longo dos tempos marginalizadas e silenciadas.

A emergência dessas novas perspectivas foi fundamental para o desenvolvimento de literaturas que refletem as realidades e experiências de grupos historicamente excluídos. Entre essas literaturas, a literatura negra se destaca por sua importância na representação e preservação da identidade cultural afrodescendente. Um exemplo marcante desse fenômeno é a literatura negra nos Estados Unidos, como afirma Fonseca (2014), ao destacar que,

> [...] a produção literária de escritores negros, nos Estados Unidos dos anos 1920 e1930, é responsável pela afirmação de uma *black ness,* uma consciência de ser negro, que fortaleceu a luta pelos direitos civis dos afro-americanos e, certamente, contaminou outros movimentos que surgiriam, um pouco mais tarde, na Europa, nas Antilhas, no Caribe e em diferentes regiões da África colonizada (Fonseca, 2014, p. 2).

Muitos escritores utilizaram suas obras para retratar as realidades da vida negra na América, abordando temas como racismo, opressão e busca por identidade. Essa literatura não apenas documenta as experiências da comunidade negra, mas também desafia as narrativas dominantes, afirmando a dignidade e a complexidade da cultura afro-americana.

No Brasil, de maneira semelhante, a literatura negra tornou-se um espaço vital de resistência e afirmação cultural, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a experiência humana e as questões raciais. Essa tradição literária continua a desempenhar um papel

crucial na construção da identidade cultural e na luta contra o racismo.

Ao tratar de literatura negra, Domício Proença Filho (2004, p. 185) reflete o que seria a expressão literatura negra, que pode ser entendida em duas acepções: revelando visões de mundo e especificidades culturais moldadas por condições históricas e sociais. Em um sentido mais amplo, a literatura negra abrange também obras de qualquer autor que trate de dimensões pertinentes à experiência negra e afrodescendente, ampliando o diálogo sobre questões raciais e culturais.

"A representação do negro como objeto tem sido historicamente marcada por valores e visões forjados durante o período da escravidão, que buscavam afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintiva – propensos à submissão e/ou à violência" (Fonseca,2014, p.7). Essas representações distorcidas contribuíram para a formação de estereótipos e para a marginalização da população negra. Ao discutir a literatura negra, é essencial reconhecer como essas imagens negativas foram desafiadas e subvertidas por autores que procuraram reverter a narrativa e afirmar uma identidade negra positiva e rica em complexidade.

Neste contexto, a literatura negra se apresenta como um campo de resistência, onde a busca por uma representação mais justa e verdadeira tem sido central. Através da escrita, autores negros têm se empenhado em recontar suas histórias e redefinir suas identidades, confrontando e desafiando as ideias preconceituosas que marcaram a literatura e a cultura ao longo da história. Além disso, a literatura negra não apenas retrata as lutas e conquistas da população afrodescendente, mas também contribui para a educação e conscientização da sociedade em geral sobre a diversidade cultural do Brasil e do mundo.

A literatura negra, como espaço de resistência e afirmação cultural, não só reconfigura narrativas históricas e sociais, mas também molda a forma como diferentes públicos percebem e se relacionam com a identidade negra. A partir da revisão da

literatura negra em um contexto amplo, é possível perceber que o impacto desta forma literária é particularmente significativo quando se considera a literatura infantil negra.

Enquanto a literatura negra, em geral, desafia estereótipos e oferece uma nova perspectiva sobre a experiência afrodescendente, a literatura negra infantil desempenha um papel crucial em reestruturar a percepção e a autoestima desde a infância. Através de histórias que refletem a realidade e as experiências das crianças negras, essa literatura contribui para a construção de uma identidade positiva e orgulhosa. Ela oferece modelos que não apenas reconhecem e celebram a diversidade cultural, mas também combatem as representações negativas e estereotipadas que ainda podem persistir.

Neste sentido, a literatura negra infantil é fundamental para a formação da identidade étnico-racial e cultural das crianças, fornecendo um espaço onde elas podem se ver representadas de forma digna e enriquecedora. A análise de como a literatura infantil negra contribui para esse processo é essencial para entender o papel transformador e empoderador da literatura desde os primeiros anos de vida.

O Papel da Literatura Infantil Negra na Formação da Identidade étnico-racial e da Autoestima

A literatura infantil negra tem ganhado bastante espaço e importância na educação e na formação das crianças. Ela não apenas fornece representações positivas e diversificadas de personagens negros, mas também promove o reconhecimento e a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, buscando um reconhecimento da sua identidade.

A grandiosidade da literatura infantil possibilita alcançar os territórios subjetivos de cada criança. É importante destacar que a sociedade, historicamente, construiu e reforçou estereótipos raciais que moldaram o imaginário coletivo. Durante décadas, as narrativas infantis apresentaram princesas majoritariamente

brancas, de cabelos lisos e loiros, como ícones de beleza. Essa representação hegemônica consolidou o modelo de beleza branca como padrão desejável, contribuindo, assim, para a desvalorização estética e para o enfraquecimento da autoestima de crianças negras.

Atualmente, em um mundo onde as questões de identidade e representatividade são cada vez mais necessárias e pertinentes, a literatura infantil negra se apresenta como uma ferramenta crucial para o desenvolvimento saudável da autoestima e da identidade étnico-racial das crianças negras. A inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, junto à fixação do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, representou grandes avanços. No entanto, ainda há muito a ser aprimorado.

Historicamente, a literatura infantil foi marcada por uma ausência significativa de personagens e narrativas que reflete essa diversidade racial e cultural. Nos últimos anos, entretanto, um movimento crescente tem buscado incluir histórias e personagens negros, oferecendo uma representação mais precisa e positiva. Escritores e ilustradores negros têm desempenhado um papel fundamental nesse processo, criando obras que refletem suas próprias experiências e culturas, como em *O Pequeno Príncipe Preto* de Rodrigo França, *A Pele que Eu Tenho* de bell hooks, *Princesas Negras*, entre outras que se destacam na atualidade.

Heloisa Pires Lima – uma das vozes mais autorizadas quando o assunto é literatura negra infantil -, e, sobretudo, o seu compêndio, Histórias da Preta (1998), são grandes exemplos de escritora e literatura que primam pela construção positiva da identidade negra infantil. Após constatar a ausência ou inadequação de personagens negros no universo da literatura, Heloísa começa a pesquisar acerca desses personagens e, mais tarde, passa a criar histórias com a perspectiva negra.

Conforme Heloisa, para as crianças negras se reconhecerem de forma saudável no mundo, é crucial que existam representações que escapem dos padrões históricos de invisibilidade e exclusão. A autora critica o repertório limitado da literatura infanto-juvenil tradicional, observando que os negros costumavam aparecer

apenas em papéis estereotipados — muitas vezes como escravizados, folclóricos ou vítimas de exploração —, como empregadas domésticas ou meninos de rua. Na sua avaliação, essa ausência de personagens negros em papéis autônomos e positivos— como heróis, princesas ou protagonistas — reforça uma visão distorcida do mundo e dificulta que todas as crianças aprendam a valorizar efetivamente a diversidade e a equidade

A representatividade na literatura infantil é essencial para que as crianças negras se vejam refletidas nas histórias que consomem. Personagens e narrativas que espelham suas experiências ajudam a construir uma identidade positiva e reforçam a autoestima. Além disso, a literatura infantil negra educa crianças de todas as etnias sobre a diversidade cultural, promovendo empatia e respeito à história e a cultura negra. Ao verem suas próprias culturas e experiências refletidas nos livros, as crianças negras se sentem valorizadas e reconhecidas. Isso pode ter um impacto profundo em seu desenvolvimento emocional e psicológico, contribuindo para a construção de uma identidade forte e positiva.

Apesar dos avanços na sociedade, a presença de personagens e histórias negras na literatura infantil ainda são poucas, mas tem uma parcela importante que busca contribuir significativamente para a formação da identidade étnica das crianças. Durante muito tempo, a ausência desses personagens fazia com que as crianças não se sentissem pertencentes à realidade que compreende a cultura étnico-racial. Em vez disso, eram apresentados modelos de heróis, princesas, príncipes, reis, rainhas e fadas, sempre com a pele clara, levando-as a crescer acreditando que o belo, é aquilo apresentado nos livros de literatura infantil.

Reflexões sobre identidade negra em *A pele que eu tenho*: uma perspectiva da literatura infantil

A escolha do livro, *A Pele que Eu Tenho*, de bell hooks, para este trabalho se justifica por sua profunda relevância no contexto da literatura infantil negra e na construção da identidade étnico-racial.

A obra aborda com sensibilidade e profundidade temas como a cor da pele, o pertencimento e a autoaceitação, oferecendo uma narrativa que promove o reconhecimento da negritude e o fortalecimento da autoestima de crianças negras. Sua mensagem toca também os adultos, revelando-se uma leitura educativa e transformadora.

Além disso, hooks é conhecida por seu compromisso em encorajar a expressão das vozes marginalizadas. Como ela mesma afirma (2019, p.9) "Erguer a voz tem sido e continua a ser um trabalho que encoraja leitoras e leitores, especialmente as pessoas de grupos oprimidos e explorados que lutam para romper silêncios, a encontrare/oucelebrar o alcance da voz." Essa perspectiva reflete diretamente o impacto que obras como *A Pele que Eu Tenho* têm na formação da identidade de crianças negras, promovendo a autoaceitação e o respeito às diferenças.

As obras de hooks se destacam pela sua contribuição ao pensamento crítico e à valorização da cultura negra. *A Pele que Eu Tenho é* um exemplo emblemático de uma literatura que pode ser utilizada como uma ferramenta para erguer vozes, promovendo empoderamento e resistência.

Além disso, a linguagem acessível e envolvente utilizada por hooks torna o livro uma leitura atraente para o público infantil, facilitando a identificação das crianças com o narrador personagem e as situações retratadas. Essa proximidade com o leitor infantil é fundamental para o sucesso da obra como instrumento de educação e formação de identidade.

bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins foi uma teórica, escritora e ativista afro-americana cujas obras tiveram um impacto significativo nos estudos de raça, gênero, classe social e cultura. Sua vasta produção literária aborda de maneira crítica as interseções entre essas questões, oferecendo uma perspectiva única e profunda sobre as dinâmicas de opressão e resistência. Escolher bell hooks como autora central deste trabalho se justifica, não apenas por sua relevância no campo da literatura e do pensamento crítico, mas também por sua abordagem acessível e sensível,

especialmente em obras voltadas para o público infantil, como *A Pele que Eu Tenho*. Este livro, em particular, exemplifica sua habilidade em abordar temas complexos de maneira compreensível para leitores de todas as idades, promovendo a autoaceitação e a valorização da diversidade racial.

A escolha da autora é especialmente pertinente ao contexto brasileiro, onde as questões raciais continuam a ser um desafio significativo. O Brasil, como os Estados Unidos, tem uma história marcada pela escravidão e pela persistência do racismo estrutural, o que faz com que a obra de bell hooks tenha uma relevância direta. Ao trazer a perspectiva afro-americana para o debate sobre identidade e resistência no Brasil, sua obra contribui para uma compreensão mais profunda das lutas enfrentadas pela população negra, oferecendo ferramentas teóricas e narrativas que podem enriquecer o discurso antirracista no país.

O livro tem o poder de inspirar e fortalecer o movimento literário negro no Brasil, incentivando uma produção literária que não apenas represente a experiência negra, mas que também atue como um meio de transformação social.

No livro *A Pele que Eu Tenho*, bell books explora de maneira sensível e profunda as complexidades da identidade e da aceitação, especialmente no contexto da experiência negra. Por meio de uma narrativa sensível em primeira pessoa, hooks enfatiza que a pele, embora visível e significativa, é apenas uma camada externa que não define a totalidade de quem somos. Quando a narrativa do personagem afirma: "a pele que eu tenho é só uma camada, não fala completamente de onde venho" hooks desafia a ideia reducionista de que a identidade pode ser compreendida apenas pela aparência física.

Essa reflexão é crucial, pois incentiva as crianças a enxergarem além das características superficiais e a valorizar em sua essência a individualidade de cada pessoa, promovendo, assim, uma visão de autoaceitação que transcende a cor da pele.

> A partir desta compreensão, pode-se afirmar que a referida literatura, quando trabalhada no cotidiano da sala de aula, contribui significativamente para romper com os modelos de representações sociais que inferiorizam e depreciam as pessoas negras em suas características físicas e culturais (Oliveira, B; Oliveira, P; Araújo, 2021, p 63 - 64).

A narrativa desafia os leitores a entenderem que a verdadeira essência de uma pessoa está além da aparência externa e que é necessário conhecer as histórias, as emoções e as experiências que moldam quem somos. Através de versos simples e poderosos, bell hooks convida as crianças a refletirem sobre o significado da pele, encorajando-as a olhar para além dela e a valorizar a diversidade de experiências humanas.

O livro também aborda temas como a importância de se orgulhar de quem você é e de reconhecer a individualidade de cada pessoa. A fala do personagem enfatizando "A pele que eu tenho me agrada, por ela se revela um pouco da minha identidade, não toda a minha personalidade" destaca a necessidade de uma autoaceitação saudável que reconheça a cor da pele como uma parte significativa da identidade, mas que não a limite ou defina por completo.

> Sabe-se que a construção da identidade se dá de acordo com o contexto social em que o sujeito está inserido, isto é, conforme as referências que ele tem contato no convívio e na interação com o meio social em que vive. Nesta direção, defende-se que o trabalho com diferentes literaturas possibilita à criança compreender melhoro mundo à sua volta, quem ela é, quem é o outro e o grupo étnico do qual faz parte, com isso, se orgulhar das suas origens (Oliveira, B; Oliveira, P; Araújo, 2021, p 61).

Essa perspectiva encoraja as crianças a se verem de maneira mais completa, valorizando tanto suas características externas quanto internas, e reconhecendo que a individualidade vai além das aparências.

A fala da personagem afirmando: "sou um conjunto diverso, com muitas camadas na frente e no verso. De histórias passadas, presentes e futuras, trajetórias de gerações e várias culturas"

reforça a complexidade da identidade, sugerindo que ela é formada por múltiplas influências e experiências que vão além do presente. Essa perspectiva, amplia o entendimento da identidade como algo dinâmico e multifacetado, onde cada indivíduo carrega consigo a herança de suas origens, as vivências atuais e as expectativas futuras. Tal ideia corrobora a visão segundo a qual "A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos" (Mariosa; Reis, 2011, p. 46

As falas da narradora personagem nos fazem refletir sobre a importância de enxergar além das aparências superficiais e preconceitos para realmente compreender quem uma pessoa é. "Se quer saber quem eu sou, é só deixar de lado tudo aquilo que desde antes, imaginou. Essa fala evidencia a necessidade de se romper com essas ideias preconcebidas, destacando que cada pessoa é mais do que as aparências e os estereótipos sugerem.

> Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana (Mariosa; Reis, 2011, p.45).

Assim, a literatura infanto-juvenil torna-se uma ferramenta poderosa para desconstruir preconceitos e promover uma visão mais justa e completa das pessoas negras, ressaltando suas múltiplas facetas e riquezas culturais. Essa mensagem é poderosa na construção da identidade, especialmente para crianças negras, pois destaca a necessidade de serem vistas em sua totalidade, como indivíduos completos e complexos, livres das restrições postas por julgamentos pré-concebidos.

Ao final da narrativa, a fala "A pele que nós temos é só uma camada, fortalecendo a amizade, narrando as histórias da nossa pele e descobrindo outras que a pele não conta" reforça a ideia de que a identidade de uma pessoa vai muito além da cor da pele. As

“histórias que a pele não conta” referem-se às experiências subjetivas, aos sentimentos, às memórias, aos sonhos e à trajetória única de cada indivíduo — elementos que não são visíveis, mas que compõem quem somos. Essa perspectiva evidencia que a construção da identidade ultrapassa o físico, abrangendo dimensões emocionais, sociais e culturais que definem a essência de cada sujeito.

Ao afirmar: “quem somos de ponta a ponta. Por dentro somos gente que sonha, que chora, e que dança”, o personagem evidencia a complexidade da identidade humana, ressaltando que, embora muitas vezes sejamos julgados pela aparência — como a cor da pele, os traços físicos ou o estilo —, essas características não capturam a totalidade de quem somos. Essa perspectiva promove uma compreensão mais ampla e empática da identidade, convidando o leitor a enxergar além das aparências e a valorizar o que há de mais essencial e humano em cada indivíduo.

Um outro ponto a destacar no livro, são as ilustrações vibrantes e expressivas de Chris Raschka, complementando perfeitamente o texto, capturando a energia e a emoção da mensagem de hooks. As ilustrações ajudam a dar vida às palavras, criando uma experiência visual que reforça o impacto da narrativa. Essa representatividade visual é crucial, especialmente considerando que, "a miscigenação, portanto, são usadas como armas de combate à presença do negro retinto no catálogo das representações (Pestana; Oliveira, 2021, p. 5)." As ilustrações de Raschka desafiam essa tendência ao enfatizar e celebrar a presença do negro retinto.

Cada página é repleta de imagens fortes e significativas que, não apenas capturam a atenção do leitor, mas também refletem a diversidade dos personagens de maneira clara. As cores fortes e contrastes usadas nas ilustrações ressalta, mas diferentes tonalidades de pele, celebrando a riqueza da identidade negra.

Em uma sociedade onde "[...] o negro retinto perde qualquer possibilidade de se ver representado como sujeito ativo e participante dos arranjos sociais [...] (Pestana; Oliveira, 2021, p. 5)”

as ilustrações de Raschka reafirmam a importância de uma representação autêntica e poderosa. É importante lembrar que "[...] o negro brasileiro é fruto de uma miscigenação que envolve uma diáspora africana e a mestiçagem, a influência indígena e a cultura dos povos imigrantes, inclusive dos colonizadores (Pestana; Oliveira, 2021, p. 5)" e essas influências são refletidas na diversidade retratada nas imagens.

Além disso, os variados estilos de cabelo e as roupas coloridas e distintas reforçam as individualidades e personalidades únicas dos personagens, tornando visível a multiplicidade de experiências e origens que compõem o universo da obra. Essas escolhas artísticas resistem à noção de que " [...] a identidade encarada sob o prisma da fluidez [...] (Pestana; Oliveira, 2021, p. 5) deva invisibilizar a presença do negro retinto. As ilustrações, portanto, não servem apenas como complemento visual, mas como uma extensão da narrativa, comunicando através das imagens a importância da aceitação, do orgulho e da valorização das diferenças.

Em suma, *A Pele que Eu Tenho,* de bell hooks transcende as páginas de um simples livro infantil, emergindo como uma poderosa ferramenta de transformação social e cultural. Por meio de uma narrativa sensível e ilustrações vibrantes, hooks e Raschka criam um espaço onde a diversidade é celebrada e a identidade negra é afirmada com orgulho. A obra não apenas desafia as representações tradicionais que tentam diluir ou ofuscar a presença do negro retinto, mas também oferece às crianças negras um reflexo positivo de si mesmas, promovendo a autoaceitação e o empoderamento. Ao fomentar o reconhecimento e a valorização das diferenças, *A Pele que Eu Tenho* se torna uma obra essencial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as vozes, especialmente as que foram historicamente silenciadas, podem ser ouvidas e celebradas.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo investigar a influência da literatura infantil negra na construção da identidade étnico-racial de crianças negras, a partir da análise do livro *A Pele que Eu Tenho* de bell hooks. Ao longo do estudo, foi possível evidenciar o papel crucial que a literatura desempenha na valorização e preservação das identidades culturais, especialmente em contextos nos quais as narrativas eurocêntricas ainda predominam.

A análise revelou que, ao abordar temas como aceitação, orgulho e reconhecimento das próprias raízes, *A Pele que Eu Tenho* oferece às crianças negras a oportunidade de ver suas experiências refletidas e validadas. Através de uma narrativa sensível e personagens com os quais as crianças podem se identificar, a obra contribui diretamente para a construção de uma identidade étnica positiva.

Além disso, ao dialogar com teóricos que discutem a importância da literatura na formação identitária, este estudo destacou a necessidade de maior inclusão de obras que representem a diversidade nas escolas. A presença de personagens e histórias negras na literatura infantil não só empodera as crianças negras, mas também promove a empatia e a valorização da diversidade entre todas as crianças.

Por fim, é importante considerar que este trabalho abre espaço para futuras pesquisas sobre a aplicação prática da literatura negra no contexto escolar e seus impactos a longo prazo na formação das crianças. A literatura é uma ferramenta poderosa para a transformação social, e sua inclusão nas instituições educacionais é um passo essencial para promover uma educação mais representativa.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma Única História**. ChimamandaNgozi Adichie Disponívelem:https://papodehomem

.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/. Acesso em setembro. 2024.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA Tânia (Orgs) **Lei 10.639/03**: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira. São Paulo: InstitutoAlana, 2023. Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**: Brasília: MEC, 2010. Leide Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Brasília: MEC, 1996.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra: os sentidos e as ramificações.** Belo Horizonte/MG 2014. Disponível em**:** http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/Artigo Nazareth1Literaturanegra.pdf

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KF_0DwAAQBAJ&oi =fnd&pg=PT6&dq=erguer+a+voz+bell+hooks&ots=QybWilja0R&sig=hYIrzmtoTj-1UHhtd_chFqM6bns#v=onepage&q&f=falsehttps://ojsrevista.furb.br/ojs /index.php/linguagens/article/view/9842/5648

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Heloisa Pires. **Literatura infantojuvenil com representatividade negra**: desafios e perspectivas. Cultura Afro Cristorei, 28 jul. 2015. Disponível em: https://culturaafrocristorei.blogspot.com/2015/07/literatura-infantojuvenil-com.html. Acesso em: 08 ago. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS,EvaMaria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MARIOSA, Gilmara Santos; REIS,Maria da Glória dos. **a influência da litera tura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. 2011. Disponível em:https://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06. pdf.2024

OLIVEIRA, Bernadete Rodrigues de; OLIVEIRA, Paula Grasiela dos Santos de; ARAÚJO, Jurandir de Almeida. **Educar na e para adiversidade: o trabalho com a Literatura Afro-Brasileira na Educação Infantil.** Blumenau, v.15, n.2, p.058-075, maio./ago.2021.

PESTANA, CristianeVeloso de Araujo; OLIVEIRA, MarcosVinicius F.de. **Amorenização predominante na literatura infantil: um projeto de apagamento da identidade negra.** Belo Horizonte/MG, 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1539-cristian e-pestana-marcos-oliveira-a-morenizacao-predominante-na-literatura-infantil-um-projeto- de-apagamento-da-identidade-negra.

PROENÇA, Domício Filho. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/mJq CRgkgYfJzbmnfBJV HR9x/?format=pdf&lang=pt

"Sou como a terra seca": uma abordagem dos elementos ecofeministas na obra Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane

Késsia Poliana Santos Soares[1]
Rosemary Lapa de Oliveira[2]

Introdução

Neste artigo, objetiva-se desenvolver uma análise baseada na vertente ecofeminista, sobre a obra Balada de amor ao vento (Chiziane, 2007), investigando as implicações socioculturais e ecológicas para o desenvolvimento do enredo, com ênfase na protagonista Sarnau, a qual conta a história, enquanto narradora personagem, mas há, também, a presença da narradora heterodiegética, que narra os fatos sem participar dos eventos. O romance apresenta-se como uma história cotidiana de desencontros, amores perdidos e ressurgidos desde a juventude à maturidade da protagonista.

No texto da obra estudada, o contexto cultural mostra-se fundamental para compreender como as figuras femininas vivem entre a tradição e a atualidade, e apresenta as relações entre a terra e a natureza, nas quais se refletem as dinâmicas sócio-históricas. Há, na narrativa, uma conexão entre as personagens e a natureza, tanto como parte de sua identidade, como força e resistência, relacionando violências de gênero e econômicas.

[1]Graduada em Letras com licenciatura em língua portuguesa e suas respectivas literaturas (UNIRIOS), Especialista em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras (es) (UNEB. E-mail: kessiapolianasantos@gmail.com
[2] Doutora e pós-doutora em Educação. Mestre em Letras e Linguística. Professora Plena do Curso de Graduação e Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB).

Segundo Puleo (2020), o ecofeminismo é um movimento surgido entre as feministas que analisaram a ecologia como perspectiva política que denuncia a violência referente aos princípios de dominação e exploração que o patriarcado submete tanto às mulheres como ao meio ambiente. Desse modo, objetiva o reconhecimento da conexão entre mulher e natureza como prática cultural.

A ideia do ecofeminismo aproxima a mulher e o meio ambiente a partir da coisificação da mulher como objeto manipulável e servil, subjugando tanto a mulher, quanto a natureza, às práticas normativas patriarcais e dinâmicas mercantis. Consequentemente, essas formas de vida subalternizadas são usadas sem restrição e/ou responsabilidade em razão da construção social que sobrepõem o masculino em desfavor de outras formas de vida.

Destarte, como um contraponto às relações de colonialidade, patriarcado e capitalismo, o ecofeminismo questiona as ordens dominadoras ao propor uma reivindicação dos direitos femininos e a restauração dos ecossistemas que estabelecem vida, a partir do viés político e ético. Em consonância com Mies e Shiva (1993), o ecofeminismo é um processo feminino que apresenta o devir fundamental em tempos difíceis, marcados pelo machismo que nega o direito à mulher ao seu corpo, sexualidade e devasta o planeta e seus habitantes.

Sobre a escritora Paulina Chiziane, sabemos que ela inicia seu exercício literário pós-independência de Moçambique. Suas obras foram publicadas, primeiramente, nos jornais e semanários desse país. Portanto, segundo Chabal (1994, p. 58), observa-se que a autora pertence à geração de literatos, com "poucas oportunidades de ser avaliada como produção literária". Entretanto, as pesquisas acadêmicas voltadas às obras dessa autora vêm se expandindo, especialmente no Brasil. Chiziane, em suas histórias, possibilita elementos que oportunizam tal olhar à mulher que sofre com a colonialidade, com o patriarcado e com a desigualdade social, tudo

isso relacionada à natureza, a qual toma um papel fundamental no enredo, por meio de metáforas e comparações.

A autora expõe em suas obras a condição da mulher moçambicana socialmente subalternizada, tanto pelas práticas culturais anteriores à colonização do território, quanto pela invasão portuguesa e o processo colonizatório. Notemos que sua escrita é processo revolucionário ao questionar o status quo, sendo ferramenta política para resistência feminina coletiva.

Nessa perspectiva, tomamos como objetivo deste texto: analisar as opressões que afetam semelhantemente a natureza e a mulher na narrativa anteriormente indicada. Para tanto, esta pesquisa se apoiou nos conceitos ecofeministas e feministas das autoras Mies e Shiva (1993), Beauvoir (1980), entre outras. A metodologia da pesquisa foi baseada na prática da análise literária, pautada principalmente nos estudos de Candido (2000, 2011) e Pound (2006), focando na representação da existência feminina como geradora de vida, abordando as violências e opressões devido à sua condição de gênero e hierarquia social, ressaltando o paradoxo da feminilidade, a qual gera força para romper essa situação, como assevera a autora: "A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema." (Chiziane, 1992, p. 15). Em suma, a escrita de Chiziane é uma luta pela emancipação.

Dessa maneira, divide-se esse trabalho em duas etapas fundamentais para a construção desse debate. A priori, o desenvolvimento de uma breve análise histórica sobre o advento do ecofeminismo e suas consequências sociais, abordando algumas pesquisadoras e ativistas renomadas dessa área, a posteriori, analisam-se os elementos narrativos e a correlação entre natureza e ficção na obra, para que percebamos a importância do ecofeminismo, mesmo que não seja citado diretamente pela autora, sendo fundamental evidenciar a história da personagem protagonista da história: Sarnau.

Discussão teórico-metodológica

O viés metodológico deste artigo pautou-se na interpretação do ecofeminismo na obra *Balada de amor ao vento*, no ímpeto de desvendar na narrativa elementos que se relacionam tanto à natureza, quanto à mulher, seja por meio do uso da linguagem, especificamente a metáfora ou pelas violências vivenciadas pela personagem. Esta análise é construída a partir de Pound (2006), para quem, o método para o estudo literário é um exame detalhado da matéria, não sendo somente uma visão ou impressão breve, mas um transpassar e um ver além, pautado na análise crítica e técnica, ou seja, um diálogo com a narrativa. E em Candido (2000, p. 6), para quem "o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos".

Compreende-se, neste trabalho, a literatura com base na perspectiva humanizadora da Literatura em Candido (2011, p. 174), quando defende que: A arte, e, portanto, a literatura "aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.". O autor salienta que o pacto entre leitor e escritor ocorre porque a obra transfere a realidade ao mundo ficcional, modificando, também, o mundo real, cabendo ao leitor compreender a linguagem como ferramenta de transposição do universo artístico do escritor Para Candido (2000), com maior ou menor minúcia, conforme o caso, as análises focalizam os aspectos relevantes: às vezes a correlação dos segmentos, às vezes a função 3estrutural dos dados biográficos, a oposição dos significados, o vocabulário etc.

No que concerne ao pensamento de Bourdieu (1999, p. 18), "[...] a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça". A sociedade neocolonialista, patriarcal e neoliberal pautou-se na violência exploratória para continuidade da divisão e subalternação das mulheres, consequentemente, o antropocentrismo e o patriarcado corroboram o discurso permissivo de violação do ecossistema.

De tal forma, é imprescindível elucidar brevemente sobre o feminismo como um ponto chave para adentrar no percurso ecofeminista e as origens das relações femininas e a ecologia. É fundante apresentar a pensadora Françoise d'Eaubonne (1974), que inaugura o movimento Ecologia e Feminismo, ao expor os fatores entre mulher, natureza e sociedade como pilares ao ecofeminismo, ao analisar as semelhanças entre as áreas, quando se unem às concepções de ambos os movimentos. Sendo assim, este trabalho apresenta trechos da obra em destaque em que a situação da mulher é evidenciada através de elementos da natureza, ora de forma metafórica, ora em diálogo ressaltando as violações dos corpos femininos e da natureza, como veremos mais adiante

Ademais, cabe abordar, a partir da perspectiva de Siliprandi (2002), como a associação entre ecologia e mulher existe em razão da formação do pensamento ocidental, o qual enxerga a mulher como objeto de dominação e exploração, de forma igualitária ao meio ambiente, portanto, ambas coincidem no fator exploratório, além do fator histórico que interliga a fêmea e a natureza. Nesse sentido, Ruether (1975) adverte sobre como as mulheres necessitam compreender que o impedimento para o caminho libertário e solução da crise ecológica é o fim das opressões, unindo os movimentos sociais para erradicar os valores patriarcais. Estuda-se o ecofemismo como uma ciência feminista que visualiza a dominação e subalternidade contra as mulheres e natureza como mesmo mal (Estévez, 2019).

Nesse sentido, Bronzo (2020, p. 82) afirma que há uma "[...] visão da natureza como algo que se pode dominar, manipular e controlar com a finalidade de gerar lucro, sem qualquer constrangimento ético ou limite que se interponha a essa relação de exploração.", e que se constrói como uma relação política e cultural que permite dominação e destruição exacerbada da natureza e da mesma forma é tratado o corpo feminino. Esse pensamento será basilar a este estudo. Não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais, mas, também, no reconhecimento de

que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo (Gaard; Murphy, 1998).

Sob essa análise, este trabalho, elaborado teve base no ecofeminismo construtivista, desenvolvido a partir de 1990, que se afirma por meio do estudo das relações estabelecidas em sociedade. Assim, o estudo da obra de Chiziane perpassará por uma investigação acerca da personagem principal e seu papel social. Nesse pensamento, seguiremos a concepção de Armbruster (1998, p. 97), o qual defende que é " [...] a opressão compartilhada entre mulheres e natureza numa cultura ocidental predominantemente masculina e não uma identidade essencial e biológica que constrói uma proximidade especial entre elas".

Portanto, veremos, sob a ótica social e cultural, os mecanismos de dominação estruturados a partir dos processos históricos androcêntricos, patriarcais e mercantis que exploram o feminino na obra. Percebe-se, também, que a análise não será efetuada com o prisma biológico que, por muito tempo, conectou a figura feminina à subalternidade. À vista disso, analisam-se os encadeamentos sócio-históricos, que condizem com a compreensão de Tavares (2014, p. 25-26) de "[...] que não há uma essência feminina que liga as mulheres à Natureza, mas foram as estruturas sociais e econômicas que determinaram a divisão sexual do trabalho e aproximaram as mulheres da Natureza, desenvolvendo nelas relações afetivas e sentimentos que foram reprimidos nos homens.", notadamente no que tange à maternidade, elemento que se torna evidente no conto.

Essa perspectiva condiz com o que a escritora feminista Judith Butler (2016, p. 25-26) defende sobre gênero como construção social, isto é, "[...] não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo". Posto isso, investigaremos sobre o gênero como identidade forjada e como esta identidade feminina afeta a personagem Sarnau e sua capacidade reprodutiva, aproximando-a à natureza, fonte de produção de bens de consumo.

Tal forma, de acordo com a autora Chiziane (1992), que se reafirma como "[...] uma mulher que sente as coisas como mulher", a escolha de personagens femininas como narradoras faz-se como uma apresentação das suas e outras experiências, que as reconhecem em seus familiares e em si mesma e em sua comunidade. Isso é, para a autora, um caminho para a compreensão do ser mulher em sociedade moçambicana.

> Paulina Chiziane constrói personagens femininas, e a si própria, através do ato da escrita; personagens que contestam as restrições que lhes são impostas pelo sistema patriarcal e que se inserem na ordem natural da sociedade, apoderando-se da voz própria, através da qual recuperam o seu passado, o que lhes possibilita construírem a autoidentidade (Adão, 2007, p. 206).

Em síntese, esta pesquisa dá-se como uma observação sobre a conexão entre ecofeminismo, natureza, o feminino e as repressões que estabelecem essas relações. Perceberemos a mulher como base para este estudo e a formação social como fator primordial para as vivências da personagem Sarnau na obra trabalhada. De fato, a pesquisa busca compreender os paralelos encontrados na narradora e a chamada mãe natureza.

Ecofeminismo: um contraponto à ideologia androcêntrica

No período grego, Aristóteles conceituou as mulheres como inaptas ao pensamento filosófico, dado que a racionalidade era dotada aos homens. Logo, à mulher é atribuída a incompletude. Essa perspectiva cultural perpassou séculos na historiografia, e absorvida pelo Cristianismo, considera a fonte do pecado à Eva e constrói um estigma à figura feminina. A reprodução sujeita as mulheres e a natureza a um fatalismo biológico que marca a vida feminina nas sociedades. Nesse viés, Simone de Beauvoir (1980, p. 179) ressalta: "[...] que a história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência [...].

Entretanto, as feministas das primeiras ondas do movimento transgrediram a ideia determinista do lugar onde a mulher foi posta no pós-guerra, obrigando-a aos trabalhos reprodutivos e domésticos, como analisado por Friedan (1963). O estudo dessa autora pode encontrar ecos no movimento de ruptura ao ocidentalismo – movimento Chipko –, elaborado pelas corajosas mulheres indianas que abraçadas às árvores, defenderam-nas da exploração empresarial que destruíram áreas florestais devido ao avanço industrial. Esse movimento inspirou diversas regiões, reforçando a relação mulher, terra e meio ambiente como integração de um todo.

A subjugação feminina e o domínio ambiental são tomados, desde então, como eventos complementares. Nesse viés, como movimento emancipatório, o ecofeminismo surge na década de 1970 – na segunda onda feminista – influenciado também pelo pacifismo, movimentos antinucleares e antimilitarismo, que surgiram na Europa e EUA na década de 1960, e motivaram outros movimentos ambientais atuais (Silliprandi, 2000, p. 63).

Na teoria ecofeminista, a autora francesa Françoise D´Eaubonne (1974), traz à luz o vínculo entre ecologia e emancipação feminina ao reconhecer que a dinâmica de poder é desigual. O que impossibilita o exercício do direito feminino; a garantia de controlar sua fertilidade, seu corpo e sua possibilidade de existência social.

Evidenciar o feminino e natureza como um debate sério e fundamentado para intervir na sociedade tornou-se mais reconhecido a partir da 1ª Conferência Ecofeminista: Mulheres e vida na terra, ocorrido em 1980, na qual foi discutida a degradação dos seres vivos pelo desenvolvimento industrial e ameaças nucleares como problemáticas feministas, dado que tais dificuldades bélicas e destrutivas masculinas negam à mulher o direito de existência – pois desrespeitam seus corpos, sociedades e práticas sociais (Silliprandi, 2000, p. 61).

Mas esse movimento tornou-se amplamente visível no âmbito político e social no começo dos anos 1990, por meio da Conferência

Meio Ambiente e Direitos Humanos no Rio de Janeiro – Eco-92 (Castro & Abramovay, 1997). Nele, entidades, como Rede Mulher de Educação (RME), coordenaram o Planeta Fêmea, por meio de uma defesa ao feminino e à Terra, ressaltando com criticismo a forma predatória da América do Norte, que inferioriza o Sul e, consequentemente, precariza e aumenta a pobreza. Portanto, a defesa ao meio ambiente assume uma luta feminina, que ao serem excluídas do debate ecológico são abandonadas da possibilidade de construir processos interventivos sobre a destruição ambiental (Silliprandi, 2000, p. 62).

Notemos também que o ecofeminismo integra uma prática anti-imperialista, ao reconhecer que o desenvolvimento desenfreado das grandes nações é formado em detrimento aos países em desenvolvimento e terceiro-mundistas. Ao olhar de Mies e Shiva (1993), o feminismo ecológico, a partir da visão terceiro-mundista, defende como as opressões voltadas às mulheres e natureza na Índia e diversos países têm bases fundantes.

As maneiras de repressão nesses locais são a destruição da natureza que devasta a sobrevivência ambiental e, consequentemente, a feminina. Conforme Mies e Shiva (1993, p. 331), "[...] essas mulheres dos países subdesenvolvidos lutam pela subsistência própria e de suas famílias, não sentindo a separação entre o espiritual e o físico". Ou seja, respeitando e celebrando a espiritualidade da terra, ao contrariar a sua modificação em industrialização e mercadoria, elas buscam a defesa da diversidade, ao entenderem a limitação do meio ambiente, dado que a violação ambiental é a violação de sua própria sobrevivência.

A corrente construtivista e social do ecofeminismo, conceituada a partir de 1990, analisa a inexistência de uma essência feminina que a relaciona à natureza e reconhece as estruturas econômicas e de gêneros como determinadoras da divisão sexual do trabalho. Conforme as autoras Mies e Shiva (1993, p.14-15).

> Como feministas que lutamos contra a dominação patriarcal das mulheres, não podemos ignorar que os processos de modernização, de

> desenvolvimento e de progresso são responsáveis pela degradação do mundo natural. O impacto dos desastres ecológicos atinge mais duramente as mulheres e estas são as primeiras a protestar contra a destruição do ambiente […].

Sob esse viés, esse movimento político pautado em grupos minoritários que vivenciam desigualdades, cria um caminho para a libertação feminina. Assim, o movimento feminista assume diversas vertentes que partem da realidade e necessidades específicas de um grupo, atentando-se, também, para as mudanças ecológicas advindas das modificações socioeconômicas do mundo. Com a crescente ascensão neoliberal, o uso mercadológico da natureza, transformou-a em consumo, assemelhando-se fortemente à utilização de corpos femininos para exploração e manutenção do capitalismo. "Movermos as águas patriarcais em todos os níveis do saber se impõe como uma exigência de justiça em relação a nós mesmas e à humanidade" (Gebara, 1997, p. 26).

O ecofeminismo considera as relações de classe que afetam as mulheres, acentuando as opressões capitalistas, determinando os níveis de violência que as mulheres vivenciam. Nesse sentido, o ecofeminismo afirma que algumas mulheres dos países desenvolvidos, as pertencentes à classe média, têm obstáculos para compreenderem a correlação entre a sua própria libertação e a da natureza. Isso resulta no caráter social do patriarcado capitalista imposto na civilização moderna, respaldado nas premissas: natureza à mercê do humano, a mulher como ferramenta reprodutiva para o homem, o consumo como prática deteriorante do ambiente e mercantil.

À vista disso, essa vertente amplia uma prática generosa e holística, ao trazer formas mais disruptivas à práxis humana. Ressalta-se, em suma, que a práxis ecofeminista é um ativismo social, ambiental e de gênero, estabelecendo-se contrária aos sistemas exploratórios – tais como o neoliberalismo e com a proposta de entendimento humano com base na solidariedade aos seres não-humanos e à Terra.

Em suma, a luta histórica das mulheres ao redor do mundo tem sido para se firmar como agentes sociais, compondo dignidade em sua(s) existência(s) civil, familiar e trabalhista – desde o direito ao voto, a inclusão no mercado de trabalho até o reconhecimento do trabalho doméstico. Atualmente, o movimento expõe os sistemas desiguais que afetam a população inferiorizada em uma tradição patriarcal, sexista e mercantil. A superação dessas opressões libertará as mulheres e as minorias afetadas, proporcionando voz e empoderamento contra as violências direcionadas a meninas e mulheres. Torna-se imperioso, portanto, investigar as repressões sociais que vitimizam as mulheres e o meio ambiente**.**

A mulher, a terra e amor: as vivências ecofeministas na obra *Balada de amor ao vento*

"O passado desfila como um rosário de recordações que já nem são recordações, mas sim vivências que se repetem no momento em que fecho os olhos, transpondo a barreira do tempo" (Chiziane, 2007, p. 11). Nessa perspectiva, Sarnau, a personagem narradora de suas memórias, atrela o presente e o passado como um só para questionar as relações que ocorreram em sua vida, as decisões, os assujeitamentos, as consequências, o ser mulher. Esses eventos são contados a partir do seu tempo de pobreza, o amor, o relacionamento e a decepção, mas também a condição social feminina, numa ação de rememorar de forma profunda, expositiva e impactante.

Sarnau encontra-se em sofrimento onde agora vive, em "[...] Mafalada, paraíso de miséria" (Chizane, 2007, p. 11). Seu presente é um acúmulo de mágoas. A narrativa é um retorno à vivência da personagem. As memórias dessa mulher negra transcendem o passado, refletem-se no presente, consequentemente, por suas decisões de outrora. Em seu devaneio, a história transforma-se em uma práxis de reflexão, que "[...] vive conosco cada presente" (Chiziane, 2007, p. 12). Seu relato é formado pelos questionamentos

acerca de uma história semelhante a de muitas mulheres que são excluídas e subjugadas pela figura masculina.

A protagonista é uma personagem questionadora que amplia a sua realidade e reflete sobre a condição socioeconômica feminina, além de retratar a falta de emancipação da mulher, a partir do pensamento moderno ocidental que colide com as tradições moçambicanas. Em um conflito referente à antiga cultura nativa fundamental para a formação da identidade social da mulher, o enredo retrata as desventuras amorosas de Sarnau. Assim, Chiziane aborda os entraves sobre a condição cultural, econômica e social da mulher em uma narrativa pós-colonial que cria um espaço de enunciação da voz feminina em Moçambique.

É uma história de amores, frustrações e desesperanças entre Sarnau e Mwando, com foco na protagonista que, em meio aos sofrimentos constantes, ainda espera pela possibilidade de ser amada. Todavia, a desigualdade de gênero gera impasses que interrompem a realização desse sonho. As memórias são fundamentais para uma narração que evoca a oralidade, a história pessoal sobre sua jornada, a ascensão social e o abandono, a poligamia, a infidelidade, a miséria e uma reflexão sobre o ser mulher nos contextos sociais, sendo uma exposição subjetiva da personagem, mas também uma crítica à realidade feminina moçambicana. Nesse ponto, a narradora questiona: "Será uma história interessante? Tenho as minhas dúvidas, pois afinal não é nada de novo. Há muitas mulheres que vivem assim." (Chizane, 2007, p. 12).

A partir da obra de Chiziane, percebe-se como a sociedade abordada predomina por meio da coerção feminina e patriarcal. De acordo com Puleo (2020, p. 19), a opressão de gênero se adapta às diferentes organizações sociais, preservando seu sistema de poder e disparidade entre mulheres e homens. Trazer a análise por meio do ecofeminismo, dado que aborda o cerne da opressão patriarcal a qual Sarnau está submetida é reconhecer o patriarcado como *status quo* de poder social, religioso, político e militar, regido por

homens, como uma dominação cultural, construída como natural à existência humana.

Notemos a aplicabilidade da vertente teórica ecofeminista de Mies e Shiva (1991, p. 65), afirmando que "[...] o conceito desenvolvimentista direciona a natureza como recurso a ser explorado e disposto aos homens, sendo tido como inerte e inferior". De maneira semelhante, esse discurso relaciona-se à exploração da mulher em sua capacidade reprodutiva.

Há, assim, uma construção de um padrão de mulher ideal para ser oprimida: uma prática cultural efetuada para manter a ordem dominante e aquelas que infligirem ou questionarem, serão julgadas à margem, como pecaminosas, bruxas e vilãs. Cabe ao discurso estabelecido reforçar a idealização feminina e segregação entre as mulheres. Nessa perspectiva, Chiziane (1992, p. 12) relata que:

> As minhas memórias mais remotas são das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna. Nas histórias onde havia mulheres, elas eram de dois tipos: uma com boas qualidades, bondosa, submissa, obediente, não feiticeira. Outra era má, feiticeira, rebelde, desobediente, preguiçosa. A primeira era recompensada com um casamento feliz e cheio de filhos; a última era repudiada pelo marido, ou ficava estéril e solteirona.

Vemos, assim, que as narrativas sociais encaminhavam para uma dominação ideológica sobre as mulheres identificado em *Balada de amor ao vento*, no qual conflito sobre a tradição e o social feminino expõe a estrutura familiar e os papéis sociais impostos às mulheres no âmbito público e privado. Na percepção da escritora, "[...] a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher. Os golpes da vida, a mulher suporta no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido triste e viscoso como o melão[...]" (Chiziane, 2007, p. 12). Em toda a obra, a construção de metáforas envolvendo as mulheres e elementos da natureza estará presente.

Sob essa ótica, de acordo com Ferrari (2011, p. 91), "tradicionalmente considerada uma forma especial de discurso,

característica da linguagem literária, a metáfora passou a ser tratada como processo fundamental no uso cotidiano da linguagem.". O enredo, quase oralizado, da contação da história de Sarnau é construído por meio do uso desse artifício, também com o uso da intertextualidade à referência bíblica, em razão da conversão de Mwando, o primeiro amor da protagonista. Na primeira relação amorosa do casal, evidencia-se esse fato. "A serpente deu-me uma maçã e o Adão vai trincá-la." (Chiziane, 2007, p. 25). Dessa vez, a imagem da natureza é vista como forma corruptiva. Assim, conforme Ullmann (1964, p. 442), vê-se a importância da metáfora para construção de sentidos:

> A metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papeis.

Nesse viés, o romance é uma narrativa poética e identitária referente à mulher moçambicana, abordando o psicológico da personagem. Ressalta a hibridização entre a escrita e oralidade e a denúncia sobre os problemas de uma tradição machista, patriarcalista. O que mais uma vez dialoga com o ecofeminismo, em razão da exploração da natureza, tanto quanto da mulher.

Sendo assim, Chiziane, uma autora disruptiva, traz à tona seu relato sobre as narrativas femininas na comunidade, com o destino trágico em razão do seu comportamento tido como adequado/inadequado, a criticidade e o despertar da mulher na obra é um caminho literário de denúncia. Desse modo, estabelece-se a voz feminina do romance por meio da exposição do feminino, suas dores, suas sensibilidades, suas relações e identidades, conscientemente uma ode à mulher. Inicialmente, em seu romance, a autora faz o questionamento: "[...] quem já viajou no mundo da mulher?" (Chiziane, 2007, p. 12).

A história ambienta-se em Mambone, uma vila pesqueira moçambicana, com Sarnau grávida e rejeitada por seu amor

Mwando, um ex-seminarista, o qual vive com ela uma relação amorosa que evolui para relações sexuais que a protagonista imaginava que seria revestida em casamento. A rejeição dele provocam violências emocionais e físicas à personagem, pois além de ser abandonada estava grávida.

O sentimento dela se exacerba ao saber que ele se casará com Sumbi, em um casamento arranjado pela família dele: "Acuda-me meu Deus. Semeei amor em terras sáfaras e no lugar de milho, produzi espinhos. Mwando recolheu-me num abraço do naufrágio diluviai onde me abandonara[...]" (Chiziane, 2007, p. 29). Percebemos aí como a mulher abandonada se identifica com a lavoura, ressaltando que os esforços de plantar algo produtivo como o milho, resultou em espinhos, algo sem retorno de consumo, portanto ela se vê como sem valor.

Apesar das dores e decepções, Sarnau submete-se, ainda, à possibilidade de ser a segunda esposa de seu amado, mas ele nega, devido ao ideal cristão que nega a poligamia, comum na sociedade em que vivem. Arrasada, ao ouvir a notícia, a jovem perde seu filho em uma tentativa suicida.

É fundamental atentar-se como a obra apresenta os dois aspectos relacionais como formas de sujeitar a mulher a humilhações e frustrações. Chiziane dá ênfase à construção de uma crítica feminina à tradição poligâmica, a qual, na visão da autora, condiciona a mulher ao sofrimento e dominação masculina. Note que o casamento poligâmico permite ao homem tanto a formação de novas famílias, quanto a perda da ideia do amor sentimental, mas sendo uma conduta masculina de posse e objetificação feminina.

No decorrer das páginas, a vida de Sarnau se transforma e ela ascende socialmente, ao tornar-se a primeira esposa de Nguila – príncipe herdeiro dos Zucula. Da forma que impera a tradição, a família do noivo culturalmente precisa pagar o lobolo[3] à família da noiva, a fim de que seja realizado o casamento. "Dei uns passos

[3] Espécie de dote, ou seja, uma quantia em dinheiro ou espécies para os nubentes.

para fora, minha mãe levantou-me o véu de capulana e eu não quis acreditar, uma manada de trinta e seis vacas" (Chiziane, 2007, p. 36). Percebe-se como a natureza e seus elementos são instrumentos para o desenvolvimento das tradições, nesse caso por meio do escambo, os animais presentes na história são mercadoria, apresentam-se como instrumento de posse e poder sobre o objeto mulher que é, também mercadoria.

Quando Sarnau se casa com Nguila e transforma-se em rainha da tribo Zucula, entretanto, sua condição privilegiada economicamente não impede a desigualdade de gênero. O machismo que a aflige, as violações e imposições submetidas à poligamia e sexismo continuam as mesmas. As outras esposas de Nguila, as quais desenvolvem uma forte rivalidade feminina e os espancamentos cotidianos, a pressão para gerar o primogênito, a imposição do papel de procriadora de um descendente governante se explicitam. Nesse sentido, o texto revela que a violência de gênero independe de classe social:

> Oh, amargas recordações. Que solidão, que tristeza, a vida para mim já não tem sentido. A angústia habita o meu mundo, mas este marulhar das ondas acalenta-me, anima-me, ressuscita-me, a manhã está vestida de amor, os peixes amam-se, os caranguejos amam-se, as moscas amam-se, até os caracóis se amam, só eu é que amo em sonhos, rebolando solitária no leito vazio, nestas noites frias de Junho, enquanto o meu marido se esfrega sobre mil tatuagens, noite aqui, noite ali, semana aqui, semana acolá. O mais doloroso é que há uma mulher que tem a cama aquecida cada noite, pois o marido vagueia por todo o lado, terminando a noite lá, onde dorme até ao nascer do sol. Todas as outras recebem as sobras, mas comigo ainda é bem pior. Passam já dois anos que eu espero minha vez, mas ele não vem. Sou a melhor cozinheira, cada dia faço o máximo para agradar, e quando chega o meio-dia, prova minha comida e diz logo que não tem sal, não tem gosto. Quando chega a noite e reclamo, diz que é porque não tomei banho. Vou ao banho e volto, inventa que a cama tem cheiro de urina de bebê. Quando argumento, vomita-me um discurso degradante que não ouso repetir. Ah, maldita vida de poligamia, quem me dera ser solteira, ou voltar a ser criança (Chiziane, 2007, p.78).

Na dor, a natureza lhe acalenta e acalma suas dores. Ela dialoga com a natureza e se sente inferior já que os animais se amam, mas ela não é amada. Já o herdeiro Nguila – personagem poderoso – resume uma masculinidade dominante nas sociedades patriarcais de Moçambique. Rude, cruel e polígamo, um comportamento sexual expansivo e hétero, ele submete Sarnau a humilhações e agressões. Assim, Sarnau descreve o personagem atrelando-o a exploração do homem moçambicano tradicional e os sofrimentos que sujeitam às mulheres:

> Não vos falei ainda do meu marido, o Nguila, o homem mais desejado por todas as fêmeas do território. Não o conheço bem, mas estou devidamente informada sobre ele. É um búfalo enorme e forte, como exige a nobreza de sua raça. Tem a pele bem negra, testa e nariz esbeltos, dentes branquíssimos, o que lhe confere um aspecto de espécie rara. Tem um caminhar dinâmico, dominante, sedutor. É um excelente caçador, o melhor atirador de arco e flecha. Não há quem meça forças com ele. Nas bangas e tabernas é o primeiro a entrar e o último a sair e, quando se embriaga, é a coisa mais insuportável deste mundo. Dizem que é doido varrido pelo sexo oposto, o que orgulha o rei, seu pai. O padre Ferreira tentou cristianizá-lo sem resultado. Fez tudo para que ele estudasse, pois não fica bem ao futuro rei ser analfabeto, e lá aprendeu algumas coisas, ao menos sabe ler uma carta (Chiziane, 2007, p. 40).

O homem é comparado a um animal e, a partir do conceito de permissividade que o matrimônio poligâmico possibilita ao homem, como constituição de famílias, tem muitas mulheres. Nesse contexto, o amor se configura não como sentimento mútuo, mas uma conduta opressiva e masculinista. Na perspectiva de Simone de Beauvoir (2009b, p. 145-146) essa conduta reforça que, "o homem se colocava como o Sujeito e considerava a mulher como um objeto, o Outro", o que possibilita a imposição da poligamia, dos maus-tratos, uma vez que a mulher assume o lugar do Outro, do inferior, do subalterno. Isso, na visão de Sarnau e outras mulheres, justifica as violações de sua dignidade e sua exploração constante: "Os caprichos de um homem são mais inofensivos que os efeitos das ondas no mar calmo [...]" (Chiziane, 2007, p. 55).

Os presságios das ancestrais de Sarnau são mensagens dolorosas em razão de terem vivenciado os sofrimentos que a protagonista está submetida, tais como as expectativas masculinas, a necessidade de satisfazer o homem, a rivalidade advinda das outras pessoas e a negação de sua identidade como ser humano. "Sarnau, em breve partirás para a escravatura. Chamar-te-ão preguiçosa, estúpida, feiticeira, enquanto o teu sangue pare felicidade para eles, enquanto o teu coração fermenta de miséria e sofrimento" (Chiziane, 2007, p. 35). Às mulheres estão impostas ações de dar prazer e filhos, vivem uma dolorosa realidade, impelidas à subalternidade reforçada pela superstição formada pelas religiões bantu. De forma que:

> Nas religiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus natimortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (Chiziane, 1992, p. 12).

Nesse trecho, evidenciam-se as tradições que atrelam a mulher à natureza, fundindo-as. O espaço é valorizado na obra de Chiziane devido ao poder e sensibilidade da natureza. Assim, a análise ecofeminista é uma forma de questionar as relações femininas construídas na obra, uma vez que apresenta os problemas da protagonista e as condições impostas devido ao seu gênero e tradição. Evidencia-se a conexão entre opressão feminina e exploração do meio ambiente para uso masculino, baseado no patriarcado. Essa problemática é fundamentada na proximidade do feminino à natureza, segundo a visão dominante, enquanto os homens estão mais próximos da cultura, razão e poder.

> A recuperação do princípio feminino se baseia na amplitude. Consiste em recuperar na Natureza, a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber. No que se refere à Natureza, supõe vê-la como um organismo vivo. Com relação à mulher, supõe considerá-la produtiva e ativa. E no que diz respeito ao homem, a recuperação do princípio feminino implica situar de novo a ação e a atividade em função de criar sociedades que promovam a vida e não a reduzam ou a ameacem (Shiva, 1991, p. 77).

O domínio ocorre simultaneamente ao clamor da mulher pela sua independência, pois é também um grito ao combate à exploração do meio ambiente. O feminismo ecológico denuncia as relações de posse do homem, revelam, portanto, a perspectiva feminina de evidenciar a realidade; retratar mulheres é se debruçar sobre a repressão e buscar o caminho à emancipação, segundo Garcia (1992, p. 165):

> O debate ecofeminista enfatiza o efeito das construções ideológicas nas relações de gênero e nas formas de ação em relação ao meio ambiente. No entanto, precisamos ir mais adiante e examinar criticamente as bases materiais que são subjacentes a estas construções, ou seja, analisar o trabalho que a mulher e o homem produzem, a divisão sexual da propriedade e do poder e a realidade material das mulheres das diferentes classes, raças e castas (no caso da Índia), pressupondo que essas diferentes inserções sociais devem afetar de forma diferenciada a vida dessas mulheres, possibilitando diversas respostas à degradação do meio ambiente.

Esse viés feminista mostra-se como um contraponto ao construir uma dinâmica de libertação feminina e cuidado com o meio ambiente, evitando o fragmentado e o dualismo pautado no neoliberalismo e outras tradições patriarcais. Logo, compreende de forma mais ampla a questão feminina e outras minoritárias que são excluídas e oprimidas pelo sistema econômico. A partir disso, com o decorrer das décadas, o termo amplia-se e ganha diversas perspectivas relacionadas às mulheres e ao ambiente (Salleh, 1992; Garcia, 1992).

Portanto, reconhece-se a obra como um rememorar acerca da vida de uma mulher que fora descartada, objetificada e oprimida pelas figuras masculinas: seu primeiro amor, seu pai e seu marido.

Sarnau é a criação literária de uma mulher que se impõe o dever de recordar para que sua história seja ato de reflexão. Dessa maneira, a autora aborda não só a história dessa personagem, mas de tantas outras mulheres refletidas por ela.

Considerações finais

A Literatura é vista como um meio de denúncia de recorrentes opressões sobre as mulheres em diversas sociedades e Paulina Chiziane é uma força denunciativa e emancipatória que narra poeticamente essas violações. Logo, a obra permite uma reflexão acerca de um possível caminho de rompimento.

O ecofemismo é um dos caminhos para superação dos desastres referentes à natureza e à mulher e este artigo é uma reivindicação para a superação do patriarcado. Percebemos, portanto, como essa vertente torna-se uma possibilidade de construirmos debates e práxis sobre a condição feminina e a movimentação para diminuição das desigualdades, sendo uma reflexão ecológica sobre gênero e sistema econômico.

Ao analisar as vivências femininas marcadas pela colonização e mercantilização que é tão bem apresentada na obra *Balada de amor ao vento*, ressalta-se o viés antropológico que apresenta uma parte da cultura moçambicana. Assim, é visível como o ecofeminismo se atrela à forma de reestruturação social com base em modelos de subsistência e conexão espiritual e material feminina à "terra-mãe". Chiziane traz esse debate por meio das reflexões interligadas entre natureza e mulher.

O debate ecofeminista evidencia os males e as esperanças relacionadas à luta de gênero pela sociedade. Faz-se necessário, portanto, ampliar as discussões sobre as diferenças do ser mulher e as esferas políticas, sociais e culturais que perpassam a questão de gênero e o meio ambiente. Dessa forma, ao compreendermos as medidas básicas, como a não-hierarquização, democracia plena, avanço à economia rural de forma sustentável, construção de uma sociedade equitativa, ou seja, o enfretamento a qualquer prática de

subalternização entre grupos, concorremos para a superação de práticas predatórias ecológicas e misóginas.

Esse artigo possibilita uma reflexão ecológica e feminista sobre a sociedade tradicional e contemporânea. Nele, debate-se sobre a condição social e ambiental que traz à tona questões sobre minorias e como o meio ambiente é utilizado como forma de lucro, tal como as mulheres e grupos marginalizados, através da exploração de seus corpos. Assim, a obra de Paulina Chiziane torna-se uma ferramenta para o debate sobre as condições ambientais, o ser mulher e a(s) sociedade(s) pautadas na desigualdade de classe e gênero.

A Literatura mostra-se como uma forma de ampliar os olhares à sociedade, às minorias, às relações socioculturais. Por isso, no âmbito socioeducacional, é necessário ampliar os debates climáticos, ambientais e o avanço da violência à Terra, que se interliga à opressão de gênero, classe e raça. O que se apresenta nesse livro de maneira crua, poética e feminina, um grito de denúncia e busca pela libertação, que deve ser ampliado por meio de leituras ecofeministas nos ambientes educacionais e cotidianos.

Referências

ADÃO, Deolinda **M.Novos espaços do feminino: uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane**. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Orgs.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

ARMBRUSTER, Karla.**"Buffalo Gals, Won't You Come out Tonight": a Call for Boundary-crossing in Ecofeminist Literary Criticism.** In: GAARD, G.; MURPHY, P. (Orgs.). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy*. Chicago: University of Illinois Press, 1998. p. 97-122.

BEAUVOIR, Simone. ***O segundo sexo***. São Paulo: Difel, 1980.

BOURDIEU, Pierre. ***A dominação masculina***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRONZO, Carla**. Entre pisar suavemente na terra ou comer suas entranhas: as escolhas que fazemos nos definem**. *NAU Social*, v. 11, n. 20, p. 81-89, 2020. Disponível em: https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nausocial/ article/view/36557/21014. Acesso em: 12 jun. 2024.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDIDO. Antonio. **Na sala de aula: cadernos de análise literária.** 9 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: ___. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHABAL, Patrick**. *Vozes Moçambicanas***. Lisboa: Veja, 1994. p. 58 - 292-301.

CHIZIANE, Paulina. ***Balada de amor ao vento***. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2007.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher, por uma nova visão do mundo**... In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). *Eu, mulher em Moçambique*. Moçambique: AEMO; UNESCO, 1992.

D'EAUBONNE, Françoise. ***Le féminisme ou lamort***. Paris: Pierre Horay, 1974.

ESTÉVEZ, Andrea D. **Ecofeminismo: poniendoel cuidado enel centro**. *Ene*, v. 13, n. 4, 2019.

FERRARI, Lilian. ***Introdução à linguística cognitiva***. São Paulo: Contexto, 2011.

GAARD, Greta; MURPHY, Patrick (Orgs.). ***Ecofeminist Literary Criticism:*** *Theory, Interpretation, Pedagogy*. Chicago: University of Illinois Press, 1998.

GARCIA, Sandra M. **Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente**. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 0, 1992, p. 163-167.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. ***Ecofeminismo***. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

POUND, Ezra. ***ABC da Literatura***. São Paulo: Cultrix, 2006.

PULEO, Alicia H. **Ecofeminismo: a perspectiva de gênero na consciência ecológica.** *QG Feminista*, 2020. Disponível em: https://medium.com/qg-feminista/ecofeminismo-a-perspectiva-de-g%C3%AAnero-na-consci%C3%AAncia-ecol%C3%B3gica-432a34535e69. Acesso em: 15 jul. 2024.

RUETHER, Rosemary R. ***New Woman, New Earth:*** *Sexist Ideologies and Human Liberation*. New York: SeaburyPress, 1975.

SILIPRANDI, Emma. **Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais.** *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-63, 2002.

A literatura infanto-juvenil como reconhecimento e construção de identidade: uma análise do livro "Amoras"

Monique Pereira Silva Souza[1]
Rosemary Lapa de Oliveira[2]

Introdução

O tema de representatividade na literatura e em todas as artes tem ganhado espaço nos cursos de licenciatura, principalmente com as discussões levantadas a partir da Lei nº 7.716/89, que aborda o Crime Racial, combatendo crimes resultantes de preconceito de raça ou cor, e inclui diversas condutas discriminatórias. Além dela, o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) busca garantir a efetivação da igualdade de oportunidades para a população negra e o combate à discriminação. Recentemente, a Lei nº 14.532/2023 incluiu a injúria racial como crime de racismo.

Um tema que se alinha a esse é o da crise da identidade, defendida por Stuart Hall (2005) e que foi aporte teórico em Trabalho de Conclusão de Curso, sob título: Crise de identidade na obra literária o Patinho Feio (Souza, 2018). Esse texto discute que o Patinho Feio não reconhece a sua identidade, ele não se vê representado na família em que está inserido. A leitura do livro Amoras (Emicida, 2018) retoma esse assunto de identidade, focando na representatividade. No texto, o autor trata desse tema complexo, de forma fácil para as crianças compreenderem o

[1] Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas e Especialista em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras (es) (CEGRESFE) (UNEB). E-mail: monique.souza42@enova.educacao.ba.gov.br

[2] Doutora e pós-doutora em Educação. Mestre em Letras e Linguística. Professora Plena do Curso de Graduação e Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: rloliveira@uneb.br

preconceito racial e, como no Patinho Feio, ao se identificar com os seus, encontra sua identidade.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender e identificar como a criança negra constitui sua identidade através de obras literárias, nesse caso específico, através do livro Amoras. Para isso, optou pela metodologia de análise literária, guiada pela pergunta de pesquisa: como a criança negra constitui sua identidade através de obras literárias.

O estudo da representatividade nasce de pesquisas ligadas à propaganda, analisando informações que mostram que, embora sejam maioria no país, os negros pouco apareciam na publicidade e, quando ali estavam, muitas vezes eram estereotipados, apresentados de maneira negativa ou ainda vinculados a papéis de baixa qualificação (Martins, 2009). Contudo, defende esse autor, há um movimento cada vez maior, não apenas na publicidade, mas também na sociedade geral, que quer problematizar esses papéis, fazendo uso de narrativas contraintuitivas, contraestereotípicas, politicamente corretas e que dão atenção ao colorismo.

Como vemos, esse é um tema relevante na construção da identidade de uma pessoa, pois é importante a gente sentir que faz parte da sociedade em que vive, que pode se ver em situações cotidianas, nas propagandas e mídias, nos desenhos animados, nos super-heróis. No momento em que uma criança não se vê representada, ela perde o referencial e como é que ela vai construir uma identidade positiva de si? Apesar do espaço escolar ser um ambiente para quebra de paradigma e construção de identidade, é perceptível que as crianças negras não se sentem representadas e, por vezes, são vítimas de preconceitos. É através da representatividade que a criança constrói a sua subjetividade, sua identidade.

É relativamente comum presenciar ainda na atualidade, em determinados espaços escolares, situações de racismo, notadamente voltadas para os cabelos que são comparados sempre a referenciais pejorativos como abacaxi ou palha de aço. Para pessoas que discutem esse tema, a reação é de choque e revolta,

mas não pode se resumir a isso. É crucial entender que sempre podemos e devemos fazer algo para tentar mudar aquela situação, principalmente em se tratando de ambiente escolar, local em que a educação não pode se resumir aos conhecimentos formais, tem que ter foco na cidadania.

Esse comportamento nas escolas é denominado de *bullying*, o qual, segundo Lopes Neto (2005) "[...] compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder". Ainda é esse autor que historiciza que a adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Nessas situações, a ação docente é de crucial importância, levando a turma toda a refletir que esse comportamento atinge todas as pessoas envolvidas, minando suas relações interpessoais. A literatura pode ser uma aliada nesse processo, levando a resultados bastante satisfatórios no sentido de suprimir agressões verbais.

Com o objetivo de verificar o que já foi escrito sobre esse tema, apresentamos abaixo o que chamamos de Estado da arte, ou seja, um mapeamento feito a fim de identificar outras pesquisas que tenham sido realizadas nessa área, abordando questões semelhantes, reforçando a importância do tema.

Considerada uma plataforma segura e reconhecida por sua relevância acadêmica enquanto repositório, foi utilizado o Google Acadêmico, no qual utilizamos os termos booleanos "Literatura infanto juvenil and Amoras and identidade", aplicando um recorte temporal entre 2018 e 2022, que abrange o lançamento do livro Amoras e o período em que foi levado para as aulas que serviram de *lócus* para esta pesquisa. Foram consideradas apenas páginas em português, assim, chegamos a 3.050 textos. Reconhecendo ser uma quantidade demasiada de textos para análise, decidimos focar na primeira página de resultados, que possuía dez textos com algumas ou todas as palavras do descritor em destaque.

Dos dez textos, quatro deles foram descartados por não envolver diretamente o texto Amoras, mas voltar-se a outro objeto de pesquisa. Ao nos depararmos com os seis textos, percebemos que dois deles se tratavam da mesma pesquisa. Dessa forma, ficamos com 5 textos, dos quais examinamos seus resumos. Assim, constatamos que nesses últimos anos houve uma significativa produção, utilizando o livro Amoras como objeto de pesquisa, sendo que o foco principal foi na perspectiva de racismo.

O primeiro texto analisado é um artigo, um recorte da dissertação intitulada "As relações étnico-raciais na Educação Infantil: a literatura como ferramenta pedagógica para a implementação da Lei nº 10.639/03 com vistas à construção de uma educação antirracista", escrito por Márcia Cossetin, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Lidiane Cossetin Alves e Talita Luana Schweig. Foi publicado em 2022, e teve como objetivo identificar a contribuição da utilização da literatura infantil com protagonistas negros como um potente instrumento para a implementação da Lei nº 10.639/03, a qual provém de uma série de lutas do movimento negro para uma educação que rompa com os modelos eurocêntricos e torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares. O texto revela que a referida Lei não direciona um olhar para o seu processo de implementação, bem como não menciona a obrigatoriedade na Educação Infantil.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob título: Contribuição da Literatura infanto-juvenil na construção antirracista: Uma leitura da obra Amoras de Emicida, tem como autora Mari Ivone da Silva Ribeiro, graduada do curso de Letras Português EaD, da Universidade Federal do Pampa. Foi defendido e aprovado em 13 de maio de 2021, e discorre acerca da identidade e da representatividade da literatura afro-infantil, e apesar de mencionar Amoras, não o usa como foco para análise. O objetivo geral se concentrou em identificar a contribuição da utilização da literatura infantil com o protagonista negro, no ambiente da

Educação infantil, como um potente instrumento na implementação da Lei nº 10.639\03. Focando na contribuição da Literatura infanto-juvenil na construção da Educação antirracista. A pesquisa foi ancorada na metodologia da pesquisa-ação colaborativa, tendo, como sujeitos envolvidos, a professora (regente de classe), a pesquisadora (como agente colaborador na classe – leitor de história) e 17 crianças da Educação infantil matriculadas na pré-escola da Escola Municipal de Ensino fundamental (EMEF) Francisco Meireles, localizada no município de Canguçu\RS. Os resultados evidenciaram que o trabalho com a literatura com o protagonismo negro pode ser um desafio para docentes, tendo em vista o enraizamento do racismo estrutural no ambiente escolar, no entanto, essa prática pedagógica mostrou-se promissora na efetivação da lei nº 10.639\03.

A dissertação escrita por Giulia Tessaro no ano de 2022, sob o título: Propostas de traduções no panorama linguístico e literário da literatura infanto-juvenil brasileira com protagonismo negro, teve como objetivo assinalar de que maneira o papel do protagonismo negro se desenvolve e se representa no contexto literário atual do Brasil e colabora para a construção da identidade da criança negra. A metodologia foi analisar as traduções propostas que se baseiam em estudos sobre a tradução de obras infanto-juvenis e as escolhas selecionadas para a terminologia sensível presente nos textos. Os resultados foram levantamentos linguísticos realizados graças à colaboração de falantes nativos de italiano, tendo como contexto de referência o panorama literário infantil brasileiro e a literatura de autoria negra.

O artigo escrito por Janaína de Lurdes Marinho Marques, Letícia Takano Sader e Wesley Piante Chotolli sob título: O protagonismo negro na literatura infantil Amoras de Emicida: publicado na revista Gesto-Debate, Campo Grande - MS, vol.22, n. 29, p. 508-533, em jan/dez 2022, utiliza-se da metodologia de pesquisa qualitativa com o uso de questionários abertos para compreender o modo como três professoras de escolas municipais mobilizam os saberes necessários para a produção de uma consciência étnico-racial plural e

democrática. Objetivou problematizar a questão da representatividade negra a partir da leitura do livro infanto-juvenil Amoras, escrito pelo rapper Emicida. Os resultados alcançados foram que os docentes possuem conhecimentos sobre títulos que abordam a questão e consideram a literatura um importante mecanismo de aprendizado, permitindo concluir que a escola é uma importante instituição social para a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre as identidades negras.

No artigo Literatura afro-infantil, identidade e representatividade, escrito por Maria Karolyne Reis Santana, defendido no Ano 2022, teve por objetivo identificar a importância da literatura afro-infantil na construção de identidades de sujeitos minoritários. A metodologia proposta para realização desse trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, através de leituras exploratórias, seletivas e fichamentos das obras selecionadas. Os resultados alcançados foram reafirmar a importância de manter a atenção na construção e releituras dos textos literários para tornar a sociedade mais igualitária e livre de preconceitos. Nesse sentido, o trabalho torna-se importante para a busca pela autoestima das crianças negras através da literatura.

Ao pesquisar e analisar esses artigos, percebemos que a presente pesquisa apresenta proposta diferente das demais, uma vez que a proposta aqui é fazer uma análise literária com o objetivo de responder ao questionamento de como a criança se sente representada na obra literária. Para isso, utilizamos análise de uma obra literária. O objetivo foi compreender e identificar como a criança negra constitui sua identidade através de obras literárias.

Dessa forma, reforçamos a importância da temática abordada nesta pesquisa, mas também mencionamos a falta de textos publicados, envolvendo o panorama de construção de identidades. Este artigo está dividido em quatro seções: a primeira é essa, na segunda, apresentamos uma discussão sobre a literatura infanto-juvenil e identidade, na terceira, apresentamos a análise da obra literária Amoras e na quarta apresentamos as considerações finais.

A literatura infanto-juvenil e a identidade

Segundo Coelho (2012), a primeira coletânea de contos infantis foi publicada no século XVII, na França, sob o título de Contos da Mãe Gansa (1697), e foi oferecido à neta do rei Sol – Luís XIV. Ainda segundo essa autora, só no século XIX surge o primeiro autor de contos infantis, sendo ele o dinamarquês Hans Christian Andersen. Coelho (2012) historiciza que cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo e que conhecer esse "modo" é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta).

De acordo com Zilberman (2003), o texto literário para crianças e jovens precisou, em princípio, cumprir algumas prerrogativas pedagógicas, como: deter-se em narrativas fantásticas, uma vez que elas atraíam os leitores, e explicar a vida, de modo a ensinar valores e costumes que deveriam ser imitados.

Segundo Lajolo e Zilberman (2017), o ensino de literatura através de leitura de obras literárias, e não sobre sua teoria, é um caminho para despertar o interesse de estudantes por textos literários, a fim de desenvolver hábitos de leitura. Entendendo, pois, que, "a literatura na sua forma mais elaborada do campo da leitura, teria a função de humanizar, já que em sua essência expande a capacidade do homem viver em sociedade consciente de seu dever social como sujeito ético e moral" (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 16).

A literatura infantil, desde sua origem, tem uma forte ligação com a escola, sendo o espaço em que mais o literário circula como fonte para a formação de leitores. Conforme Soares (2011), há dois momentos que envolvem o processo de escolarização da literatura infantil. Em um primeiro momento, a escola se apropria da literatura infantojuvenil e cria uma linguagem didatizada, fortemente voltada ao ensino, considerando-se o processo de escolarização da leitura literária. Num segundo momento, tendo em vista as potencialidades de imaginação das crianças, a escola,

através da mediação docente, busca proporcionar condições para que possa ser possível a aprendizagem e, nisso, a literatura infantil tem um papel fundamental, uma vez que ela trabalha a oralidade e desperta o gosto pela leitura, potencializando o poder da imaginação de forma lúdica e desenvolvendo a criatividade.

Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, representatividade, além de ensinarem infinitos assuntos. Ainda segundo a autora, é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. "É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula" (Abramovich,1997, p 17).

É necessário ressaltar ainda que, segundo Zilberman (2003), a literatura é de grande importância para a construção do imaginário infantil, pois é através dela que se desenvolve uma visão estética, lúdica e crítica da realidade, contribuindo para ampliação das referências estéticas e culturais dos leitores, explicitando as contribuições da literatura ao destacar, de forma especial, as conexões com o cotidiano viabilizado pela ficção literária.

Com relação à identidade, podemos dizer que é o aspecto mais importante de um indivíduo. Cada pessoa desenvolve a sua, embora ela seja altamente influenciada social e culturalmente, ainda assim, possuímos características distintas que nos diferenciam dos outros e que estão relacionadas com a nossa história de vida pessoal. De acordo com Hall (2005, p. 07)

> A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Segundo esse autor, o processo de construção de identidade é contínuo, mutável e ao longo do tempo podemos nos deparar com situações conflitantes, gerando crises de identidade, as quais podem ocorrer em qualquer fase da vida e servem para reestruturar a pessoa, diante de um mundo em constante mudança.

Hall (2005, p. 10) descreve três concepções de identidade: "a identidade do sujeito do iluminismo, do sujeito biológico e o sujeito pós-moderno". Essas concepções são descritas por ele considerando os momentos históricos e formas de entender a relação entre indivíduo e sociedade nos quais esses indivíduos vivem. No entanto, ao pensar essas identidades, não podemos deixar de considerar que Hall (2005) mostra, não só como a compreensão da identidade se modifica ao longo do tempo, mas, também, que o tempo não é tão linear quanto pensamos e que diferentes pessoas vivem diferentes momentos históricos, mesmo que estejam sob o mesmo calendário e relógio. Como explica Le Goff (1990, p. 9)

> Hoje, a aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.

Para Hall (2005), o sujeito do iluminismo está baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo contínuo ou idêntico a ele ao longo da existência do indivíduo.

Já o sujeito sociológico para esse autor, reflete a complexidade do mundo moderno e a interação entre o eu e a sociedade. Uma vez que esse sujeito já não se basta, pois se constrói a partir e com o outro.

Por fim, o sujeito pós-moderno não tem identidade fixa ou essencial. Ao contrário, sua identidade é móvel, contraditória e continuamente transformada. Isso acontece porque essa forma de se constituir sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, pois se modifica a partir de mudanças estruturais, institucionais e culturais.

Essas identidades podem ser percebidas em um só indivíduo ao longo do tempo e carregam um conjunto de ideias que as determinam, o que não exclui que uma pessoa assuma uma dessas identidades e, arraigada a ela, não aceite mudanças. Em seu livro, Hall (2005) enfatiza a importância do contexto cultural e social na formação da identidade, destacando que a identidade não é algo dado, mas construído através de processos discursivos e práticas de representação dominantes na sociedade em determinado tempo histórico.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a identidade é um processo de construção social e de autodescoberta desde a infância e o reconhecimento de seu papel social e o seu pertencimento do grupo étnico, através da aparência, do modo de viver, dos traços sociais, culturais e religiosos, que constituem a identificação. A identificação, por sua vez, molda o ser a partir dessa identidade que ele constrói socialmente, a partir das trocas e com a qual se identifica tomando como base os elementos dessa cultura ou desse grupo étnico específico, como por exemplo: o modo de se vestir, o modo de consumir arte ou a religião, entre outros fatores. Portanto a identificação está relacionada com as manifestações que são típicas daquele grupo específico.

Percurso Metodológico

Segundo Candido (2000), o texto literário foi levado à escola de forma obrigatória e, até certo ponto, de forma catequizante, mais um aspecto que colocou amarras na análise textual da literatura. Esse tipo de estudo passou a ter, por muito tempo, uma verdade analítica e quem não a alcançasse, não seria um leitor eficiente.

Assim, nasce o mito da leitura de difícil interpretação e também o jargão de leitura inútil, ou seja, foi tirado da literatura a sua verdadeira missão de dar possibilidade de ver o mundo por vários ângulos, além de tirar de muitos, o direito a esse direito.

Na visão desse autor, para se iniciar uma análise literária, é importante realizar muitas leituras da obra, sempre se atentando para os detalhes, por menores que sejam. A pessoa que realiza esse processo precisa ser criteriosa. Há quem compare esse processo ao ato de descascar uma cebola, a qual contém muitas camadas, e uma camada mais interna só pode ser acessada quando se atinge antes a camada externa, assim são os textos. A análise literária deve atravessar as camadas superficiais da obra para chegar até a parte fundamental do conteúdo literário.

A análise literária ajuda a entender, interpretar e fazer a assimilação dos valores e sentimentos de uma obra. Mas para que o indivíduo que faz esse tipo de análise consiga tais resultados, necessita-se que quem analisa a obra consiga explorar as características do texto, para isso, precisa ter intimidade com a obra, ou seja, é preciso que sejam feitas muitas leituras.

Para Candido (2000), é interessante começar analisando o enredo, que é o elemento que sustenta uma história. O enredo faz a conexão dos acontecimentos e traz fundamentação para a narrativa. Ele é quem mostra onde encontra-se a força que move as personagens e é representado pelo tempo e espaço, no qual a narrativa é desenrolada.

Ao analisar os acontecimentos históricos de uma narrativa, diz esse autor, se pode saber qual a época daquela história. Há casos em que se pode identificar logo isso e há outros casos em que essa informação estaria mais escondida. Deve-se também verificar se existe algum uso específico do tempo na obra (como é o caso de flashbacks).

A análise literária também averigua personagens de uma obra. E a análise feita sobre eles envolve tanto aspectos do seu psicológico quanto do físico. Cabe dizer que as personagens principais (às vezes, protagonistas) devem receber uma análise

mais completa, com um levantamento de informações, considerando aspectos físicos, emocionais, sociais, entre outros.

A análise da obra literária Amoras realizada neste texto considera a obra como um todo, considerando elementos textuais, pré e pós textuais, com o objetivo de compreender como a construção da identidade é forjada na narrativa. Sendo assim, na seção seguinte, apresentamos a análise da obra em destaque, ressaltando elementos que apontam para uma construção de identidade, sendo guiada pelo pai de uma menina de tenra idade em situação cotidiana, comum.

Constituição de identidade e o livro Amoras

O livro Amoras é uma obra literária do cantor e escritor Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida. Segundo a biografia do autor, trazida no livro em análise, ele nasceu em uma casinha bem pobrezinha na parte Norte da cidade de São Paulo. Sua imaginação foi sua melhor amiga e o fez visitar mundos incríveis, transformando-o em astronauta, desenhista, guerreiro, pirata, pintor, samurai e muitas outras coisas. Tudo sem sair de casa. Diz ainda que foi assim que ele se encantou pela poesia e nunca mais a largou (Emicida, 2018, 29-31). Podemos relacionar essa informação com outra trazida ao final do livro, na qual se revela que o texto do livro é baseado na música: Amoras de autoria de Emicida e Xuxa Levy. Ou seja, percebemos que as reflexões trazidas no texto já há muito estão no repertório do artista.

Na obra literária Amoras, Emicida, através de uma linguagem rimada, poética, não narrativa, conta a história de uma garotinha que reconhece sua identidade a partir de uma conversa com o pai, debaixo de uma amoreira. Nessa conversa, o pai faz referências à cultura e à representatividade de negritude.

Segundo Stuart Hall (2005), as identidades são formadas e transformadas no interior das pessoas, pelas representações de uma dada cultura nacional. Ao analisar o livro Amoras, é perceptível que o escritor Emicida explica para a filha sobre sua

identidade e representatividade, quando ele fala sobre a vida de Martin Luther King, que lutou incessantemente pelos princípios de liberdade e igualdade, lutando contra o preconceito racial. Emicida (2018, p. 22-26), no livro, numa parte chamada de Glossário, conta que essa personalidade lutou para que as pessoas não fossem julgadas pela cor de sua pele, mas, sim, pelo seu caráter.

O escritor cita também, no já referido Glossário, Zumbi dos Palmares, que foi a maior liderança na luta pela libertação da escravatura no Brasil e nas Américas, tendo uma Lei nº 9. 315 de 20.11.1996, em seu Art. 1º sido feita em comemoração ao tricentenário da morte de Zumbi, além de ter seu nome escrito no Livro dos Heróis da Pátria que se encontra no Panteão da liberdade e da Democracia, também conhecido como Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, que é um memorial localizado na Praça dos Três Poderes em Brasília.

No Glossário do livro Amoras, o nome Zumbi dos Palmares, aparece como o último líder do Quilombo dos Palmares no Brasil e que lutou contra a escravidão colonial e a favor da liberdade do culto religioso; possuía destaque com questões militares e organizacionais nos quilombos, defendendo-os dos portugueses e que foi perseguido por colonos que se sentiam ameaçados pelas ações irreverentes do líder dos Palmares.

Com essas e outras informações trazidas no glossário, o autor amplia os conhecimentos dos leitores sobre o universo da cultura negra, dando um tom pedagógico à obra, sem pedagogizar o texto, ao mesmo tempo que situa a identidade negra numa identificação positiva.

O rapper e escritor Emicida escreveu Amoras em homenagem à sua filha Estela, conforme ele expressa na dedicatória: "Dedicado a Estela, a primeira pessoa que vi salvar o mundo" (Emicida, 2018, p. 3). Toda a história do livro de literatura se passa debaixo de uma amoreira. O texto se inicia com um diálogo introspectivo do autor, refletindo sobre a beleza do pensamento da criança e como ele aprende conversando com a menina. Com isso, ele prenuncia e situa o leitor no desenvolvimento do diálogo que logo se trava

entre pai e filha, no qual, ao falar da fruta amora, explicando para a filha que "as pretinhas são o melhor que há" (Emicida, 2018, p. 10), a criança se identifica e diz: "Papai, que bom, porque eu sou pretinha também." (Emicida, 2018, p. 20).

Para apresentar a conclusão a que a menina chega, conforme descrito acima, o autor toma de empréstimo nomes de homens pretos de destaque no cenário nacional e mundial, como o já citado Zumbi e Martin Luther King. Ao fazer isso, conforme nos ensina Hall (2005, p. 38), "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento", ele situa a questão da negritude numa consciência coletiva, numa construção social em que as pessoas se veem representadas por outros que se sobressaíram de alguma forma e com os quais nos identificamos seja fisicamente, seja ideologicamente.

É possível levantar uma discussão sobre o motivo dessas referências não serem femininas, uma vez que ele se referia à filha, mas é necessário lembrar de que o eu poético é um homem cis negro e que ele constituiu sua identidade através de figuras com as quais pudesse se identificar e essa é a discussão que trazemos aqui.

A questão da identificação é tão problemática que, apenas por ter iniciado o texto levantando o tema religião, ressaltando que "Nesse planeta, Deus tem tanto nome diferente que, pra facilitar, decidiu morar no brilho dos olhos da gente" (Emicida, 2018, p. 7), associando imagens referentes à Obatalá, Alá, Ganesha, o tema se tornou polêmico. Foi o que o aconteceu com o livro em análise que, segundo o site lunetas.com.br[3], foi indicado para um projeto literário em uma escola de Salvador, e teve um exemplar riscado com diversas mensagens de cunho preconceituoso pela mãe de um aluno. Além de sugerir leituras de passagens bíblicas e tratar informações sobre religiões de matriz africana como "ideologias anticristãs e blasfêmias contra o Deus vivo vulgo criador, as

[3] Disponível em: https://lunetas.com.br/amoras-livro-de-emicida-e-alvo-de-racismo-religioso/ Acesso em 27 ago 2024.

intervenções consideram falsa a informação sobre a origem da raça humana na África e que os escritos sobre orixás eram "*fake*"[4]. Em resposta ao ocorrido, o rapper Emicida comenta que fica muito triste com essa intolerância religiosa, segundo o site. Nessa passagem podemos perceber como a literatura provoca identidades e discussões para além da possível perspectiva imaginada por quem a escreve.

O livro traz uma questão histórica: explica a importância da representatividade africana, uma vez que fala sobre Martin Luther King e Zumbi dos Palmares. Porém, o que torna o livro interessante é a estratégia que o autor utiliza para falar de forma simples sobre assuntos delicados, ou seja, utiliza uma linguagem de fácil entendimento para descrever a parte histórica dos representantes afro diaspóricos.

Na produção imagética do ilustrador Aldo Fabrini Assayag, que assina a ilustração do livro, a personagem menina é descrita como uma criança negra, de cabelos encaracolados, que se vê tão linda quanto as amoras que colhe no pomar, que quanto mais pretinhas mais doces. A partir daí, vê-se a importância de se cultivar a autoestima das crianças e o reconhecimento de sua própria identidade, independentemente de sua etnia, cor de pele, bem como da necessidade de se romper com a ideia de que há um padrão de beleza que anula as outras belezas, que residem, sobretudo nas diferenças.

Hall (2005) ressalta que a construção da identidade é um processo de autodescoberta e o reconhecimento de quem a pessoa é e o seu pertencimento, já a identificação é um processo pelo qual nos reconhecemos e nos relacionamos com uma determinada raça ou cultura. É o que percebemos no livro Amoras, pois a criança negra reconhece a sua cor e fica feliz por ser uma criança pertencente à cultura afro diaspórica e reconhecer a sua identidade e etnia.

---

[4] Refere-se à conhecida *Fake News,* ou seja, informação falsa que é transmitida ou publicada como notícia, para fins fraudulentos.

A obra literária Amoras é um livro muito importante, pois cada vez que o lemos, mergulhamos na reflexão sobre as várias ideias que nos constituem: família (a relação pai e filha), religião (as várias formas de exercê-la), política (e suas consequências), história (heranças deixadas por nossos antepassados e como são pensadas). É um livro imprescindível para explicar às crianças negras sobre a sua representatividade, abordando negritude, desigualdade, racismo e discriminação. Afinal, como assevera Munanga (2005, p. 15)

> Sem minimizar o impacto da situação socioeconômica dos pais dos alunos no processo de aprendizagem, deveríamos aceitar que a questão da memória coletiva, da história, da cultura e da identidade dos alunos afrodescendentes, apagadas no sistema educativo baseado no modelo eurocêntrico, oferece parcialmente a explicação desse elevado índice de repetência e evasão escolares.

Embora seja inegável que as histórias contadas por nossos antepassados sejam importantes, notadamente em nível psicológico e de constituição identitária, acreditamos que muitas histórias apenas permanecem pelo seu caráter meramente ilustrativo ou representativo, como um esquema imaginário no qual se apoiam elementos conscientes e inconscientes. O que cada trama evoca no leitor ou ouvinte, ou seja, a combinatória de elementos em que uma representação se apoia, não necessariamente faz parte intrínseca da história, ela pode mudar conforme o cenário e a época em que a narrativa é contada.

Segundo Bruno Bettelheim (2002), para dominar os problemas psicológicos do crescimento, superar decepções narcisistas e obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, a criança necessita entender o que está se passando dentro do seu eu inconsciente. A obra Amoras faz tudo isso sem envolver seres mágicos e encantados, apresentando apenas um pai e uma filha dialogando sobre suas origens, apresentando uma identificação positiva.

Considerações finais

O livro Amoras é encantador, pois o escritor Emicida e o ilustrador Aldo Fabrini Assayag compuseram o texto, utilizando rimas e ilustrações para abordar assuntos delicados e polêmicos, como por exemplo as diferentes religiosidades e a questão do preconceito racial, considerando a necessidade de reflexão sobre o protagonismo negro na literatura infantil e as possibilidades de inserção das discussões raciais na educação infantil.

O presente trabalho buscou analisar a obra literária Amoras com objetivo de compreender e identificar como a criança negra constitui sua identidade através de obras literárias, focando uma obra específica que aborda a temática do ponto de vista de uma criança negra e que, em 2020, entrou na lista dos mais vendidos e recebeu o prêmio de um dos 30 melhores livros infantis do ano pela revista Crescer. Ao ler e analisar a obra Amoras, é perceptível que a personagem se sente representada e valoriza a sua cor e seus traços africanos, provocando em quem o lê uma autoidentificação positiva.

A utilização da metodologia de análise literária, foi guiada pela pergunta de pesquisa: como a criança negra constitui sua identidade através de obras literárias. Uma possível resposta esta pergunta é que a criança negra, ao se identificar com as imagens da personagem principal e às personagens históricas citadas no livro, poderá constituir uma autoimagem positiva, comparando-se a uma fruta "Amoras penduradas a brilhar, quanto mais escuras, mais doces." (Emicida, 2018, p. 12). Esse livro é muito importante, pois serve para elevar a autoestima das crianças, reconhecendo sua identidade e representatividade.

Essa pesquisa se fez necessária para levantar discussões sobre autoimagem, racismo, respeito às diversas religiosidades, entre outras, para que docentes se inspirem a levar para suas salas de aula livros como este, mostrando para crianças de diversas etnias a importância da representatividade. Na sala de aula, ao ler este livro para as crianças, trabalhando literatura e organizando um debate

antirracista, destacando todas as discussões existentes na obra, o/a docente poderá fazer um trabalho pedagógico de efetiva abordagem da Lei 11.645/2008, tão importante para a constituição de uma sociedade antirracista.

Os resultados evidenciaram que o trabalho de análise sobre o livro Amoras é imprescindível para que as crianças se sintam representadas e para a valorização da sua identidade, trazendo a questão da identidade e identificação da criança negra. Partindo para outro viés, outros/as pesquisadores/as poderiam analisar a questão da intolerância religiosa ou da interseccionalidade e tantos outros.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

CANDIDO. Antonio. **Na sala de aula: cadernos de análise literária.** 9 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustração Aldo Fabrini. 1 ed. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

LAJOLO, Marisa. M.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**, história e histórias. 6. ed. São Paulo: editora Ática, 2017.

LE GOFF, Jacques**. História e memória**]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppg com/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Artigo de Revisão • J. Pediatr. (Rio J.) 81 (5 suppl) • Nov 2005 • https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. **RuMoRes**, *[S. l.]*, v. 3, n. 5, 2009. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2009.51157. Disponível em: https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/51157 . Acesso em: 19 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em 18 de Ago 2024

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. et al. (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Monique Pereira Silva. **Crise de identidade na obra literária O Patinho Feio.** 2018. 38f. Orientadora: Denise Dias de Carvalho Sousa. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras), Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2018.

Algumas perspectivas de educação afro-brasileira em prosa de nagô: Educando pela cultura, de Vanda Machado

Jucilene de Castro Oliveira[1]
Claudenilson Dias[2]

Introdução

Agô!

O presente escrito tem como motivação realizar uma análise baseada na obra Prosa *de Nagô: educando pela cultura*, livro de Vanda Machado, com a finalidade de apresentar e analisar as experiências vivenciadas com as crianças (discentes) da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos (EMEAS), localizada no Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador, com o Projeto Político Pedagógico (PPP) Irê Ayó – caminho de alegria traduzido do Iorubá.

Esse projeto é de grande importância para a sociedade brasileira, visto que pauta e reflete rotas para uma educação emancipatória tendo como elemento base a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), interligando a comunidade, o terreiro e as crianças. Constituindo-se a partir de uma epistemologia afro-brasileira, a propósito, **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira** é o título de uma das obras da

[1] Graduação em Administração (UNIJORGE). Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadores/as (UNEB), castrojucilene3@gmail.com

[2] Bacharel em Humanidades (IHAC/UFBA), Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Gênero e Feminismo (PPGNEIM UFBA); Pesquisador permanente das linhas de pesquisa em Estudos Trans, Travesti e Intersexo (TTI/NuCuS) e Processos de Subjetivação e Raça, Gêneros e Sexualidades (S.R.G&SEX/NuCus) do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (IHAC/CULT/UFBA). Pós-doutorando (PPPG/PROEX/UEFS). dias.claudenilson@ufba.br.

Professora Vanda Machado publicada em 2019, que também contribuiu para a construção deste trabalho e nos serve de alinhamento político.

A prática realizada corresponde basicamente em contar para as crianças mitos africanos fundamentado nas histórias dos Orixás, divindades da cosmopercepçao Iorubá, tais como: Exu, Ogum, Oxóssi, Ossain, Omolu, Xangô, Oxum, Yemanjá, Yansã, Oxalá, e, simultaneamente, fazer um paralelo ao universo de ensinamentos ancestrais que contêm nessas narrativas, a fim de que as crianças aprendam, valorizem e se apropriem da pluralidade cultural brasileira, africana e indígena. É oportuno ainda destacar que esta prática educacional nasce em 17 de junho de 1999, quatro anos antes da implementação da Lei 10.639/2003, que foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 9 de janeiro de 2003, esta modificada pela Lei N° 11.645, de 10 de março de 2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Indispensável destacar que a efetivação da lei nas salas de aula, não deve somente ser cumprida como uma obrigação, mas sim como uma reparação histórica a partir das epistemologias afro-indígenas, para a (re) construção de identidade, valorização e pertencimento da cultura afro-brasileira. Para tal propósito é indispensável, a formação continuada e engajada das/os educadoras/es; livros didáticos descolonizados e um currículo escolar diversificado e plural. Em razão de uma educação eurocêntrica, homogênea e racista, que dissemina injustiça social e o epistemicídio da cultura afro-indígena, provocando o sentimento de não pertença bem como a destruição dessas identidades. Isso gera, desde de tempos imemoriais, um grande problema no qual se pautou esse trabalho, resultado da conclusão de curso de especialização apontando quais são as perspectivas de educação afro-brasileira em Prosa de Nagô: educando pela cultura, de nossa mais velha, a *griot* Vanda Machado.

Compreendendo identidade negra de acordo com a educadora Nilma Lino Gomes:

> A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (2012, p.46)

Desse modo, a importância de uma educação que reverencie os saberes dos povos africanos, indígenas e afro-brasileiros. Assim nosso objetivo foi analisar e refletir as experiências obtidas através das vivências das crianças em contato com o pensamento africano no currículo escolar, mediante o PPP Irê Ayó. Refletindo, assim, seu aporte para uma consciência histórica e crítica, o fortalecimento do autoconhecimento, a importância de viver em comunidade e o cuidado de manter viva a história e cultura dos povos africanos que contribuíram muito para a formação do Brasil. De acordo com a Prosa de Nagô, foi percebido que através dos mitos africanos é possível contribuir para a construção de identidades raciais dos/as estudantes.

Posto isto, este trabalho justifica-se pela necessidade da aplicabilidade das leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 em todos os estabelecimentos de ensino público ou privado do Brasil, com o intuito de construir e fortalecer a identidade negra dos/as estudantes. Valoroso dizer que o Projeto Político Pedagógico Irê Ayó tem como âmago práticas de ensino com as vivências no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, buscando com isso um aprendizado mais cativante e eficaz sobre nossas formas de ser, estar e pensar no mundo aliada às práticas antirracistas de valorização de nossas identidades afrodiaspóricas.

Entretanto, apesar da obrigatoriedade da temática nos PPP nas escolas, a pesquisa "Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira", realizada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra e o Instituto Alana em 2023, constatou que 53% das redes municipais de ensino do Brasil não realizam ações consistentes e contínuas para a sua aplicação. Logo, este trabalho teve como intento pessoal que

os/as professores/as ao pensar suas metodologias, busquem a inclusão da "História e Cultura Afro-Brasileira" nos seus projetos políticos pedagógicos, para que as/os estudantes negras/os se sintam acolhidas/os, ativas/os e desenvolvam plenamente sua construção de identidade negra e valorização da nossa cultura formadora. Além disso, os órgãos competentes devem fazer o seu trabalho e estabelecer uma educação afro-brasileira para todas as pessoas indistintamente. Simultaneamente essa pesquisa pautou-se na reflexão do PPP Irê Ayó apresentado no livro *Prosa de Nagô: educando pela cultura*, refletindo o desejo de Mãe Aninha por uma educação que respeite as diferenças, sendo realizável pela conexão entre os mitos africanos e o aprendizado que os/as estudantes tinham através da cultura afro-brasileira, de forma interdisciplinar.

Esse texto está dividido em seis seções, nas quais serão apresentados os caminhos para o desenvolvimento do trabalho. A segunda seção, nomeada **Mãe Aninha e Vanda Machado**, apresenta a história de vida e os entrelaces entre a autora e sua referência de representação matrilinear, Mãe Aninha Oba Biyi que traça o destino de todas as pessoas do Ile Axe Opo Afonja com a célebre frase: "Quero meus filhos com anéis no dedo e aos pés de Xangô". Na seção três, sob o título **Projeto Político Pedagógico Irê Ayó**, retratamos o método da criação e efetivação do projeto alem de apresentar sua importância estratégico-política na efetivação das leis supracitadas. Na seção 4, apresentaremos um breve relato histórico e critico sobre a Legislação desde a lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996 até a já mencionada aqui a lei n° 10.639, de 9 de janeiro de 2003, com destaque para a luta do Movimento Negro Unificado do Brasil para a criação desta lei. Já a sessão 5, **As concepções pedagógicas do Irê Ayó,** está relacionada com as obras ***Como ser um educador antirracista*** de Bárbara Carine, **Alternativas *para combater o racismo*** do autor Manoel de Almeida Cruz e a atuação do Projeto Social Crianças do Planalto com o *Grupo de Leituras Decoloniais.* Evidenciamos na seção 6 nossos debates face aos resultados apresentados sobre a educação para as

relações étnico-raciais no Brasil. E por fim a concluímos indicando nossas intenções de modificação desse cenário atual

Mãe Aninha e Vanda Machado

De acordo com as informações no Portal Geledés, Eugênia Anna dos Santos, nome religioso Obá Biyi, filha de Sérgio dos Santos e Lucinda Maria da Conceição, nasceu em Salvador em 13 de junho de 1869. Iniciada no Candomblé ao Orixá Xangô no Engenho Velho – Brotas, Salvador BA – a casa de Mãe Nassô, no terreiro da Casa Branca em 1884. Em 1895 funda Ilê Axé Opô Afonjá, segundo as tradições Jejes-Nagôs, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1910 transfere para Salvador, primeiro no Alto da Santa Cruz, bairro Rio Vermelho e, depois para São Gonçalo do Retiro, onde está localizado até os dias atuais (LIMA, 2004). Suas convicções e lutas foram por liberdade aos cultos das religiões afro-brasileira e a educação como importante papel para transformação na vida dos/as seus/as filhos/as de santos.

> A Iyalorixá é uma liderança religiosa, cultural e social que possui duas funções; é a sacerdotisa que media a comunicação entre os membros da comunidade e os Orixás, Mãe pelo Santo que deverá cultuar os deuses; é a pessoa responsável por reatualizar a cultura afro-brasileira, de maneira a propiciar que os fiéis da religião, tendo como base a negritude originária do continente africano, e preserve sua identidade, que se encontra na síntese entre a África idealizada e o cotidiano vivenciado pelas pessoas.(Santos, apud Correia, 2013, p. 42-43).

Ialorixá (mãe de santo) Obá Biyi, com a ajuda do ministro Osvaldo Aranha, seu filho de santo, possibilitou a promulgação do Decreto Presidencial n° 1202 que pôs fim à proibição aos cultos afro-brasileiros em 1934.

> Eugênia Anna dos Santos (1869-1938), Iá Obá Biyi, a fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá (em 1910), foi uma ialorixá de enorme carisma. Era filha de africanos e teve formação religiosa bastante aprimorada com "antigos tios e tias, profundos conhecedores da seita africana"; foi líder religiosa respeitada pelo conhecimento e obediência aos fundamentos do culto; por sua liderança

> inconteste, sua autoridade,mas também sua compreensão e generosidade para com seus filhos espirituais e amigos. Era uma mulher inteligente, informada e com inegável sensibilidade para o trato com personalidades da vida social e política do seu tempo, habilidades que facilitaram conquistar vitórias importantes para sua comunidade e a sociedade de então. (Santos e Nóbrega, 2000, p. 16).

Em 1935, influenciada por Martiniano do Bonfim, Mãe Aninha criou o corpo de Obás, 12 ministros de Xangô do Ile Axé Opô Afonjá, com o objetivo de manter o axé de forma material e pelo status. Mãe Aninha fez do Terreiro Afonjá referência para os demais terreiros da Bahia, dado a sua profunda expertise nas tradições iorubás. A sucessora de Obá Biyi (1909-1938), foi Mãe Bada de Oxalá (1939-1941). Já tomaram posse do terreiro Ilê Axé Opô: Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como Mãe Senhora de Oxum (1942-1967); Ondina Valéria Pimentel a Mãe Ondina de Oxalá (1968-1975); Maria Stella de Azevedo Santos, a Mãe Stella de Oxóssi (1976-2018) e Ana Verônica Bispo dos Santos a Mãe Ana de Xangô (2019- Atual). A ordem de Obá Biyi Mãe Aninha é que todas as sucessoras sejam mulheres.

A professora Vanda Machado é iniciada no Ilê Axé Opô Afonjá, filha de Oxum, pesquisadora, graduada em História (1984-1985 UFBA), Especialista em Metodologia de Ensino Superior (1985-1986 UCSal), Mestra em Educação (1985-1986 UFBA), Especialista em Estudos da História e das Culturas Africanas (1986-1987 UFBA) e Doutora em Educação pela UFBA. Professora convidada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) desde 2016. Criadora do Projeto Político Pedagógico Irê Ayó. Nasceu em São Felipe Recôncavo Baiano, filha de Idalina e de seu Antonio Sinésio Machado. Fundadora da Escola Joana D'Arc Paripe, na Rua do Vale, 16, Subúrbio Ferroviário de Salvador, suas cinco irmãs trabalhavam no local. O caminho de Vanda encontra o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá cursando mestrado na UFBA em 1985, com a proposta de aplicar os seus estudos da cultura afro-brasileira, junto às crianças da Escola Eugênia Anna dos Santos instalada dentro do terreiro. Além da escola mencionada, o Projeto Irê Ayó

foi realizado em comunidades quilombolas em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT)/Fundação Palmares, coordenado por Vanda. Isto posto, comprovou que a busca por uma educação diversa, plural e criativa está na formação do Opô Afonjá, graças a Mãe Aninha no que diz respeito ao empenho por uma educação de resistência e cultura afro-brasileira. Além de contribuir significativamente para a formação de muitas pessoas. Desse modo, atua de maneira grandiosa por uma sociedade equânime.

Prosa de nagô: educando pela cultura

Começaremos dando a saber que a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos está instalada no seio do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, que tem Orixá Xangô como patrono, localizado na Rua Direta de São Gonçalo do Retiro, 557, no bairro do Cabula, em Salvador, na Bahia. E por que é importante situar onde foi criado o projeto político pedagógico Irê Ayó – Caminho de alegria? Uma vez que estamos falando do PPP de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), faz todo sentido dizer que foi concebido em um ambiente afluente de símbolos e signos da cultura de matriz africana, um lugar onde os elementos naturais, os cultos dos orixás e a conservação da vida e da ancestralidade faz presente o tempo todo, dialogando com as perspectivas de educação, tradição, religião, ciências, filosofia africana e história da África.

A proposta apresentada na obra dramatizada de revisão Prosa de Nagô: educando pela cultura, caracteriza o PPP Irê Ayó que nasceu em 17 de junho de 1999, idealizado por Vanda Machado com o apoio de Carlos Petrovick, a Secretaria Municipal de Educação e a Sociedade Cruz Santa. A autora evidencia ser uma construção coletiva. Dentre vários propósitos do projeto, o norteador foi cooperar para a formação de educadoras/es, valorizar a história, cultura e as manifestações culturais do local e o fortalecimento da identidade.

O livro em questão tem como instrumento de estudo, exposição e o semear do PPP Irê Ayó. A obra trata sobre a construção da identidade, o respeito e valorização da ancestralidade, memória, histórias míticas, cultura, o corpo, o tempo e o espaço, desse modo aponta caminhos e práticas pedagógicas em direção à uma educação para relações étnico-raciais. A obra está organizada de início e já no prefácio à 3° edição, Viviam Caroline de Jesus Queirós descreve o Irê como um projeto para a desconstrução do apagamento dos saberes dos povos africanos e de seus descendentes. Já no Prefácio à 2° edição – Projeto Irê Ayó, Dirlene Mendonça acredita que as diretrizes traçadas tornam cidadãos conscientes de sua identidade cultural; no Prefácio Mãe Stella de Oxóssi destaca que educar respeitando as diferenças é, com certeza, uma tarefa nada fácil; e na apresentação escrita pela autora Vanda Machado salienta a importância dos/as que vieram antes como os participantes dos movimentos sociais que lutaram para que os negros/as se tornarem sujeitos/as com direitos garantidos.

No capítulo um, "*Prosa de Nagô – Com a palavra, Mãe Stella A escuta da comunidade: dialogando com as falas e o não dito; Mistério, filosofia, ciência, arte e alegria; (...).* é apresentado o encontro de Vanda Machado e Carlos Petrovich com a Secretária de Educação de Salvador da época, Profa. Dirlene Mendonça, com o objetivo de construir um currículo e uma prática pedagógica embasada na construção de identidade e cidadania. Neste contexto, foi observado que as várias formas de existência e saberes faziam um currículo pluricultural e transdisciplinar, capaz de formar sujeito e sujeita para vida. A partir desses encontros nasce o Irê Ayó.

O capítulo seguinte, "*Prosa de Nagô I O ferreiro da vida e dos caminhos; Ogum queria ficar rico; O que é a consciência negra? Outra história: ancestralidade, pensamento africano e formação de seres autônomos, solidários e coletivos; (...).* destaca a importância em contribuir para que os/as estudantes aprendam sobre ser negro, como ferramenta de combater o racismo, a desigualdade social e principalmente de maneira que o orgulho de si mesma e de sua cultura sejam valorizados.

Por fim no último título, "*Prosa de Nagô II Ossain, o senhor das folhas, da saúde, do Ara e do Ori; O provedor das comunidades – o caçador de uma flecha só; Intervalo; Oxalá, o criador dos homens e senhor de toda sabedoria (...), é* evidenciado como os mitos dos Orixás tais como "Transformação do Conquen". "Ogum queria ficar rico", "A senhora das Águas Doces e da Beleza", "Ossain, o Protetor das Folhas", "Iansã Criando a Democracia", entre outros (Machado; Petrovich, 2002), podiam ser utilizados como ferramentas interdisciplinares na sala de aula.

A prática pedagógica do projeto é dialogar, vivenciar, aprender e ensinar através da cosmologia de Orixás adaptados. Penso que de uma maneira simples e eficaz o PPP Irê Ayó, fez a lição de casa com louros, pois a nós foi negado conhecer a história do nosso povo. A que nos foi contada apenas do ponto de vista do colonizador, não nos representa e muito menos nos coloca no lugar de potências que devemos estar. Esse projeto trouxe empoderamento, representatividade e autoconhecimento, para as nossas crianças da EMEAS e em todos os lugares que foi aplicado.

Neste sentido, incluir os mitos africanos no currículo escolar foi uma maneira de relacionar as crianças com o ambiente do terreiro, a cultura afro-brasileira, o modo de se relacionar consigo e com o outro, os valores e fazer conexões com os ensinamentos exigidos pelo Ministério da Educação por trás da literatura e das artes. É importante destacar que um currículo educacional como da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos é um currículo de luta e muita resistência que buscou não somente diminuir o epistemicídio que a cultura e história afro-brasileira amarga desde sempre e sim reescrever e contar diversas histórias para o fortalecimento das nossas identidades.

Expressivo dizer que o PPP Irê Ayó caracterizado no livro *Prosa de Nagô* possibilitou o reconhecimento da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos como Referência Nacional pelo MEC. Então, a perspectiva político-pedagógica é que todas as escolas e estabelecimento de educação guerreie por um currículo e práticas pedagógicas plurais e democráticas sob a anuência de nossas ancestrais. De modo que as escolas possibilitem saberes e vivências

negras, igualmente para todas as culturas. Não conhecer o passado é roubar o direito das crianças em conhecer a sua história e assim impactar negativamente o futuro. Gerando ainda mais desigualdade social, aumento da criminalidade, baixos resultados econômicos, sem falar na piora dos problemas de saúde mental. Visto que os desafios são muitos, não obstante a prática pedagógica Irê Ayó, discorrida na obra de Vanda Machado está posto para provar que é possível referenciar a África, os africanos e a cultura afro-brasileira de forma interdisciplinar.

Legislações

Neste cenário, ressalto o quanto as leis são de grande importância para o acesso e a garantia por direito das crianças e em especial as negras, quilombolas e indígenas terem oportunidade nos estabelecimentos de ensino e tenham uma educação efetiva para a redução das desigualdades sociais e sobretudo o fim da exclusão social. Com este processo de exclusão, abandono e epistemicídio, o Brasil vive e perpetua até hoje, a dissemelhança no acesso à educação, com um único objetivo de manter a estrutura de poder, privilegiando os brancos. Desse modo, a lei estudada a 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a lei n° 9.394, de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Que passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.
> § 3º(VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"
"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (BRASIL, Lei n°10.639, 9 de janeiro de 2003)

A lei em questão é fruto de luta, resistência e reivindicação do Movimento Negro Unificado do Brasil, da sociedade civil, de educadores e intelectuais comprometidos com a luta antirracista, dentre as quais estavam as Proessoras Vanda Machado, Ana Célia Silva, Lindinalva Barbosa, dentre outras referências.

Em concordância com a referida lei, sua regulamentação o Parecer CNE/CP n° 03/2004 e a Resolução CNE/CP n° 01/2004, do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno DF institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 6/2002 que regulamenta a alteração trazida à LDB pela Lei n° 10.639/2003, juntamente com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes elaborado pelo Ministério da Educação e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2009.

Indispensável ressaltar que, além da lei 10.639/03, a legislação brasileira dispõe do Estatuto da Igualdade Racial (Lei n° 12.288/2010), a Lei de Cotas para ingresso nas universidades e instituições de ensino técnico federais (Lei n° 12.711/2012) e a que altera a Lei n° 9.394/1996, que modificada pela Lei n° 10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" (Lei n° 11.645/2008). Resultados dos movimentos sociais antirracistas.

Significativo dizer que, não basta existirem leis, pareceres e diretrizes para uma educação digna e emancipatória, é preciso muito mais, como educadoras/es capacitados para a formação das/os estudantes; materiais didáticos apropriados, práticas pedagógicas e currículos escolares que sigam as Diretrizes para uma ERER e fiscalização da efetivação das leis por parte dos órgãos competentes e da sociedade civil também.

Em Salvador, onde está localizada a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, foi criado um Núcleo de Políticas Educacionais das Relações Étnico-Raciais (NUPER), com o objetivo de implementar e acompanhar Políticas Públicas Educacionais voltadas às questões Raciais na Secretaria Municipal da Educação de Salvador (SMED). Este núcleo criou o documento com 42 páginas das Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador.

Em 09 de junho de 2022, na Escola Municipal 15 de Outubro, no bairro de Fazenda Grande do Retiro, a Prefeitura inaugurou o 1° Centro de Formação em Educação para as Relações Étnico-Raciais Ananse Ntontan (Cenfran), conforme consta no site da prefeitura, sendo um espaço para pesquisa e disseminação de metodologias para à Educação Étnico-Racial.

A defensoria Pública do estado criou o Selo Escola Antirracista, com a finalidade de reconhecer as instituições de ensino e corpo docente que promovem a formação dos/as alunos/as voltada à ERER na Bahia. Conforme a reportagem do G1 Bahia, oito escolas receberam o Selo, entre essas estavam a Escola Afro-Brasileira Maria Felipa, a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e a Escola Municipal de Itacaranha Manoel Faustino.

As concepções pedagógicas

A educação voltada para as relações étnico-raciais ao longo dos anos vem ganhando mais espaço, defensores e praticantes de uma educação que valorize a história da África, dos africanos e afrodescendentes. O método utilizado para refletir, analisar e descrever as concepções pedagógicas mediante as vivências das crianças da EMEAS em contato com o pensamento africano, foi a leitura dos autores e livros abaixo, esta planilha foi inspirada do artigo As Potencialidades da Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos, escrito por Manoela Santos de Souza (2023):

DADOS DA BIBLIOGRAFIAS	ABORDAGENS SIGNIFICATIVAS
Autor: Manoel de Almeida Cruz. **Ano da publicação:** 1989. **Instituição:** Núcleo Cultural Afro Brasileiro - Salvador. **Tipo de produção:** Livro. **Título:** Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica.	Apresenta algumas alternativas para combater o racismo baseado na pedagogia interétnica. Destacando que é preciso uma operação em conjunto com família, comunidade, escola e meios de comunicação social para mudar atitudes preconceituosas e de discriminações raciais, trazendo ainda uma intervenção a partir da elaboração de um currículo baseado nos valores dos grupos étnicos raciais. De acordo com o Sociólogo Manoel de Almeida Cruz é preciso que "a elaboração de um currículo escolar baseado na cultura dos grupos étnicos oprimido, deve estar comprometida com valores compatíveis com a dignidade do homem, além de contribuir para a formação de uma sociedade justa, democrática, humana e antirracista. Além da elaboração do referido currículo devem ser discutidos na escola temas como: a) O preconceito racial e racismo na estrutura global da sociedade; b) As causas das manifestações desses fenômenos; c) Noções vulgares do conceito de raça humana; d) O eurocentrismo, explicando as suas causas (...)". Logo fica evidente que 14 anos antes da lei 10.639/03 ser promulgada já se tinham registro e indicativos o quanto a educação da história e cultura afro-brasileira e africana é essencial para a formação da identidade.
Autora: Bárbara Carine Soares Pinheiro. •**Ano da publicação:** 2023. **Instituição:** Planeta do Brasil – São Paulo. **Tipo de produção:** Livro. **Título:** Como ser um educador antirracista.	Reflete sobre os processos educacionais brasileiros, propondo a agenda do antirracismo como uma pauta urgente tanto para as práticas pedagógicas quanto para a formação dos educadores e educadoras. Bárbara Carine, chamada como Uma Intelectual Diferentona é criadora da 1° escola afro-brasileira registrada no país a Escola Maria Felipa. Adiante o Calendário decolonial da Escola Afro-brasileira Maria Felipa "em janeiro Lavagem do Bonfim; Dia Nacional do Combate à Intolerância Religiosa e a Revolta dos Malês (1835); em fevereiro a Festa de Iemanjá; Lavagem de Itapuã e o Carnaval

	(artistas negres, blocos afros e indígenas); março o Dia Internacional do Direito das Mulheres; Marielle Vive; Festa ou Corrida do Umbu (indígena Pankararu; em abril a Festa do Toré; Feijoada de Ogum e Mitologia de Oxóssi; Páscoa Cristã; Dia da Memória dos Povos Originários e Dia da Dança; em maio Dia da Trabalhadora e do Trabalhador; Pessoas Negras Ícones da Abolição da Escravatura e Dia Mundial da África; Em junho Dia do Meio Ambiente; Santos Juninos; Solstícios Egípcios; Festa Indígena Inti Raymi; Fogueira de Xangô; Dia Internacional da Criança Africana e Dia da Diversidade;e outras datas importantes. Percebe-se que urge uma mudança que promova uma educação firmada nos regenciais afro brasileiros, indígenas e africanos
Autora: Jucilene de Castro Oliveira. **Ano da publicação:** 2023. **Instituição:** Projeto Social Crianças do Planalto - Salvador. **Tipo de produção:** Projeto. **Título:** Grupo de Leituras Decoloniais	Aspira que adolescentes e jovens tenham acesso e conheçam escritoras negras brasileiras, além de incentivar a leitura, o convívio e principalmente a valorização da escrita negra. A proposta apresenta a leitura de um livro por mês, os quais são: Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro; Quando o mundo despedaça em poesia de Carla Dantas; Olhos d'água de Conceição Evaristo; Quarto de desejo da autora Carolina Maria de Jesus; Dispositivo de racialidade de Sueli Carneiro; Heroínas negras brasileiras de Jarid Arraes; Querido estudante negro da autora Bárbara Carine; e outras obras.Logo, está posto que em todas as disciplinas é possível (re) construir a identidade e valorização da identidade negra.

Resultados

No que tange ao PPP Irê Ayó, descrito na obra *Prosa de Nagô*, compreende-se como um processo em contínuo desenvolvimento na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos. Como já foi mencionado para além de uma educação afro-brasileira, contando história dos mitos africanos permite a (re) construção de identidade racial e valorização da cultura africana o projeto trouxe para a EMEAS o título de escola referência pelo Ministério da Educação, por semear antes mesmo da Lei n° 10.639/2003, uma educação baseada na História e Cultura do povo Africano e Afro-brasileiro.

Não posso deixar de expressar que como vimos no livro de Manoel de Almeida Cruz, Alternativas *para combater o racismo*, escrito em 1989, 14 anos antes da lei 10.639/2003, buscava sim uma educação para combater o racismo nas escolas, o próprio caracteriza racismo como

> Manifestação em ato ou em comportamento do preconceito racial. Implicando no exercício do poder contra os grupos raciais considerados injustamente inferiores. Tendo como consequências: a discriminação, a segregação, a perseguição física e moral, a sonegação de direitos e o genocídio etc. (1989, p. 20)

A proposta de Manoel Cruz, de um currículo baseado nos valores e na cultura dos grupos étnicos dominados, com a pedagogia interétnica, hoje chamada de educação para relações étnico-racial, surge como resistência, com a finalidade de desenvolver o potencial criativo dos/as estudantes em sua plenitude profissional e pessoal.

O mesmo desejo nasce em Bárbara Carine, criando uma escola infantil afro-brasileira, nas esferas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais, para valorizar nossas histórias ancestrais e não apenas europeias. Bárbara relata que teve esta ideia ao precisar colocar sua filha Iana, uma criança negra na escola, e não querer que a menina passasse por tudo que ela sofreu,

nesse ambiente que deveria ser de respeito, a escola. Ser afro-brasileira significa:

> Valorizar a cultura afro-brasileira reconhecendo nela a mesma ou superior significância de conferimos à cultura europeia. Significa socializar a história, a produção cultural e intelectual do nosso povo em diáspora que ajudou a construir grandes sistemas epistêmicos e territorialidades, mas que, por vezes, foi pilhado e apagado da história. (Freitas, 2016, p.83).

O Projeto Social Crianças do Planalto, localizado no bairro de Plataforma, em Salvador BA, coordenado por Jucilene de Castro Oliveira, uma menina-mulher em construção de sua identidade, tem sua relevância em criar o Grupo de Leituras Decoloniais, com a finalidade de apresentar aos leitores/as, escritoras negras e contar a sua história. Com o objetivo de utilizar a literatura numa perspectiva afrocentrada, como forma de ensino-aprendizagem de novas histórias. Logo, que pouco se fala ou quase nada das escrevivências negras, conceito de Conceição Evaristo. Sem falar que bell hooks, considera que muitas vezes não podemos procurar nos lugares tradicionais o reconhecimento do nosso valor, temos a responsabilidade de buscá-lo e até criar diferentes locações. Essa é a missão do Projeto Social Crianças do Planalto ser lugar de cultura e de construção de identidade. O grupo de leitura torna-se assim uma experiência decolonial, assim como o nome descolonizar que sendo uma ação e verbo

> (...) significa a construção de uma visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão do saber. Uma pedagogia como política cultural, envolvendo não apenas escolas e universidades, mas também as organizações dos movimentos sociais[...](Abreu e Oliveira, 2021, p.20)

Há um avanço, mesmo que lento e tímido para um currículo descolonizado, e práticas pedagógicas que fortaleçam a diversidade e a pluralidade brasileira, todavia é preciso ainda muito trabalho para que verdadeiramente não continuem contando só uma história.

Conclusão

Escrever este artigo, fez-se conhecer a história de Vanda Machado, o percurso do PPP Irê Ayó descrito no livro *Prosa de Nagô*, aprender e prestigiar a caminhada de resistência de Mãe Aninha na criação do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e sua luta por educação e liberdade religiosa, expõe que de forma ainda que lenta a Prefeitura de Salvador junto a Secretaria Municipal da Educação estão em movimento para uma educação emancipatória. Sendo gratificante e encorajador, para continuar acreditando que é possível sim, é um direito nosso e de nossas crianças aprender de onde viemos para construir presente-futuro com mais pessoas negras em todos os espaços de poder.

É improrrogável um currículo decolonial, que respeite e valorize a epistemologia de todas as identidades etnico-culturais e de todos os povos e com isso forme crianças orgulhosas de suas identidades raciais, conscientes de sua cultura e sobretudo que cresçam com o propósito de transformar a sua comunidade em um lugar mais justo de viver. Buscando assim, uma sociedade menos desigual e justa, que só será possível com penas duras contra racistas, sendo entendido que o racismo é crime e uma das grandes mazelas do país. É preciso também, que nós como educadoras e educadores estarmos atentos para a formação continuada, livros didáticos e de literaturas, para juntas e juntos com a comunidade escolar colocar em prática os conteúdos que regem a Lei n° 10.639/2003 no Art. 26-A

> § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, Lei n° 10.639, 9 de janeiro de 2003)

Intento que as escolas, professoras, professores, comunidade escolar, pais, discentes e toda a sociedade que conquistemos a plena efetivação da Lei n° 10.639/2003 para que nossas crianças negras, indígenas e brancas, com auxílio dos órgãos competentes ou com os nossos próprios esforços dentro da possibilidade de cada uma e de cada um, com isso formar crianças com orgulho da sua história, de sua identidade, do seu povo, das suas raízes e das suas origens.

Adupé O!

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história Única.** Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, Itana. **Iyalorixá Mãe Ana de Xangô toma posse do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, um dos mais importantes do país.** G1 BA. Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/06/16/iyalorixa-mae-ana-de-xango-toma-posse do-terreiro-ile-axe-opo-afonja-um-dos-mais-importantes-do-pais.ghtml. Acesso em: 23 ago. 2024.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia. **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.** - São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2004.** Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linhaeditorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrize s-curriculares-nacionais-paraa-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino - de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e africana. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003:** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Publicada no DOU: Seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www. planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/ l10.639.htm>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008:** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Publicada no DOU: Seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 10 jun 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARREIRA, Denise; SOUZA, Ana Lúcuia. **Centro de formação instaura pedagogia antirracista em escolas municipais.** Secretaria de Comunicação – Prefeitura de Salvador. Disponível em: https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/centro-de-formacao-ins taura-pedagogia-antirracista em-escolas-municipais/. Acesso em: 09 set. 2024

CARREIRA, Denise; SOUZA, Ana Lúcuia. **Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola.** – São Paulo: Ação Educativa, 2013. UNICEF. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/2161/file/Indicadores_da_Q ualidade_na_Edu cacao Relacoes_Raciais_na_Escola.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

CRUZ, Manoel de Almeida (1950). **Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica.** Salvador, Núcleo Cultural Afro Brasileiro, 1989.

CRUZ, Manoel de Almeida **Escolas baianas são premiadas pela Defensoria Pública do estado por ensino antirracista: "esperança de real transformação".** G1 Bahia. Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/11/22/escolas-baianas-sao-pre miadas-pela-defensoria-publica-do-estado-por-ensino-antirracista-esperanca-de-real-transformacao.ghtml. Acesso em: 09 set. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão.** Acãoeducativa.org.br, 2012. Disponível em https://prezi.com/p/idohbtnbn6mp/letramento-racial-edu-308/. Acesso em: 29 ago. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Series Coleção educação para todos.** Disponível em: file:///C:/Users/Financeiro/Downloads/260516por.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

GONÇALVES, Alexandra da S.; JUNIOR, Eumar C. de Q.; ROCHA, Flávia R. L. da; PINHEIRO, Marcia C.; SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?.** Revista Em favor de Igualdade Racial V. 2, N. 1, (Ago – Jan)2019. Salvador: EDUFBA, 2011. 118p. Disponível em: file:///C:/Users/Financeiro/Downloads/2373-Texto%20do%20artigo-5411-1-10-201902 01.pdf. Acesso em: 23 ago. 2024.

hooks, bell. **Intelectuais negras.** Revista Estudos Feministas, 1995. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035. Acesso em: 23 ago. 2024.

LEITE, José Carlos; SILVA, Luiz. **E disse o velho militante José Correia Leite.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LIMA, Vivaldo Costa. **O candomblé da Bahia na década de 1930.** Estudos Avançados 18 (52), 2004.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira [online].** Salvador: EDUFBA, 2019.

MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais.** Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2024. Disponível em: http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/mitos.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô: educando pela cultura [online].** Salvador: EDUFBA, 2021.

NUPER - Núcleo de Políticas Educacionais das Relações Étnico-Raciais (). Secretaria da Educação – Prefeitura de Salvador. Disponível em: http://educacao3.salvador.ba.gov.br/programa-projeto/nuper/. Acesso em: 09 set. 2024.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **O currículo frente à insurgência decolonial: construindo outros lugares de fala.** Cadernos de Gênero e Tecnologia. DOI: 10.3895/cgt.v12n39.9465. Disponível em: file:///C:/Users/Financeiro/Downloads/9465-37079-1-PB.pdf. Acesso em 05 set. 2024.

PEREIRA, Denise; BORTOLOTI, Karen Fernanda. **Chave de compreensão da história: cultura & identidades.** – Ponta Grossa – PR: Atena, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103126. Acesso em: 16 ago. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Portal Geledés. **Mãe Aninha – Ialorixá do Ilê Axé Opó Afonjá.** Disponível em: https://www.geledes.org.br/mae-aninha-ialorixa-do-ile-axe-opo-afonja/. Acesso em: 23 ago. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Prefeitura Municipal do Salvador – Secretaria Municipal da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador.**

Disponível em: http://educacao3.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2021/12/Diretrizes-curriculares para-a-inclus%C3%A3o-da-Hist%C3%B3ria-e-Cultura.pdf. Acesso em: 26 ago. 2024.

SANTOS, José Felix dos; NÓBREGA, Cida da (Org.). **Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora: saudade e memória.** Salvador: Corrupio, 2000.

SANTOS, Nadja Antonia Coelho dos. **O Candomblé na representação da Iyalorixá.** In: CORREIA, Marcos Fábio Rezende. Mulheres de Axé. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2013.

SOUZA, Manoela Santos. **As potencialidades da etnomatemática na educação de jovens e adultos.** Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/viii-encontro-internacional-de alfabetizacao-e-educacao-de-jovens-e-adultos-alfaeeja-381845/763539-as-potencialidades-da etnomatematica-na-educacao-de-jovens-e-adultos/. Acesso em: 26 ago. 2024.

TEIXEIRA, Paola Cristine; BRANCO, Juliana Cordeiro Soares. **BNCC: Convergências e Divergências.** Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, [S. l.], v. 22, n. 5, p. 693– 701, 2021. DOI: 10.17921/2447-8733.2021v22n5p693-701. Disponível em: https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9053. Acesso em: 21 ago. 2024.

TEIXEIRA, Paola Cristine; BRANCO, Juliana Cordeiro Soares. **Terreiro do Axé Opô Afonjá** - Salvador (BA) – Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1637. Acesso em: 20 ago. 2024.

TEIXEIRA, Paola Cristine; BRANCO, Juliana Cordeiro Soares. **Vanda Machado – Historiadora, Pesquisadora e Professora.** Disponível em: https://www.vandamachado.com.br/. Acesso em: 23 ago. 2024.

Violência sexual e a personagem Seni no conto Shirley Paixão

Tatiana Santos Oliveira[1]
Sílvio Roberto dos Santos Oliveira[2]

Introdução

O primeiro motivo que me fez desenvolver este trabalho – analisar um texto literário de autoria de uma mulher negra – foi o propósito de dar visibilidade ao trabalho intelectual produzido por escritoras negrobrasileiras, uma vez que, em uma sociedade constituída pelo racismo, sexismo e a dominação masculina, há obstáculos para o reconhecimento dessa literatura, a qual vem sendo, de todo modo, apreciada nas instituições de ensino, fato que resulta também da luta intelectual negrobrasileira. O segundo motivo: todas as mulheres se deparam com violência, seja ela simbólica, psicológica, física e sexual e, no Brasil, mulheres negras e indígenas defrontam-se muito mais.

Como modelo exemplar mais específico, esta pesquisa tem como objetivo analisar a escrita crítica e criativa da escritora e intelectual Conceição Evaristo sobre a violência sexual infantil no conto *Shirley Paixão* da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2023), demonstrando os fatores de risco que podem fomentar esse acontecimento na realidade cotidiana, em uma sociedade fundamentada pelo sistema patriarcal, destacando e perscrutando trechos da narrativa que mostram as complexidades que esse ato pode causar no emocional de uma criança.

A antologia *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em que está presente o conto que foi punlicado pela primeira vez em 2011, é um modelo da literatura afro-brasileira de autoria da escritora

[1] Graduada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas. tatianasantosoliveira27@gmail.com.
[2] Professor Titular (UNEB). Doutor em Teoria e História Literária. sroliveira@uneb.br.

Conceição Evaristo. A obra é composta por 13 contos, intitulados com nomes das protagonistas das narrativas, que retratam a violência de forma simbólica, psicológica, física e sexual vivenciadas por elas: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anástacia. Como ressalta Dias, Silva e Morais (2019, p. 23-24), isso acontece devido a "naturalização da dominação masculina sobre a mulher, denominada por Bourdieu (2018) como 'simbólica', mas que, insensivelmente, ofende, submete, humilha". Evaristo afirma que:

> [...] Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2011, p. 3).

Escrever a partir da história de uma mulher negra é uma escolha propícia, porque através da literatura torna-se possível, considerando os elementos da narrativa presente, que o leitor conheça e compreenda as situações vivenciadas em relação a violência sexual que inúmeras crianças e adolescentes sofrem constantemente. Conforme Dias, Silva e Morais (2019, p. 22):

> [...] Evaristo, quando escreve, ou inventa a ficção, não se desprende do 'corpo-mulher-negra em vivência', ou seja, fala com uma propriedade bem diferente de alguém com outra etnia e/ou sexo. Então, na produção de Evaristo, 'escrevivência' é um fazer que mistura memória e invenção. Escrita e vida se con(fundem), bem como histórias ouvidas e vividas.

A vivência narrada de cada mulher negra é o que torna essa antologia potente. Conceição Evaristo apresenta como personagens mulheres fortes e determinadas que, diante da dor encontram forças, são capazes de sair de situações angustiantes e ressignificam os sofrimentos vivenciados. Considerando esses aspectos, esta é

uma pesquisa de cunho bibliográfico e caráter qualitativo, sobre o discurso crítico da autora em relação a violência sexual infantil. Foi realizada por meio da análise literária com foco na personagem *Seni,* agregada a perspectiva de *escrevivência* de Evaristo. Para conseguir resultados pertinentes, o trabalho foi realizado em diálogos com outros teóricos que dissertam sobre a temática. Assim, buscou-se conhecer as características de escrita da autora; a partir disso e levando em conta os elementos presentes, pretendeu-se "entrelaçar possibilidade, verossimilhança e necessidade" na análise literária com foco na personagem *Seni* (Brait, 1985, p. 23).

Este artigo está dividido em três partes e considerações finais. Na presente introdução, apresentamos o porquê do desenvolvimento do trabalho e o objeto de pesquisa. Na segunda seção, C*ontextualização do aporte teórico*, discorremos sobre a relevância da literatura afrobrasileira, teóricos que falam sobre a violência sexual infantil e as consequências que esse ato pode causar na vida da personagem apresentada por Evaristo em sua narrativa. A terceira seção, *Análise literária do conto Shirley Paixão* (2011), formada por duas subseções: a primeira trata-se da sinopse do conto escolhido; e a segunda agrega a análise literária com foco na personagem *Seni*, que apresenta os questionamentos sobre os aspectos analisados em diálogo com os pontos de vista de outros teóricos. Por fim, nas considerações finais, é apresentado como a análise realizada contribuiu de maneira significativa para as reflexões concebidas com esse estudo.

Contextualização do aporte teórico

De acordo com Dias, Silva e Morais (2019, p. 21), no mundo e no Brasil, o século XIX foi marcado pela discussão política e filosófica a respeito da condição da mulher ser submissa ao homem: "No século XX, as mulheres passaram a constituir um grupo social mais organizado, contestando direitos a elas negados". Atualmente a mulher vem lutando contra as opressões e a dominação masculina, e assim vem conseguindo obter sua

independência e conquistando seus espaços na sociedade. Porém, esses traços patriarcais ainda influenciam na imagem do gênero feminino de maneira subordinada ao gênero masculino, uma vez que o machismo ainda se faz presente na sociedade contemporânea.

Florentina da Silva Souza (2014) destaca que a literatura que a grande maioria das (os) escritoras (es) negras (os) compõem está atribuída no exercício que contempla uma característica de compreensão particular na construção da história afro-brasileira. A pesquisadora destaca que:

> conhecimento reorganizado de memórias do passado, em constante diálogo com experiências diversas da diáspora negra que permite/permitirão aflorar histórias e pessoas até então desconhecidas ou invisibilizadas. Um pensamento construído a partir dos trânsitos e intersecções de cultura, a partir das leituras e desleituras de quem tentou interpretar o Brasil. Desleituras que reconstroem, com a força da agência, narrativas e histórias no Novo Mundo (Souza, 2014, p. 312).

A literatura afro-brasileira contribui de forma assertiva na reconstrução das narrativas históricas e culturais do Brasil. Conforme destacada por Souza (2014), essa prática literária enfatiza a necessidade de produções textuais que apresentem as histórias do povo que não possuem lugar de fala na sociedade contemporânea. Esse silenciamento, fruto das marcas do passado escravocrata, uma herança cultural de forma consciente e inconsciente, ainda se faz presente nos dias atuais. Ler e analisar autoras e autores negros, seus textos, nos possibilita ter sensibilidade para compreender que esses escritos correspondem a uma literatura de resiliência, luta e reivindicação.

Essa literatura, defendida e pontuada por Souza (2014), atua como uma maneira de resistir e combater o racismo estrutural e todas as outras formas de opressão existentes na sociedade contemporânea. A prática de escrever a partir da própria vivência não só dá voz aos oprimidos, mas também fortalece suas raízes ancestrais, tanto de forma individual quanto coletiva. Encontrar

voz através da escrita é a arma mais poderosa que as escritoras afro-brasileiras possuem para romper com as estruturas hegemônicas.

Escrevivência como ato de resistência

A escrita de escritoras afro-brasileiras pode ser correlacionada à perspectiva de escrevivência[3], que aciona percepções a partir da realidade de ser mulher e negra em uma sociedade constituída pelo racismo. Essa literatura convoca à re-existência, especialmente às mulheres negras, a encontrar suas vozes e a não serem mais silenciadas. Quanto a isso, Ana Rita Santiago (2018) afirma que

> O árduo ofício da escrita literária, por vezes, tem sido exercido por autoras negras como um exercício de auto-governabilidade, na perspectiva de Michel Foucault (1997), e (ou) de empoderamento, como movimentos sociais negros feministas, tão acertadamente, referem-se ao exercício de busca de autonomia e assenhoramento de mulheres negras, nacional e internacionalmente. É, neste sentido, que, em suas tessituras, há versos e narrativas que forjam discursividades em prol de banimento do apagamento de suas vozes autorais, em processos e em construção, de oportunidades, modos e condições de produção, edição e circulação de suas palavras literárias (Santiago, 2018, p. 35-36).

A escrita literária realizada por autoras afro-brasileiras é um exercício de controle sobre suas próprias vidas, sendo uma forma de empoderamento, alinhada aos movimentos sociais negrofeministas, que buscam emancipação das mulheres no Brasil e no mundo. Para essas autoras, o ato de escrever se torna um refúgio e uma maneira de confrontar e questionar as opressões

[3] Conforme Conceição Evaristo (2011, p. 3), "[...] entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso". O termo criado por Conceição Evaristo tratado ato de registrar uma experiência vivenciada. Escrita e vida estão interligadas em uma escrevivência daquilo que é lembrado e na escrita pode ser reinventado

presentes na sociedade contra os grupos historicamente subordinados.

Suas narrativas são objetivadas a resistir ao apagamento histórico de suas vozes, na busca continua de reconhecimento, para que seus textos sejam lidos, analisados, publicados e compartilhados, demolindo entraves que marginalizam suas experiências. Assim, essa literatura é uma forma consciente de falarem sobre si, de se reinventarem, escrevendo numa perspectiva de liberdade.

A escrevivência surge como uma ação que transcende a escrita literária convencional, uma forma de resistir e denunciar as prepotências, uma escrita construída através das experiências vivenciadas de ser mulher negra em uma sociedade constituída pelo racismo, machismo e sexismo. Com base nas vivências, consiste em uma escrita que não se limita à ficção, mas na relação da ficção com o factual, com a realidade, mesmo que alguns desses fatos sejam emocionais. Evaristo enfatiza que a escrevivência é como uma escrita que reflete na alma, nos sentimentos e memórias daquela que é silenciada, que vive na busca constante de reconhecimento da sua voz e lugar de fala.

A escrevivência permite registrar o real vivido, como destaca Conceição Evaristo: "escrita e vida estão interligadas em uma escrevivência". Essa escrita se inscreve na busca constante de as personagens reencontrarem a si mesmas. Expressar essas fortes vivências através da escrita é uma forma de compartilhá-las e mostrar a outras mulheres que elas não estão sozinhas. Ao falarem sobre a dor, falam para sobrepujar o momento doloroso no processo de escrita. Escrevem numa perspectiva de libertação, denúncia e resiliência. Os textos literários permitem que a leitora mergulhe na narrativa e repense sobre as realidades sociais presentes, tornando-se consciente da força e importância da escrita dessas autoras.

Evaristo tem uma maneira única de transformar suas personagens em mulheres poderosas, pois, mesmo passando por situações pungentes, as apresenta de forma que encontram forças

para viver o sofrimento sem absorvê-lo e se reinventar diante dos acontecimentos. Penso que essa estratégia é uma maneira de mostrar para suas leitoras que, em meio às vivências de opressão e violência, ainda existe, dentro de cada uma, uma força para prosseguir. Mesmo quando não acreditamos ter mais forças, devemos buscar essa força no nosso interior; muitas podem encontrá-la na fé em seus ancestrais. Silenciar-se diante das violências é dar voz ao sistema opressor. O ato de falar é fundamental no processo de libertação, e essa libertação pode ser encontrada na escrita, na leitura da literatura e na resistência.

Desafios e conquistas da literatura afro-brasileira

Intelectuais negras escrevem também sobre uma perspectiva de denúncia e intenção, posicionando-se a respeito do racismo e do sexismo. Pode-se considerar essa escrita como uma prática artística e, sim, também ativista, no sentido de agir para que leitores/as reflitam sobre as questões sociais relacionadas à raça e ao gênero. Dessa forma, essa literatura é realizada a partir do engajamento de uma escrita que liberta (Santiago, 2018).

A escritora Conceição Evaristo ressalta que "a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira" (Evaristo, 2009, p. 27).

A literatura afrobrasileira tem conquistado cada vez mais espaço nos ambientes educacionais e acadêmicos, mas ainda assim, existe uma negação e marginalização dessa literatura no cenário dominante. Muitas vezes, suas obras não recebem o mesmo reconhecimento e valorização que as de escritoras e escritores brancos. Essa desvalorização é um reflexo dos estereótipos e preconceitos existentes na sociedade, que nega o reconhecimento da literatura afro-brasileira.

Por isso, com o propósito de dar visibilidade à literatura produzida por mulheres, foi escolhido o conto referido para análise literária.

Análise literária do conto *Shirley Paixão* (2011)

Esta seção é formada pela análise literária com foco na personagem *Seni* do conto referido da antologia *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), que possibilita o leitor a compreender as questões apresentadas por Evaristo. Com o propósito de aproximar o leitor a essa história, será apresentada uma sinopse do texto a seguir.

O conto apresenta a narrativa de uma menina negra, *Seni*, que, junto com suas duas irmãs, passa a viver com sua madrasta S*hirley* quando seu pai se casa novamente. Apesar de no conto não estar escrito que a personagem *Shirley* é uma mulher negra, conclui-se que ela seja, pois, os contos presentes nesta coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2023) são narrativas com histórias de vida de mulheres negras. O enredo da história gira em torno de *Seni*, uma menina que não falava muito, dedicada a suas tarefas escolares, que se preocupava ao extremo e tentar proteger as irmãs de todas as formas. De início, *Shirley* não entendia aquele excesso de proteção, mas com o passar do tempo compreendeu que *Seni* era vítima da violência sexual, perpetrada pelo pai. Ao descobrir tal acontecimento, ela age de uma maneira que surpreende o leitor do conto.

Levando em conta o clímax e o desfecho da narrativa, é possível perceber que neste conto a narradora (*Shirley*), as meninas e o seu marido são os personagens que estão envolvidos em todos os fatos descritos; por isso optou-se, nesta pesquisa, pela construção do Quadro 1 com as características desses personagens.

Quadro 1 – Características dos personagens

PERSONAGEM	DESCRIÇÃO FÍSICA E PSICOLÓGICA
SHIRLEY PAIXÃO	Mulher negra, que pertence a uma minoria racial e social, mãe de duas filhas e que se torna mãe de criação das suas três enteadas. Uma mulher forte e determinada, que fazia de tudo para proteger suas meninas.
FILHAS	As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. Viviam como irmãs.
SENI	A filha mais velha não era muito comunicativa. Aos 12 anos, na visão da narradora, a menina já tinha um corpo feito: "Zelosa com ela mesma e mais ainda com as irmãs" (Evaristo, 2023, p.29). Cuidava e protegia muito as irmãs, na escola era uma aluna dedicada e agia sempre em busca da perfeição.
MARIDO DE SHIRLEY	O pai O pai das três meninas, um "animal" (nomeado assim pela narradora), um agressor, que por muitos anos agiu de maneira silenciosa..

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesse quadro 1, estão expostas as características de cada personagem, os quais nos foram apresentadas através do olhar da narradora, que também é uma das personagens presentes na história, que narra o conto em primeira pessoa. Apesar de o lugar que se passa a história não aparecer de maneira explícita na narrativa, uma vez que a autora desse texto é brasileira e ele ser uma das histórias presentes em sua referida antologia composta por história de mulheres que foram entrevistadas por Evaristo, pode-se afirmar que essa história aconteceu em uma determinada região do Brasil.

A personagem Seni

A narrativa é dividida em começo, meio e fim. No começo, através do olhar da narradora-personagem, *Shirley*, é apresentado o fato dela ter agredido o seu marido e não ter arrependimento nenhum. O meio da história é sobre o envolvimento da narradora com seu marido e suas filhas, o comportamento da filha mais velha e os motivos que a levaram a revidar a agressão. No final, os

fatos ocorridos mostram como *Shirley* e as filhas agiram para superar os traumas que vivenciaram. Esse conto aborda as questões de violências de gênero e sexual.

De acordo com Assis da Costa Oliveira e Carine Costa Alves (2014, p. 198):

> No campo dos direitos humanos, o abuso sexual insere-se no plano normativo dos direitos sexuais e apresenta-se como uma das piores formas de afetação ao desenvolvimento da criança e do adolescente, pois interfere negativamente na formação da sexualidade e do corpo, além de trazer danos psicossociais subjetivos à vítima.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um problema preocupante com forte presença na sociedade brasileira. É sabido que a escrita de Evaristo é um ato de denúncia quanto à questão referida. Levando em conta esses aspectos, com a finalidade de auxiliar o leitor a entender os trechos selecionados para a análise, segue-se a apresentação do Quadro 2 sobre os elementos que compõem a narrativa.

Quadro 2 – Elementos da Narrativa *Shirley Paixão* (2011) de Conceição Evaristo

ENREDO	A narrativa discorre sobre a violência sexual infantil, expõe os acontecimentos e gira em torno da agressão de *Shirley* ao seu marido.
PERSONAGENS	As ações dos personagens estão ligadas à menina *Seni.*
TEMPO	A história é narrada em ordem cronológica desde a infância das meninas, que no início da narrativa tinham idades entre cinco e nove anos, à fase da adolescência e a fase adulta.
ESPAÇO E AMBIENTE	O espaço que os personagens vivem é na periferia. O conto se passa na casa de *Shirley*, no quarto das meninas, aos fundos da casa e na escola que suas filhas estudavam.
NARRADORA	O conto é narrado em primeira pessoa pela personagem *Shirley*, atráves do qual a narradora constrói seu discurso de maneira direta, apresentando sobre a vida de suas meninas, com argumentos, pensamentos e conhecimento de si, e em sua volta, envolvendo suas filhas e seu marido
TEMAS	Violências de gênero e sexual.

ASSUNTO	A trajetória de vida das meninas, com foco na personagem *Seni*, que perderam a mãe ainda na infância, que cresceram sendo criadas pelo o pai ("o animal") até o mesmo se casar com *Shirley*, que começou a criar as meninas como se fossem suas filhas e a confrontar as atitudes do marido com suas próprias filhas.
MENSAGEM	Denúncia: reflexões da realidade de ser uma criança menina numa sociedade constituída pelo poder dos homens.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Evaristo (2011), através das personagens, recria a realidade de inúmeras mulheres negras e meninas que vivenciam a violência sexual dentro das suas próprias casas, em um país como Brasil, constituído pelo sistema patriarcal. Uma vez que Evaristo é uma escritora negra, é explícito que ela escreve a realidade de vida de mulheres e crianças negras.

No trecho,

> Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos [...] Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim. Imaginava a falta que ela sentia da mãe (Evaristo, 2023, p. 28-29).

Pode-se observar que o comportamento da menina *Seni* é diferente das irmãs. Cássia de Oliveira Gonçalves (2014, p. 25) destaca que "em sua teoria Freud afirma que o pensamento e o comportamento são influenciados por forças psicológicas conscientes e inconscientes, que acompanham o sujeito ao longo da sua existência, desde a infância até a fase adulta". Assim, a perda da mãe contribuiu para *Seni* se fechar ao mundo.

Compreende-se, pela utilização das expressões "caladinha" e "pouca fala", que a autora apresenta a personagem *Seni* como alguém que opta pelo silêncio. Esse silêncio ganha vida devido às

suas dores e sofrimento interior, apresentando uma personagem que reprime suas emoções e tem dificuldades de se expressar. A partir da visão da narradora-personagem *Shirley Paixão*, entendemos que esse comportamento reflete a perda da mãe. Diante dos fatos, como leitores conduzidos pela narrativa da narradora, concordamos, mas também podemos questionar se esse comportamento de *Seni* é somente pela dor da perda da mãe ou se há algo mais por trás, a relação que o pai tinha com ela poderia ser um fator a mais ligado ao seu comportamento pessoal.

Quando *Shirley Paixão* destaca que a menina tinha "saudades contidas", ela nos mostra que essa criança, por falta de apoio, não teve forças para processar e vivenciar o luto. Seus sentimentos de dor estão internalizados, refletindo perda e desamparo, questionamentos de quem ela é sem sua mãe. Ao enfatizar que vai cuidar da menina, *Shirley Paixão* se apresenta como uma pessoa generosa, que quer ajudar a criança a lidar com suas dores, oferecendo amor, carinho e colo de mãe. Aquela que cuida e ampara também pode receber o título de mãe. Inconscientemente, ao realizar a leitura do conto, a perspectiva do leitor, em meio ao sofrimento da menina, é esperar que a narradora apresente uma maneira de a personagem *Seni* encontrar forças para continuar. *Shirley Paixão* narra os fatos da história e se mostra disposta a cuidar de *Seni.*

No que diz respeito ao comportamento de *Seni*,

> Entretanto, ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha. Zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até mim. Sempre de pouca conversa, mas de um desmedido amor para quem convivesse com ela (Evaristo, 2023, p. 29).

Nesse trecho, está explícito como a infância é roubada, de tal maneira que o corpo dessa criança é visto sob um olhar machista, como corpo de mulher madura, pronta para a atividade sexual. Percebe-se também que a maneira de *Seni* dizer ou expor o que vem

acontecendo com ela desde a infância é uma forma de proteger as irmãs em excesso. Essas ações foram encontradas por *Seni* não só para evitar de acontecer com elas o que vinha acontecendo consigo mesma, mas também é um grito de socorro mostrado através dos gestos, pois há coisas que não precisam ser ditas por meio das palavras, porém é preciso parar, observar e buscar compreender. Por ser a mais velha, essa proteção é reflexo de uma proteção que ela não teve, e que de uma forma ou de outra ainda não está tendo, pois *Shirley* ainda não se deu conta do que vem acontecendo à menina.

Referente a maneira como *Seni* se comporta:

> Na escola, tinha também um comportamento exemplar. Suas notas estavam sempre acima da média. Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche [...] (Evaristo, 2023, p. 29).

Percebemos que *Seni* age em busca da perfeição, por medo de desagradar. A maioria das crianças que são violentadas, por não entenderem o porquê de isso acontecer com elas, sentem-se culpadas pela situação e isso se reflete de modo tão forte na vida da criança que ela se torna autocrítica de si mesma em tudo que faz.

Em relação ao papel da escola na vida dos estudantes, observe-se o seguinte trecho: "[...] Na época, ficou combinado que, com auxílio da escola, procuraríamos um acompanhamento psicológico para Seni" (Evaristo, 2024, p. 30). A autora enfatiza a importância da ação da escola em conjunto com a família, sendo um espaço que, além de promover o ensino, deve prezar também pela saúde emocional dos estudantes, buscando meios junto com a família para proporcionar o bem-estar físico e mental dos alunos.

Diante da reação do pai ao saber sobre o posicionamento da escola:

> [...] Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. (Evaristo, 2023, p. 30).

A reação do pai ao saber da preocupação da escola, torna explicito o receio dele de ser descoberto como agressor que ele era. O comportamento agressivo só enfatiza que ele é um ser perigoso e está escondendo algo. A escola, ao entrar em ação como um espaço de apoio e suporte, intimida a conduta dele de pai, apresentando também a necessidade de proteção das crianças em seus próprios lares.

O abuso sexual é classificado como um agente perigoso, que provoca uma série de traumas que interferem no desenvolvimento da criança, da infância até a fase adulta, de tal maneira que irá refletir nos comportamentos emocionais, cognitivos, físicos e sociais na vida da vítima (BRIERE; ELLIOT, 2003). Isso se torna explícito quando *Shirley* destaca que sua filha

> [...] Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim. A sensação que eu tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim [...] (EVARISTO, 2023, p. 30).

Aqui, é perceptível mais um a vez que *Seni*, através do seu comportamento, tenta mostrar o que vem acontecendo a ela. O choro excessivo foi uma maneira que ela encontrou para pedir socorro. Apesar de ter 12 anos, seu comportamento era de uma criança pequena que sofria e não tinha forças para lidar com a dor e o desespero que estava vivenciando.

Observemos outro trecho: "[...]. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim [...]" (Evaristo, 2023, p. 30). Pode-se perceber que tanto a mãe quanto a filha encontram-se angustiadas e vulneráveis

diante do comportamento do homem. E ao dizer "que ainda era seu marido", ao encará-lo, *Shirley* não sente um sentimento de amor pelo parceiro, mas um sentimento de medo, angústia, se sentindo ameaçada, ela e a filha estão em perigo.

É possível refletir que a expressão "enfiar o corpo dela dentro do meu" utilizada por Evaristo simboliza o desejo de *Shirley* de proteger *Seni*. Ao querer que *Seni* estivesse em seu útero, *Shirley* busca oferecer a segurança e a proteção materna para proporcionar a *Seni* a oportunidade de renascer com a alma livre, sem as marcas da dor.

Porém, *Shirley* ainda não consegue enxergar o que de fato está acontecendo, e isso fica nítido quando ela afirma: "[...] Se há um arrependimento, foi de ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a vida de minhas meninas [...]" (Evaristo, 2023, p.31).

É a realidade de muitas mães, quando começam a perceber que algo está acontecendo dentro de suas próprias casas, ter como primeira reação inconscientemente não querer acreditar e buscar mecanismos de defesa para não enxergar, mas, no fundo, a qualquer momento, de uma forma ou de outra, a verdade irá aparecer. E quando isso acontecer, caberá a ela, defender a própria filha e mostrar que ela não tem culpa de nada, ou continuar convivendo com o agressor fingindo não saber de nada e permitindo que ele continue abusando da própria filha.

Em relação à violência sexual infantil, a narradora-personagem descreve:

> Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, uma maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso afirma Shirley, - chorando - que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos [...] E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãedela falecera (Evaristo, 2023, p. 31-32).

O termo "animal" utilizado pela autora nos permite interpretar que o comportamento desse homem, desde o início da narrativa, pode ser considerado o de um ser humano doentio, fora de si. Percebe-se também que, ao destacar a reação de *Seni*, o choro e gritos que, por inúmeras vezes foram silenciados, desta vez foram colocados para fora com toda força e intensidade. Ao usar o termo "meio-menina", a autora chama atenção para um corpo que ainda estava em desenvolvimento, e que vinha sendo explorado desde de antes de estar no processo de formação.

Conforme bell hooks[4](2021):

> Em nossa cultura, muitos homens nunca se recuperam da crueldade sofrida na infância. Estudos demonstram que, na ausência de cuidados, homens e mulheres violentamente humilhados e abusados são constantemente propensos a ser disfuncionais e predispostos a abusar dos outros violentamente. (hooks, 2021. P.65)

A autora apresenta essa afirmação sobre a cultura estadunidense, mas sabemos que na cultura brasileira essa problemática também se faz presente, uma vez que os impactos desses traumas vivenciados na infância, em não sendo "tratados", poderá fazer com que a mesma se torne uma adulta que replique ou desenvolva comportamentos não sadios, agressivos, disfuncionais, provocando novos sofrimentos. Ser agredido e violentando na infância pode ter sido ou não o caso do homem doentio que abusou de *Seni*. Dessa forma, o indivíduo que foi vítima na infância pode, na fase adulta, se transformar em agressor, causando sofrimento a outras vítimas.

Bourdieu (2012) destaca que o sistema patriarcalista denomina o gênero feminino como subordinando ao gênero masculino, de forma que a violência contra a mulher pode acontecer tanto no ambiente familiar, quanto no do trabalho ou no escolar, pois o sexo

[4] bell hooks era o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Ela "assina suas obras em minúsculo e requer suas referências tal e qual, com o argumento de que ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função deste nome" (PINTO, 2008, p. 3, NR 1).

masculino está associado ao poder, de modo a ser ponderado um dos parâmetros estabelecidos. Através do sexo, o homem tem poder sobre o corpo feminino negro, agindo de modo que pegue a mulher ou a criança a força, sentindo prazer com a tortura que causa ao sexo feminino não só no corpo, mas também na mente.

Segundo Bourdieu (2018, p. 36), "o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de 'posse' e, ainda, a violência sexual infantil é", conforme o autor, "nada mais, nada menos que um processo consciente de intimidação peloqual todos oshomens mantêm todas as mulheres num estado de medo" (Brownmiller, 1975, p. 15).

A reação salienta o discurso da narradora: "E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão" (Evaristo, 2023, p. 32).

Ao ter conhecimento do que vinha acontecendo com *Seni*, *Shirley* se refere ao seu marido como um animal, pois o *ser* que é capaz de abusar sexualmente da própria filha não pode ser considerado um ser humano. Ao descobrir o *ser* que seu marido era, ela optou por proteger sua filha, agindo de maneira violenta, pois era a única forma de deter o agressor. No trecho "Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não" (Evaristo, 2023, p. 27), pode-se considerar *Shirley* como uma heroína que reage em defesa de *Seni.* Essa atitude da mãe foi um ato revolucionário.

De acordo com Faleiros (2003, p. 6), "a violência, que, no cotidiano, é apresentada como abuso sexual, psicológico ou físico de crianças e adolescentes, é, pois, uma articulação de relações sociais gerais e específicas, ou seja, de exploração e de forças desiguais nas situações concretas". Entende-se que a violência acontece de maneira perceptível, uma ação que ocorre sobre quem tem o poder, o controle, sobre a criança e ao adolescente (Esber, 2008)

Voltando os olhos para a união de *Shirley* e suas filhas, é possível perceber que elas conseguiram seguir suas vidas, apesar dos acontecimentos dolorosos:

> Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, uma confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (Evaristo, 2023, p. 34).

Diante de tudo que *Shirley* e suas meninas vivenciaram, elas se reergueram e encontraram sentido para suas vidas, seguindo caminhos diferentes, mas unidas. E *Seni* está aprendendo a conviver com a dor de tal forma que, neste momento da sua vida, tem domínio sobre a situação, uma ferida que nunca irá cicatrizar, mas que com o tempo será amenizada, haverá dias que ela estará forte para lidar com essa dor e também dias que ela estará frágil e precisará de muito amor e carinho. Evaristo apresenta essa *irmandade* entre mãe e filhas de forma muito potente na narrativa, porque é isso que *Seni* precisa: apoio, amor e carinho para continuar trilhando o caminho de sua vida, de modo que não mergulhe nesse acontecimento e deixe os traumas tomarem conta de si, mas de forma que a cada dia ela consiga se reerguer e se reinventar para viver mais um dia.

Quantas *Seni* são violentadas diariamente não só no Brasil, mas em outros países também? Quantas *Seni* precisam conviver com a dor de ter sido ou serem violentadas? Quantas *Seni* pedem socorro de várias formas?

Shirley Paixão (2023) é uma crítica que a escritora Conceição Evaristo faz sobre a violência sexual (assédio, abuso, estupro) contra as crianças, que, na grande maioria das vezes, ocorre pelos próprios familiares, uma vez que mostra a realidade do que é ser uma criança afrobrasileira em uma sociedade constituída pela

dominação masculina, deixando-se explicito nessa narrativa como a infância de uma criança negra é desprotegida.

Apesar dos cuidados de *Shirley* com *Seni* pelo o fato do agressor se tratar de uma pessoa da família –o pai da criança–, mesmo a mulher sentindo no seu íntimo que um dia o seu parceiro se tornaria o seu inimigo, houve uma confiança por parte dela, pois a figura paterna é, ou deveria ser, aquela considerada como um ser humano que cuidará e irá proteger, mas nunca aquele a agredir. Todavia, quando a máscara cai e esse pai mostra-se um agressor, a reação de todos os envolvidos é chocante.

Evaristo não dá nome ao personagem pai da menina e esposo de *Shirley*, para destacar que, em nossa sociedade, existem uitos pais agressores que violentam e maltratam suas crianças. Não dar nome a ele foi uma maneira que a autora encontrou na narrativa para reafirmar que a violência doméstica é um problema generalizado, refletindo uma realidade que parece ser "comum" e que precisa ser mudada com urgência.

A personagem *Shirley* levou tempo para compreender o que o seu íntimo queria dizer em relação ao seu esposo, mas, ao descobrir, ela não silenciou tal verdade e isso é uma das ações que torna *Shirley* uma mãe brilhante. Ela agiu pensando na proteção das suas filhas.

hooks destaca: "O amor é o que o amor faz, e é nossa responsabilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos os quais nós respeitamos e garantimos. Sem justiça, não pode haver amor." (hooks, 2021.p.72)

Ao defender a própria filha e reconhecer que seu parceiro era um agressor, *Shirley* demonstra em suas ações um profundo sentimento de amor materno, a responsabilidade de proteger e defender suas meninas, fazendo justiça com suas próprias mãos, pois em determinadas situações na vida, o amor verdadeiro só é possível se antes houver justiça.

Nesse conto, as protagonistas *Shirley* e *Seni* podem ser consideradas como alegorias da resiliência. A mãe, por ter

conhecimento do que se passava com sua filha mais velha e agir de modo que protegesse tanto ela quanto a suas outras meninas; e *Seni,* pelo cuidado e proteção com suas irmãs. Apesar de no início da narrativa *Seni* ser apresentada como uma vítima frágil que escolheu o silêncio como uma forma de dar lugar a sua dor, ela é caracterizada como a personagem mais forte e afetuosa desta história, pois o seu despertar de gritar por socorro diante da violência torna-se algo notório a uma vítima que encontrou forças em sua voz para pedir socorro e dar um fim àquela situação vivenciada por anos. A mulher que essa protagonista se tornou só comprova o qual destemida foi..

O nome *Seni* tem um simbolismo importante, pode remeter-nos a uma variação de "sênior" e se refere implicitamente a alguém mais velho, "Seni, podendo ser vista então como uma forma adaptada do nome "sênior", ao menos em nossa interpretação. Considerando a escolha de Evaristo, desse nome para a personagem, é possível compreender que a na escolha do nome existe um significado profundo, uma vez que o nome "Seni" mostra uma ligação entre uma idade jovem e uma idade mais velha (juventude e velhice). Essa escolha pode ter sido uma forma de apresentar uma conexão entre gerações, considerando que o abuso sexual contra crianças e adolescentes sempre aconteceu, é um problema que sempre existiu na sociedade. Uma forma de mostrar também que a personagem, mesmo sendo uma jovem menina, carrega consigo o fardo pesado, a dor de ter sido violentada por aquele que a deveria proteger, e esse peso pode ser relacionado a uma pessoa mais velha. Dessa forma, a autora pode ter escolhido esse nome também com o objetivo de mostrar a consciência e conhecimento da personagem, mesmo sendo uma criança transitando para a adolescência e, eventualmente, para a vida adulta.

Considerações finais

A análise literária do conto escolhido, com foco nas personagens *Shirley* e *Seni*, a respeito da violência sexual sofrida

por crianças e adolescentes dentro do ambiente familiar, enfatizando quanto essa violência simbólica, enraizada no pensamento colonial, impacta na vida de crianças afro-brasileiras na sociedade contemporânea. Frequentemente, essa exploração sexual resulta em sérios problemas psicológicos para as vítimas, perpetuando cicatrizes que refletem as desigualdades e opressões históricas.

A análise foi feita em diálogo contínuo da leitura do conto com a leitura teórica e sob o suporte do conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, apresentando reflexões necessárias para a desconstrução dos conceitos simbólicos relacionados à exploração sexual contra crianças e adolescentes.

Como estratégia de escrita, Evaristo dá voz às personagens e, para romper com as estruturas hegemônicas e dar lugar de fala[5] ao oprimido, coloca Shirley Paixão como narradora-personagem. Assim, os fatos da narrativa são apresentados a partir do olhar dessa narradora.

A prática da arte de ler literatura afro-brasileira é uma forma de ampliar os conhecimentos sobre as questões de raça, gênero e sexualidade. É também uma maneira de se encontrar, reconhecer e valorizar as raízes de seus ancestrais e, no sofrimento vivido, se reinventar, se fortalecer, renascer, assim como as personagens apresentadas por Evaristo, que, embora não sendo esse o objetivo primaz da literatura, se fortaleceramam. Quando, em um texto literário, você encontra conforto para aliviar suas dores e angústias, percebendo que aquilo que as personagens vivem reflete a realidade de inúmeras mulheres, é possível compreender que, por meio da leitura de textos literários produzidos por mulheres afro-brasileiras, rompe-se o silêncio.

[5] De acordo com Djamila Ribeiro (2017), "lugar de fala" é o posicionamento do subalterno em relação às questões sociais presentes na sociedade em que se está inserido

Referências

BOURDIEU, Pierre. ***A dominação masculina***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. ***A dominação masculina:*** **a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018.

BRAIT, Beth. ***A personagem***. São Paulo. Ática, 1985.

BRIERE, John; ELLIOTT, Diana M. **Prevalence and psychological sequelae of self reported child hood physicaland sexual abuse in a general population sample of men and women.** *Child Abuse &Neglect*, v. 27, n. 10, p. 1205-1222, 2003.

DIAS, Ana Paula Pereira; SILVA, Olívia Aparecida; MORAIS, Maria Perla Araújo. **"Perfil de Preta", de Júlia Lopes de Almeida e "Shirley Paixão", de Conceição Evaristo: um estudocomparativo entre os sujeitos femininos protagonizados pelos contos.** *Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 6, n. 4, v. 2, p. 20-30, 2019. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/ view/1003. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESBER, Karen Michel. ***Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes:*** **um estudo a partir da teoria sócio-histórica**. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2008. Disponível em: http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1977. Acesso em: 28 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. ***Insubmissas Lágrimas de Mulheres*** – 6. Ed. – Rio de Janeiro: Malê, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365. Acesso em: 10 jan. 2023.

FALEIROS, Eva. ***Violência sexual contra crianças e adolescentes:* os (des) caminhos da denúncia**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

GONÇALVES, Cássia de Oliveira. ***Implicações do Abuso Sexual no Processo Educacional*: Um olhar para a criança**.2014. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/1975. Acesso em: 07 fev. 2023.

hooks, bell. ***Tudo sobre o amor: novas perspectivas***. São Paulo: Elefante,2021.

OLIVEIRA, Assis da Costa; ALVES, Carine Costa. ***Enredos do abuso sexual: análise do processo de violência e atendimento de adolescentes no município de Altamira/PA***. *Revistada Faculdade de Direito - UFPR*, Curitiba, v. 59, n. 3, p. 197-223, 2014. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/37153/23797. Acesso em: 03 fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila. ***O que é lugar de fala?*** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. Memórias Poéticas de Autoras Negras: ***Reinvenções de (Re) existências.*** *Itinerários*, Araraquara, n. 46, p. 35-50, 2018. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/10859. Acesso em: 05 fev. 2023.

SOUZA, Florentina da Silva.***Literatura e pensamento afro-brasileiro***. Tubarão: Copiart, 2014.

Entre desejos e transgressões: lesbianismo e performatividade de gênero em João do Rio

Cristini Maria Guedes Santos[1]
Silvio Roberto dos Santos Oliveira[2]

Introdução – Dentro da Noite

A literatura tem o poder de refletir e moldar tradições. A representação de personagens sáficas na literatura nacional escrita por homens tem sido estereotipada, o que reflete e multiplica os preconceitos enraizados na sociedade em questão. A mulher lésbica ou bissexual costuma ser diminuída e marginalizada nas narrativas e há predomínio da dualidade nos papéis de gênero.

O conto "História da Gente Alegre" foi publicado em 1910, na coletânea Dentro da Noite, de João do Rio. Carioca nascido em 1881, o autor também assinava como Paulo Barreto, e foi jornalista influente em sua época, que gostava de apontar aspectos ocultos da capital, como violência, sexualidade e uso de entorpecentes. Por ser um homem negro e homossexual, ele ainda enfrentou dificuldades para ter sua escrita reconhecida e acessar lugares de prestígio na sociedade.

No conto, há duas personagens fundamentais: Elsa e Elisa. O narrador do conto apresenta a morte de Elsa como trama central. Elsa divide as cenas com Elisa, que é descrita como feia e desagradável para os homens, pois seus vícios, que incluem o abuso de álcool e o lesbianismo, são refutáveis pela ótica social

[1] Graduação em Nutrição (CESG) e Formação Pedagógica em Letras (FATEC/RO). Especialização em Nutrição Esportiva (UNINTER) e em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na formação de educadores/as (UNEB). cristini.nutri@gmail.com
[2] Professor Titular (UNEB). Doutor em Teoria e História Literária. sroliveira@uneb.br.

hegemônica. Elisa e Elsa são exemplares da performatividade de gênero esperada em uma relação homossexual.

É importante investigar como as sáficas são retratadas nas obras literárias brasileiras e como essas representações podem influenciar a percepção e aceitação dessas identidades. Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo delinear um panorama geral sobre a presença e a retratação delas enquanto personagens em obras publicadas por homens, do século XVI ao XX, a fim de entender como essas reproduções estão ligadas ao contexto histórico-social desses autores. O intuito principal aqui é de avaliar essas repercussões literárias na construção da personagem Elisa, relacionando-a com outras apresentações similares dentro do recorte histórico/literário, fazendo-se reflexões teóricas sobre gênero e sexualidade.

Ao identificar e problematizar os estigmas nas personagens lésbicas, é possível subsidiar uma reflexão crítica sobre o papel da literatura na construção de identidades e na luta contra a discriminação e o preconceito. Fornecendo também informações para futuros estudos e discussões acadêmicas sobre a representação sáfica e performance de gênero nos textos literários. Busca-se identificar padrões, tendências e lacunas na literatura, contribuindo para uma maior compreensão e aprofundamento do tema.

Lésbicas e Sáficas

Os primeiros registros documentados da homossexualidade feminina são do século VI a.C., com a poetisa Safo, na ilha grega de Lesbos. Ela proclamou muitos poemas sobre o amor entre mulheres. Escreveu nove livros, que depois foram queimados em em praças públicas de Roma e Constantinopla no ano de 1073, por ordem do papa Gregório VIII, restando apenas fragmentos de algumas odes. Da ilha de Lesbos derivou-se o termo lésbica, utilizado para denominar mulheres que se relacionam apenas com outras mulheres. Enquanto o nome de Safo gerou o adjetivo sáfico,

que se refere ao verso da poeta, e sáfica, que engloba mulheres que não se limitam a amar mulheres (bissexuais, panssexuais). Outro termo grego que fora utilizado é o tribadismo (do grego *tribos*, "esfregar"), este sob tom mordaz, referindo-se ao ato de mulheres friccionarem seus corpos.

Os Cancioneiros do Vaticano e Geral armazenam várias cantigas alusivas às relações homossexuais entre damas, provando a existência sáfica na Idade Média. Porém, no Brasil- Colônia, são raros os vestígios de mulheres lésbicas. O termo utilizado para se referir a elas, no século XVII, era "machão", conta Mott (1987). O autor acrescenta que, por volta de 1994, o termo "lésbica" foi introduzido no Brasil, como "invertida sexual", pelo criminalista Viveiros de Castro.

Gênero e Sexualidade

Tradicionalmente, o gênero é associado aos órgãos reprodutivos, dividido entre feminino e masculino, cujos opostos se atraem e se complementam. A partir disso, depreende-se os porquês do imaginário popular atribuir aos membros de um casal homoafetivo a separação de tarefas e comportamentos binários. Porém, ao aceitar a performatividade de gênero, entende-se que mulher e homem são resultados de construções sociais, independentes de órgãos e de desejos sexuais.

A contrassexualidade para Preciado (2014) é uma análise crítica da diferença de gênero e sexo, onde a natureza deixa de ser a ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. Partindo dessa concepção, entende-se que o sexo biológico não determina o papel que o indivíduo vai desempenhar em sociedade, tampouco seu comportamento e sua sujeição a outrem. Estes fatores são determinados por mecanismos imbricados na sociedade: patriarcado, capitalismo e racismo.

Judith Butler (2018) explica que o gênero "não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo" (p. 21), entendendo os gêneros como significados

construídos culturalmente. Para a autora, não há um gênero nem uma sexualidade anterior à cultura, não existe uma origem, o gênero se constitui como um efeito. Ela questiona a representação binária do gênero e a suposta coerência sexo/gênero/desejo, concluindo pela performatividade do gênero e afirma: "não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias "expressões" tidas como seus resultados" (p. 44). Se os atributos de gênero são performativos, constituem a identidade que pretendem expressar ou revelar: "Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente incríveis" (p.188). Continua:

> O gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um "eu" generificado permanente. (...) se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença. (Butler, 2018, p. 3)

No texto supracitado, Butler discorre que gênero não é uma identidade estável, é construída no tempo de forma tênue através de uma repetição estilizada de atos. Partindo dessas concepções, depreende-se a possibilidade de romper com os padrões hegemônicos, alterando essa repetição dos atos estilizados com o tempo. A autora ainda comenta que a heterossexualidade compulsória, inerente à coerência entre os gêneros feminino e masculino, pressupõe que o desejo ocorra, em regra, entre opostos, o que exclui as relações homoafetivas.

Discorrendo sobre a heterossexualidade compulsória, Adrienne Rich (1980) a define como uma instituição relacionada com o modo de produção capitalista que se desvela nas diversas formas de poder masculino. Para a autora, uma das características

do poder masculino é negar a sexualidade das mulheres, exemplificada na divulgação de imagens de pseudolésbicas na mídia e na literatura. Outra característica é forçá-las à sexualidade masculina, também através da idealização do romance heterossexual na arte, literatura, mídia etc. Ela ainda menciona que no terreno da literatura, que coloca a identificação entre mulheres como vitais, tem sido apagada uma corrente regular de crítica e produção textual de lésbicas.

Tratando-se da lesbianidade, Ferreira (2018) a considera uma "experiência social e histórica determinada pelas relações sociais e contra as quais a identidade política se confronta" (p. 283). A autora discorre sobre o conceito de heterossexualidade compulsória de Adrienne Rich, que acaba invisibilizando a lesbianidade ao colocar a heterossexualidade como norma social, imposta por diferentes mecanismos que dispõem a mulher em situação de dependência masculina. Assim, a sexualidade está intimamente ligada aos fatores sociais, econômicos, políticos e ideológicos.

A escrita de João do Rio

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto nasceu no dia 5 de agosto de 1881 onde hoje é a rua Buenos Aires na capital fluminense. Filho de Alfredo Coelho Barreto e Florência Cristóvão dos Santos Barreto, Paulo Barreto foi um dos mais proeminentes jornalistas de seu tempo. Sua escrita inovou na forma e no conteúdo dentro da literatura nacional. Vítima de um infarto, faleceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de junho de 1921.

Segundo Gonçalves Sobrinho (2016), o pai de João, gaúcho, foi para a capital no intuito de estudar e, apesar de uma condição financeira limitada, tornou-se um professor respeitado. Casou-se em 1977 com a mãe dele, fruto de um casamento ilegítimo, porque a avó de João era negra e pobre, e seu avô, bacharel em medicina, casou-se com uma mulher da elite.

O pseudônimo João do Rio, influenciado majoritariamente pelo decadentismo de Oscar Wilde, surge com a publicação da

crônica "O Brasil que lê" na *Gazeta de Notícias* em 1903. A produção literária de João foi significativa e aconteceu entre os finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Todavia, há um apagamento da figura do escritor carioca. Sua obra traz diferentes temáticas: comportamento, sociedade, política, e cultura, preferencialmente ambientalizadas nas ruas cariocas. O cronista foi eleito para a ainda recente Academia Brasileira de Letras em 1910, sendo o segundo ocupante da cadeira 26, na sucessão de Guimarães Passos.

Era um homem gordo, negro, calvo e homossexual, fazendo com que sua presença não passasse despercebida. Foram esses seus "atributos que pautaram constantes julgamentos e desprezos, além de inflamarem críticas a respeito de sua obra, colocando-o em uma posição marginalizada no cenário sociocultural brasileiro de início" (Sobrinho, 2016, p. 15). Ainda assim, não se intimidava ao frequentar os salões elegantes da elite fluminense. Segundo De Melo (2021), a escrita de João do Rio era influenciada por estereótipos da noite carioca: sadismo, homossexualismo, drogas, batidas policiais, crimes passionais etc. As personagens do livro *Dentro da Noite* eram marginalizadas no contexto da chamada *belle-époque*, conferindo um lugar nas narrativas para os "desviantes" e "degenerados". Diante de tais características, seu público leitor não poderia ser neutro.

> Sua posição, em vista o período em que vive e escreve, parece por momentos ampliar a possibilidade desse debate na direção de temas que envolvem a concepção de gênero, o que àquela altura dos fatos se apresenta como proposta intangível, no rol dos assuntos a que a literatura ainda não ousa tocar. Por conta disso, justifica-se o silêncio de décadas a respeito de sua obra, só recentemente trazida de volta à luz dos fatos (Valente Júnior, 2018, p. 5)

Para João, a alma das ruas só era inteiramente sensível nas horas tardias. Ele mostra a urbanização da cidade e dos habitantes por uma visão mais compassiva em sua escrita. A coletânea *Dentro da Noite* tem o Rio de Janeiro como cenário. Vale recordar que a então capital brasileira era palco para a operação bota-abaixo: processo

de reformas urbanas que formaram novas avenidas à custa de inúmeros casarões imperiais e estalagens populares, dando aparência de progresso à cidade. Também eram moldados os hábitos e costumes, com forte influência francesa. Tardin (2014) considera a coletânea de contos um legado da literatura gótica do século XX devido ao seu cenário de fascínio e massificação.

João do Rio, como grande admirador de escritores franceses (Anatole France e Jean Lorrain), adota o Decadentismo, "estética literária surgida na França no final do século XIX, que postulou que a literatura deveria se opor à vida burguesa e buscar o prazer em práticas pouco comuns, apelando, sobretudo, para o refinamento das sensações. " (Faccari, 2020, p. 2)

> A estética decadentista aparece na obra ficcional de João do Rio principalmente nos contos de Dentro da noite, publicado em 1910, que apresentam, em sua maioria, histórias que tratam de uma busca desenfreada pelo prazer a qualquer custo, seja pelo jogo, pelo uso de ópio ou morfina, ou pelo sadismo. (*Ibidem*, p.3)

Ainda sobre o decadentismo:

> movimento enfatizava a autonomia da arte, a necessidade pelo sensacionalismo, melodrama, egocentrismo, bizarro, artificial e pela posição autônoma do artista em relação à sociedade, particularmente a classe média burguesa. A transgressão entre o natural e o artificial também se faz presente na esfera dos limites e das convenções de gênero. A característica da transgressão sexual manifestada no corpo do homossexual, algo marcadamente ligado ao Decadentismo, também é observada em João do Rio em seu conto "História de gente alegre. " (Silva, 2012, p. 2-3)

Durante o conto "História de Gente Alegre", acompanha-se o Barão Belfort no terraço do Smart-club - "dândi excêntrico que aparece inúmeras vezes nos escritos de João do Rio, sendo considerado por alguns intérpretes como o seu *alter ego"* (Nascimento, 2013) p. 44). O narrador descreve o ambiente cosmopolita em que o Barão se encontra detalhadamente antes que ele comece a falar sobre a morte da *cocote* (termo francês que referencia mulheres belas e sedutoras) Elsa d'Aragon. "O cenário

desse conto é especialmente curioso pela reunião do alto/baixo; pela convivência, no espaço da elite, do *grand monde* com representantes de estratos sociais mais baixos que servem ao gozo da elite e ao seu próprio gozo" (Morando, 2010, p. 6). A descrição no conto é a seguinte:

> Estávamos no Sman-Club, estávamos ambos no terraço do Smart-Club, esse maravilhoso terraço de vila do Estoril, dominando um lindo sítio da praia do Russel - as avenidas largas, o mar, a linha ardente do cais e o céu que tinha luminosidades polidas de faiança persa. Eram sete horas. Com o ardente verão ninguém tinha vontade de jantar. Tomava-se um aperitivo qualquer, embebendo os olhos na beleza confusa das cores do ocaso e no banho *viride* de todo aquele verde em redor. (...) Havia franceses condecorados, de gestos vulgares, ingleses de smoking e parasita à lapela, americanos de casaca e também de brim branco com sapatos de jogar o *foot-ball* e o *l awn-tennis,* os elegantes cariocas com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão *chantecler*, os *noceurs* habituais, e os *michés* ricos ou jogadores (...). (Rio, 1910, p. 27)

O narrador ouve o comentário sobre a morte de Elsa e indaga ao Barão, que confirma e comenta: "A Elsa era muito *nature*, com a fobia do artificio, mas soube morrer furiosamente" (*ibidem*). Elsa era uma prostituta que desenvolveu uma idolatria pelas sensações artificiais. Ela se perdeu na vida que levava e teve sua inocência corrompida pelo ambiente hostil, conforme descreve o barão. "A curiosidade do barão não surpreende porque ela se explica no interesse do dândi pelos paroxismos da vida moderna. Na perspectiva do dandismo, a vida moderna melhor se revela na imagem das *cocotes"* (Levin, 1989, p. 207).

Em um momento de desespero, numa casa noturna, Elsa recorre ao Barão. Ele aconselha que ela se entregue a uma paixão, um excesso (champanhe, éter ou morfina) ou uma extravagância, induzindo-a a ceder às investidas de Elisa, a quem Elsa chama de demônio e demonstra repulsa. Elisa é descrita como um tipo comum nesses ambientes: cabelos cortados, sem joias, feia e desagradável para os homens. Elisa tem a função de prestar serviços às colegas, como escrever cartas e arranjar entrevistas, e seus vícios

incluem o abuso de álcool e a homossexualidade. Surpreendendo, Elsa se entrega aos excessos e à extravagância.

> Nessa época, muitas das mulheres cuja vida profissional era exercida no período noturno (cantoras, atrizes, dançarinas etc.) se identificavam com o tipo andrógino, e não apenas nas atitudes e na aparência, mas também no homossexualismo. O conto estudado, de certa forma, sintetiza o gosto decadente: o amor lésbico e a mulher andrógina. (Silveira, 2001, p. 120)

Gonçalves Sobrinho (2016) comenta sobre o contraste das duas personagens: "Elisa, numa primeira leitura, pode ser entendida como o oposto de Elsa: a exuberância desta é aparentemente inversa à feitura daquela" (p. 125). O autor complementa que a desenvoltura social das duas também era oposta, Elsa expressiva e Elisa discreta. João do Rio constrói a imagem de Elisa seguindo os estereótipos da época, conforme Silva (2012). Ainda complementa que o autor trata com recorrência da temática identidade móvel visando objetivando desconstruir visões formadas de condutas sociais e cita Guacira:

> Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais (Louro, 2000, p. 6 *apud* Silva, 2012, p. 7).

As duas compartilham uma noite de orgia regada a éter e morfina, protagonizam cenas homoeróticas em público na pensão em que viviam, marcada como espaço permissivo de diversão. As duas partem para o quarto de Elsa, que é representado como ambiente de prazer e medo. Ao amanhecer, o quarto tem sua porta derrubada pelas pessoas que se assustaram com os gemidos roucos e gritos de socorro emanados de lá. Observe-se:

> Como luz havia apenas a lamparina numa redoma rosa. O quarto, cheio de sombra, mostrava, em cima das poltronas, as sedas e os *dessous* de renda da

> Elsa. Um frasco de éter aberto, empestava o ambiente. A Elisa, o corpo da Elisa estava de joelhos à beira da cama. Os braços pendiam como dois tentáculos cortados. Inteiramente nua, o corpo divino lívido, os cabelos negros amarrados ao alto como um casco de ébano, Elsa d'Aragon, as pernas em compasso, a face contraída ainda sentada garrava com as duas mãos numa crispação atroz, a cabeça da Elisa. Era Elisa que rouquejava. Elsa estava bem morta, o corpo já frio. Devia ter havido luta, resistência de Elsa, triunfo da mulher loira e por fim sem fim até a morte. enquanto a outra se estorcia, apertava-a, arrancava- lhe os cabelos, machucava-lhe o rosto - aquele horror. (Rio, 1910, p. 37-38)

A cena de sexo é descrita como macabra por Faccari (2022), que considera o sexo violento, inquietante e mortal como elementos do decadentismo. A autora complementa que "se a relação sexual por si só é causadora de suplício, o sexo entre mulheres constitui uma transgressão da ordem e da moral, e o horror, portanto, inscreve-se no corpo feminino através da morte e da loucura, talvez como punição ao ato transgressor" (p. 120).

Ao relatar que Elisa estava sempre rodeando Elsa, o Barão tem como resposta: "Safa!", e retruca: "Meu caro, nada de repugnâncias" (Rio, 1910, p. 34). Essas falas servem como demonstrativo da recepção que a lésbica masculinizada vivia dentro da sociedade em questão.

Elisa é descrita como uma larva diabólica que arrancaria um pouco de vida da linda Elsa. O cenário do quarto demonstra que Elsa resistiu aos avanços de Elisa, mas teve sua vida sugada. Quando Elisa se deu conta, Elsa já estava morta, com seus dedos presos aos cabelos da primeira. Elisa segue para o hospício e a história é abafada para que a casa não seja desmoralizada.

Para Silva (2012), a descrição repetitiva do "olhar de morta" de Elisa une a personagem ao símbolo decadentista do vampiro. Associa-se o vampiro com o homossexual, ambos vivendo fora das normas sociais e símbolos da liberação dos impulsos mais básicos do ser humano. "Um vampiro heterossexual (como o cinema insiste em produzir) é, portanto, um vampiro domado pela civilização, visto que o sangue não conhece gênero" (Silva, 2012, p.6)

Ambiente literário

Tratando-se das relações de poder, imperadas pelo discurso machista, cisgênero e heteronormativo, nota-se, claramente, este domínio no ambiente literário. Como o trabalho feminino é historicamente invisibilizado e diminuído, o das escritoras não seria diferente. Regina Dalcastagnè (2012) discorre que a literatura é um espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrchocam; por isso, os estudos literários têm se preocupado com a representação e lugar de fala de diferentes grupos. A autora pesquisou 258 romances brasileiros, publicados entre 1990 e 2004. O percentual de autores do sexo masculino atingiu 72,7%.

Ela não sabe informar se as mulheres escrevem ou publicam menos (ou ambos), mas enfatiza que a vivência feminina é plural, e variáveis como raça, classe ou orientação sexual interferem na posição social e percepção de mundo. A manifestação literária de grupos marginalizados, segundo Regina Dalcastagnè (2012), permite que suas realidades sejam enxergadas; que os desiguais compreendam suas dores e que seus semelhantes não fiquem solitários: "O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. " (p.12)

Enquanto personagem da literatura brasileira, a figura feminina fora apresentada, seguindo a cultura colonial, por/para homens. As protagonistas dos romances do século XIX, por exemplo, são submissas, irracionais, emocionadas e pouco intelectuais. Nos 258 romances estudados por Regina Dalcastagnè (2012), foram identificadas 1245 personagens relevantes. 62,1% delas são do sexo masculino. Personagens femininas tendem a ocupar menos a posição de protagonistas e narradoras, indicando que as mulheres têm menos acesso à voz. Nas obras escritas por homens, 32,1% das personagens são mulheres, com 13,8% protagonistas e 16,2% narradoras. Quanto às ocupações, a mulher é retratada, majoritariamente, como dona de casa.

> Séculos de literatura em que as mulheres permaneciam nas margens, condicionaram-nos a pensar que a voz dos homens não tem gênero e, por isso, existiam duas categorias, a literatura, sem adjetivos, e a literatura feminina, presa a seu gueto. Da mesma forma, aliás, que, por vezes, parece que apenas os negros têm cor ou somente os gays carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais. E que, portanto, toda e qualquer apreciação literária é regida por interesses, por mais difusos que eles sejam. (Dalcastagnè, 2012, p.116)

Se personagens femininas já sofrem com os sistemas discriminatórios, lésbicas são ainda mais atingidas. Até meados do século XX, elas são retratadas como mulheres traumatizadas, rejeitadas, ou que se comportam como homens. As lésbicas femininas tendem a ser mostradas como bi ou heterossexuais, não diferente do senso comum contemporâneo. O sujeito feminino deveria ser belo e frágil, logo, a aparição de características masculinas destoa e ridiculariza.

A pesquisa de Regina Dalcastagnè (2012) investigou a orientação sexual das personagens de romances brasileiros, mostrando uma ampla maioria heterossexual (90%), destes, 79,2% são do sexo masculino. Quanto à forma em que são retratados, ela discorre que bi e homossexuais têm mais chance de serem doentes (15,7% e 12,5%, respectivamente, contra 5,2% dos heterossexuais). A autora diz que pode ser reflexo do acometimento da aids nos homossexuais masculinos, considerados grupo de risco, mas não explicaria a incidência de doenças em personagens femininas bi e homossexuais.

A figura feminina na literatura, costumeiramente, foi dividida em duas representações: uma, associada à pureza de Maria; outra, referenciada pela perdição de Eva e Madalena. Já a representação de tríbades na literatura brasileira se iniciou no Quinhentismo, com as referências às guerreiras Amazonas e às varonis Çacoaímbeguira (termo registrado pelos jesuítas) dos Tupinambá, invertidas famosas por sua bravura.

A personagem lésbica repercute primeiramente na literatura brasileira com Gregório de Matos, num poema intitulado "A uma dama que macheava outras mulheres". Nele, a personagem Nise é descrita como bela e feminina. Supostamente, apesar dos cortejos do autor, a dama do mundo real o rejeitou, sendo associada ao papel masculino de investida e domínio a outras damas. O mesmo autor, posteriormente, ainda aborda a relação homoerótica de outras duas figuras lésbicas: Maribonda e Luiza Sapata. Estas poucas menções são as que conseguiram resistir ao período antigo de forte censura.

O romance "As mulheres de Mantilha", publicado em 1870 por Joaquim Manoel de Macedo, é protagonizado por Inês, uma moça burguesa que se apaixona por Izidora, agregada da família. O enredo não aprofunda a relação das duas, pois, ainda que a Europa vivesse o Realismo/Naturalismo, o Brasil se mantinha puritano. Para agradar ao público da época, o desfecho é um casal heterossexual feliz: Izidora seria um rapaz com vestimentas femininas para driblar o alistamento militar.

Apesar de ser publicado oficialmente em 1902, o romance "Condessa Vesper", de Aluísio Azevedo, esteve no folhetim Memórias de um Condenado, da Gazetinha, no ano de 1882. Ambrosina, uma senhora casada, se envolve com Laura, moça de 16 anos. As duas fogem para Europa para viverem seu amor. Também não tiveram um final feliz: Laura morre e Ambrosina retorna como cortesã, sob o codinome de Condessa Vésper.

O casal sáfico mais polêmico e comentado só aparece em 1890, em "O Cortiço", de Aluísio Azevedo. O romance é famoso pelas características naturalistas gritantes, como a descrição objetiva da realidade, patologização das personagens e atribuição de características animalescas, evidenciando também a sexualidade. É no Cortiço de São Romão, naquela terra encharcada e fumegante, lameiro quente e lodoso, que brotam espontaneamente, como larvas no esterco, as personagens Pombinha e Leónie. Vale considerar:

> A apresentação que o narrador faz da personagem marca uma construção estereotipada do imaginário da prostituta – com atributos associados ao

> feminino e à ideia de feminilidade –, afinal, o processo de linguagem da escrita naturalista consiste em aproximações com o "real", a partir de um estudo quase que clínico de observação. Léonie é uma personagem cujas condições econômicas são melhores do que aquela dos moradores do cortiço, e isso responde à maneira como se apresenta através da sua indumentária – para além do seu ofício – descrita a partir de seu lugar social: é uma prostituta e manifesta a sua feminilidade (ou o que se compreende por feminilidade) sob o olhar crítico do narrador, que a apresenta de maneira hiperbólica, até mesmo por uma efetivação desse imaginário construído socialmente acerca da figura da prostituta e da sua feminilidade. (Melo, 2021, p. 45)

As duas eram opostos, como Maria e Madalena. Leónie - a prostituta francesa - era jovem, sedutora e libertina. Pombinha - a flor do cortiço - era linda, pura e virginal. Leónie se aproxima de Pombinha gradualmente, até que atrai a moça para seu covil, abusando sexualmente da donzela. Elas terminam juntas, como casal, ambas ganhando a vida na prostituição. Personagem bissexual, são à Leónie atribuídas características tanto masculinas quanto animalescas de brutalidade e dominação. É necessário considerar o contexto histórico em que os autores e seus romances se situavam. Apesar de O cortiço estar inserido no Naturalismo e a homossexualidade não ser mais um ato de sodomia, ainda era considerara depravação moral, perversão. Os homossexuais fugiam da concepção biológica de natureza dos preceitos cristãos.

> Desde o início das investidas de Léonie, a performance de gênero exercida pela personagem aproxima-se de uma postura estritamente masculinizada no ato sexual, mas também se desenvolve uma performance que se aproxima do animalesco (característica do Naturalismo). Para atrair Pombinha e sugerir que essa tire a roupa assim como ela o faz, Léonie diz: "– Que tolice a tua! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar o exemplo!" (AZEVEDO, 1993, p. 134). E tira a própria roupa. É sua semelhante e, por isso, a seduz para que a outra possa fazer o que ela realmente deseja. Em uma sociedade falocêntrica, a ausência ou a ideia de ausência do pênis implicaria uma ideal de segurança, como se Pombinha estivesse fora de perigo ao ficar nua com a amiga. (Melo, 2021, p. 54).

Pode-se depreender a performance de gênero explícita nas duas personagens, a necessidade de o imaginário atribuir um papel

de dominação para alguém que se interesse pelo gênero mais frágil. A autora supracitada também comenta sobre outra figura do mesmo livro, Leandra, a machona: "por exprimir um comportamento "feroz", de bravura, Leandra acaba por ser apresentada como mulher desprovida de feminilidade" (Melo, 2021, p. 63). Apesar de Leandra ser mãe de três e não mostrar inclinações homoeróticas, é associada ao gênero masculino por ser "berradora" e ter "pulsos cabeludos e grossos", além da sua independência e força, oposto do estereótipo de sujeito feminino.

Domingos Olímpio, em "Luzia Homem", publicado em 1903, também retrata a protagonista Luzia de forma estereotipada como invertida sexual: macho e fêmea. Enquanto descreve as mulheres como fracas e naturalmente atraídas por manifestações de força. Luiza, por outro lado, era forte e peluda tal qual um rapaz, avessa a homens, ainda é descrita como um possível erro da natureza. Poucos anos depois é publicado o conto "Histórias da Gente Alegre", em 1910. Elisa e Elsa formam um casal sáfico conforme já descrito anteriormente neste trabalho. Luiz Mott (1987) menciona que o pouco conhecido escritor Theo Filho publicou, em 1922, a coletânea de contos "Dona Dolorosa: Anomalias Sexuais". Dona Dolorosa é urna vampira que só atinge o orgasmo em contato com o sangue alheio. A protagonista é descrita como degenerada e invertida, focalizando nas características masculinas que apresentara desde a infância.

Os anos se passaram e a eclosão dos movimentos das sufragistas europeias inspirou a literatura nacional, despertando um novo olhar sobre a posição social da mulher. A personagem Rosalina protagoniza "Mademoiselle Cinema" de Benjamin Costallat, publicada em 1923. Foi uma novela de grande sucesso, todavia, a polícia a recolheu no ano seguinte por considera-la ofensiva à moral. Rosalina perde a inocência quando experimenta seu primeiro beijo e se desilude, passando a experimentar diversas bocas. Em certo momento, desgostosa dos homens, é brevemente descrito que começa a se dar às mulheres. É mais uma personagem sáfica que termina na prostituição.

Em 1930, foi publicado "O 3° Sexo", escrito por Odilon Azevedo. A obra narra o caso de Sônia e Inácia, duas cariocas engajadas na luta feminista e operária. Reproduzindo as performances de gênero, Inácia é apresentada como feminista radical, virilizada, enquanto Sônia é a jovem delicada. Odilon não foca no homoerotismo, mas sim no ativismo político. No mesmo ano, Mario Donato, lança a polêmica obra Galatéia e o fantasma. Trata-se da história de uma mulher que conseguiu conformar um homem à imagem e semelhança de seu ideal - uma "mulher de cabelo na venta".

Marques Rebelo retrata uma relação homoafetiva de conveniência, a jovem se sujeitou por questões socioeconômicas, mas logo depois optou por um casamento heterossexual. Trata- se da ambiciosa artista Leniza Máier, que protagoniza o romance "A Estrela Sobe", publicado em 1946. No sonho de ser cantora de rádio, Leniza se aproxima de Dulce Gonçalves para acessar privilégios.

O conto "Carta de Outro Naipe", de Gastão Cruls, publicado em 1951, traz a história de Dulce e Gabriela, duas jovens que terminam se suicidando após o sofrimento de viver um amor impossível. Já o conto "74 Degraus" de Rubem Fonseca, publicano no livro Feliz Ano novo em 1975, caracteriza Eliza e Tereza como duas mulheres com boas condições socioeconômicas insatisfeitas em seus casamentos. Amigas de infância, as duas também compartilhavam de um sentimento homoerótico. Elas assassinam seus maridos e se libertam, finalmente, para agirem como bem desejarem sexualmente.

O conto de Caio Fernando Abreu, "Os Sobreviventes", dentro da obra Morangos Mofados (1982), utiliza explicitamente o termo lésbica quando o interlocutor masculino gay se refere à interlocutora feminina, sendo que ambos revezam a narração e relatam a decepção da conjuntura sexual deles. O conto relaciona o pensamento político das personagens com sua liberdade sexual.

Caio Fernando Abreu lança também, em 1990, a obra "Onde andará Dulce Veiga? ", na qual o narrador-personagem vive uma

busca pela artista Dulce Veiga. O jornalista em questão hesita a ter que entrevistar a banda Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas. Pensa que são "sapatas, sexistas, adolescentes sem causa nem consequência" (p.17), mas descobre que Márcia (amante de Patrícia) é filha de Dulce, podendo ajudar sua busca.

Já no ano de 1997, em "Família" (conto em Histórias de amor), Rubem Fonseca descreve a vida de Dora. Órfã de mãe, a jovem é posta em um internato de freiras, onde conhece Eunice, uma amizade intensa que duraria por toda vida. As duas se reencontram na faculdade de Direito e terminam como sócias no escritório e parceiras românticas. Dora é recatada, mas com Eunice se sente liberta. O amor das duas é retratado de forma leve e feliz, sem perversões.

O romance "A casa dos budas ditosos", de João Ubaldo Ribeiro, publicado em 1999, aborda o pecado da luxúria. Tendo como narradora CLB, uma mulher bissexual de 68 anos, formada em direito e que faz mestrado na Califórnia. CBL polemiza por não se identificar com as religiões hegemônicas dominantes. Possuindo independência financeira, também não se permite limitar suas relações sexuais e se privar do prazer erótico.

Assim como Elsa D'Aragon, as personagens Léonie, Pombinha, Ambrosina e Rosalina associam a imagem da mulher bissexual à prostituição, de forma insensível. São personagens marginalizadas e estereotipadas por exercerem sua sexualidade livre independente da aprovação masculina.

> É, pois, através do corpo que não só mantêm suas vidas, mas é com ele que gozam a própria vida, à revelia de um sistema sustentado pelo desejo de controle e a submissão de tais sujeitos. Personagens como Léonie e Pombinha, Ambrosina e Elsa d'Aragon são categoricamente marcadas pela marginalidade: seja pelo fato de serem mulheres, seja pelo fato de relacionarem-se sexualmente com suas semelhantes, seja pelo fato de serem prostitutas. Não é por acaso que são taxadas de loucas, serpentes, demoníacas, pois representam uma ruptura da imagem feminina idealizada. (Melo, 2021, p.14)

Já personagens como as Çacoaímbeguira, Luzia e Elisa, que são equiparadas a homens, recebem características negativas, costumeiramente associadas a feiura. Faz-se questão de explicitar que elas são rejeitadas pelos homens, não o contrário, colocando-as em posição de inferioridade, como se fossem fracassadas na missão de se equiparar ao sexo forte. Melo (2021) compara Elisa a Lendra, de O Cortiço.

> (...) performam uma feminilidade que não condiz com aquela que foi/é socialmente instituída como a ideal para uma mulher. Por essa razão, são marcadas como desprovidas de beleza e, mais do que isso, são equiparadas ao sujeito masculino, apagando-se como mulheres cujas feminilidades destoam dos padrões que lhes são impostos. A linha de fuga consiste no fato de existirem e conseguirem existir a partir dos seus próprios desejos e formas de expressão. (Melo, 2021, p. 14)

"Elsa e Elisa, figurações que certamente não são aleatórias – uma prostituta e uma homossexual assumida -, podem por si só trazer à tona uma série de discussões sociais a respeito da prostituição, da homossexualidade feminina e da condição de mulheres marginalizadas" (Gonçalves Sobrinho, 2016, p. 125). Os espaços cariocas elitistas das narrativas de João do Rio comportam personagens entediados com o mundano e com o comum, tendo tragédias, violência, sexualidade e abuso de entorpecentes como distração. O Barão demonstra indiferença ao relatar a morte de Elsa. Usufrui de música, comida, bebida e todo lazer disponível no *Smart Club* enquanto narra o trágico acontecimento, entretendo seus ouvintes.

> O que se observa, na narrativa de João do Rio, é muito mais um direcionamento dado em recorrência de meios que possam pôr fim à sensação de absoluto tédio da personagem à condição de estar viva, mas também a imagem figurada de um sujeito feminino dissociado do que é esperado de uma mulher – obviamente, não podemos esquecer que estamos falando de uma mulher do entre-século. Assim, a despreocupação com a vida está interligada à entrega ao desconhecido e até mesmo ao que pode lhes causar a morte. Em outras palavras, não há prestígios que não os de beleza material e a possibilidade de desfrutar deles. (Melo, 2021, p. 68)

Considerações finais

A literatura desempenha um papel significativo na formação de identidades e na construção e transmissão de valores, estereótipos e representações sociais. A forma como mulheres lésbicas e bissexuais são retratadas enquanto personagens influencia a percepção e a aceitação dessas figuras na sociedade. No contexto brasileiro, é uma temática pouco explorada, mas que merece atenção devido ao seu impactante papel social.

A escrita de João do Rio traz à tona questões costumeiramente ocultadas na sociedade. Um homem que destoava dos padrões hegemônicos de sua época e, ainda assim, acessava lugares elitizados. Através do conto História de Gente Alegre é possível notar como eram tratadas as mulheres marginalizadas, representadas pela imagem da prostituta e da lésbica. A personagem foco deste trabalho, Elisa, fugia dos ideais de feminilidade e, por isso, lhe são atribuídas várias características negativas. Como confirma Melo:

> O conceito de "inversão" comentado por Mott (1987) alimentou a ideia de performance de gênero exercido pelo sujeito. Acreditava-se, portanto, que a atração pelo mesmo sexo consistia em uma "inversão de papéis" biológicos, que se mostravam não só através das tendências homoeróticas e das relações criadas a partir disso, mas também pela vestimenta e pelos trejeitos dos sujeitos. A mulher, então, sendo uma "invertida", estava condenada ao posto daquela que é desprovida de feminilidade, pois a ideia do ser feminino está, nesse momento, conectada à feminilidade estabelecida como sinônimo do que é dócil, gentil, condescendente, belo, etc. (Melo, 2021, p.71)

Elsa performava todos os padrões de feminilidade, Elisa é colocada como seu oposto. Assim, a relação homossexual das duas é algo anormal, tão brutal que termina da pior forma, pois Elsa, uma jovem dama, não se atrairia naturalmente por uma criatura como Elisa. É o que o Barão deixa a entender quando conta sobre elas. Observa-se claramente a força das performances de gênero: a mulher que não dispõe dos atributos femininos é associada a um masculino repudiante.

O título do conto deixa margem para diferentes interpretações. Primeiramente, procura- se a gente alegre dentro dele. Ao concluir a leitura nota-se que não há alegria nas pessoas envolvidas ali, sugerindo uma ironia, como se a sociedade da época vivesse de aparências. Sobrinho (2016) levanta outra hipótese, a de que o título se refere à nominação gay (alegre em inglês), já que é protagonizado por um casal homossexual.

> O fim não é alegre, como ironicamente João do Rio sugere no título, ele é, na verdade, trágico e triste – o "alegre" do título, para além de ser irônico em referência à vida das personagens decadentistas, também é uma alusão à própria homossexualidade.
> Mesmo assim, no conto, o fato de ser mulher e exercer a sua sexualidade – mesmo como meio para o próprio sustento – e manifestar o seu desejo é quase como um limiar. No prisma decadentista, parece que nada do que é feito é suficiente. Nesse contexto, a alegria está, talvez, na possibilidade do quase, no momento antes da morte, na sensação causada pela morfina, na conquista da outra, que se rende ao tédio e se entrega ao sexo com a semelhante. A potência está nas vias de existir, ainda que esse existir limite-se a um momento curto e pulsante. (Melo, 2021, p. 74)

As personagens trazidas neste texto são poucas, dado que a lésbica sempre esteve presente na sociedade. O apagamento da lésbica deriva, primeiramente, do abafamento da voz feminina. As questões de gênero demoraram ser alvo de discussões e, ainda hoje, não são bem recebidas pelo povo de uma forma geral. A ideologia machista predomina.

Acentuando questões de gênero, sexualidade e igualdade, estimulando a reflexão e o diálogo sobre a importância da representatividade e da inclusão na literatura, espera-se que haja relevância social desta pesquisa. Problematizar os estigmas contidos nas representações lésbicas serve para promover uma literatura mais diversa, inclusiva e representativa, que possa contribuir para uma sociedade mais igualitária e respeitosa com todas as identidades. Além disso, essa investigação pode fornecer *insights* valiosos para escritores, críticos literários e educadores,

auxiliando na criação e análise de personagens mais complexas, empoderadoras e representativas.

Referências

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras**, Edições Chão da Feira, n. 78, jun. 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7513304/mod_resource/content/1/ caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em 13 out. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Editora da Uerj, Rio de Janeiro, 2012.

FACCARI, Sabrina Ferraz. **Estudo da Personagem e Reverberações da Estética Decadentista na Obra "Dentro da Noite", de João do Rio.** 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/27563. Acesso em 14 ago. 2024.

FACCARI, Sabrina Ferraz. Considerações Sobre a Estética Decadentista no Conto História de Gente Alegre, de João do Rio. **Salão do Conhecimento**. Unijuí: XXV Jornada de Pesquisa, 2020.

FERREIRA, Verônica. Feminismo lésbico: experiência, teoria e ação política. **Teorias em movimento: reflexões feministas na Articulação Feminista Marcosul**. Recife: SOS Corpo, p. 281-295, 2018.

GONÇALVES SOBRINHO, Rodrigo. **Entre os bosques de João do Rio:** Leituras de contos de dentro da noite. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Setor de

Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016. Disponível em: https://tede2.uepg.br/ jspui/handle/prefix/422. Acesso em 13 out. 2024.

LEVIN, Orna Messer. **João do Rio: Notícias do Dândi.** 1989. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/ acervo/detalhe/47866? guid= 1710201605967&returnUrl=%2Fresultado%2Flista r%3Fguid%3D17 10201605967%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D4 7866%2347866&i=21. Acesso em 14 ago. 2024.

MELO, Carolina Taveira de. **O Devir Lésbico na Literatura Brasileira**: Entre a Tradição e a Ruptura. 2021. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/ UEPB_ffd285f690ecb6ff1d6c2201add99107. Acesso em: 13 out. 2024.

MORANDO, Luiz. Crime, Perversão e Exotismo em João do Rio. **Aletria**, v. 18, n. 3, p. 129- 157, set./dez 2010. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index .php/aletria/article/view/18411. Acesso em 14 ago. 2024.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NASCIMENTO, Dayane da Silva. **João do Rio: um Herói no Labirinto da Vida Moderna**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23115/23115.PDF. Acesso em 14 ago. 2024.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, UFRN, n. 05, p.17-44, 2010.

RIO, João do. **Dentro da Noite**. Editora H. Garnier, Rio de Janeiro, 1910.

SILVA, Veridiana Barbosa da. Os Monstros Finisseculares de João do Rio e Caio Fernando de Abreu: Literatura e Homoerotismo. **CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários**. Anais Eletrônicos, 2022. Disponível em: https:// www.academia.edu/download/61228108/Artigo_de_ Veridiana_ Mazon_BarbosaAlexander_Meireles_da_Silva_CIELLI20191115-82876-1fkopkr.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

SILVEIRA, Cláudia Cristina. **Do début ao casamento: o universo feminino nos contos de João do Rio e Alcântara Machado**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária na Área de Literatura Brasileira) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

TARDIN, Bruno Oliveira. **Nos umbrais da Frívola City**: perversão e modernidade em Dentro da noite, de João do Rio. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. Disponível em: https://www.locus.ufv.br/handle/ 123456789/4892. Acesso em: 13 out. 2014.

VALENTE JUNIOR, Valdemar. Entre o bas-fond e o high-life: a sexualidade fronteiriça das personagens de João do Rio. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 1, p. 109-120, 2018.

Identidade feminina na musicalidade: as Amélias da música brasileira

Barbara Roberta Damascena Santos[1]
Aline Silva Gomes[2]

Introdução

O tema da "evolução da mulher" tem sido amplamente debatido ao longo da história. É muito comum abordar a figura feminina como no clássico romance de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito* (1813). Na obra, Elizabeth Bennet é uma personagem além do seu tempo; mesmo vivendo no século XIX, período em que a batalha pela igualdade de gênero estava longe de iniciar, a protagonista permanece firme em busca de seus objetivos, sem se curvar diante das normas estabelecidas.

A fim de contribuir nessa discussão, neste trabalho, temos por objetivo geral investigar a representação da identidade feminina na música[3] brasileira, tendo como foco as figuras emblemáticas das "Amélias" presentes na história da música do Brasil. Os objetivos específicos são: i) identificar as diferentes representações da figura feminina conhecida como "Amélia" em três músicas brasileiras compostas ao longo de décadas; ii) analisar as mensagens transmitidas sobre o papel da mulher na sociedade, suas relações

[1] Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz- BA e Letras - Português e Libras (UNIFATECIE). Especialização em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidades na Formação de Educadores/as (UNEB). . E-mail: brdsantosprof@outlook.com.

[2] Professora Adjunta (UNEB). Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Doutora em Língua e Cultura (UFBA) com período sanduíche na *Universidad de Alcalá* (Espanha). E-mail:asgomes@uneb.br.

[3] Neste texto, consideramos o termo "música" como um conceito mais amplo, que engloba toda a produção musical do Brasil, incluindo canções, instrumentais, tradições regionais e estilos diversos.

afetivas e seu papel doméstico; e iii) discorrer sobre como essas representações contribuíram para a construção e desconstrução de estereótipos de gênero, explorando as complexidades e as diversidades das experiências femininas na sociedade brasileira ao longo do tempo.

Este trabalho se justifica pela possibilidade de destacar histórias de empoderamento e de resiliência por meio de canções. Acreditamos que a abordagem da identidade feminina na musicalidade, especificamente ao explorar músicas com o nome "Amélia", pode se evidenciar como uma pesquisa relevante diante das complexidades que envolvem as representações das mulheres na cultura brasileira. Esse estudo se fundamenta, ainda, pela lacuna existente na análise da música brasileira que contenham a visão da "Amélia" como um meio de explorar e de desafiar estereótipos de gênero, oferecendo uma diferente perspectiva sobre a construção da identidade feminina por meio da arte e da cultura.

Ao explorar como as mulheres são representadas nas canções com o nome "Amélia", podemos identificar narrativas que amplificam a voz feminina, inspirando um entendimento mais profundo da força e da diversidade das experiências das mulheres na música brasileira. Deste modo, acreditamos que pesquisas dessa natureza contribuem para os estudos de gênero ao fornecer compreensão crítica sobre a evolução da identidade feminina na música produzida em nosso país. Ao conectar a análise musical com as dinâmicas de gênero, a pesquisa visa oferecer uma perspectiva para pesquisadores interessados na interseção entre música, cultura e identidade.

A problemática central deste estudo reside na necessidade de compreender como estas canções: "Ai que saudades da Amélia", de Mário Lago e Ataulfo Alves, dos anos 1940; "Desconstruindo Amélia", de Pitty e Martin, de 2009; e "Não precisa ser Amélia", de Bia Ferreira, de 2018, refletem e moldam as narrativas de identidade feminina, abordando algumas questões, como estereótipos de gênero, empoderamento, resistência e transformação social. Sendo assim, acreditamos que o tema

proposto possui relevância social e cultural, uma vez que busca entender como a música brasileira contribui para a construção da identidade feminina.

Este texto está organizado em quatro seções. Neste tópico, *Introdução,* apresentamos a problemática da pesquisa, assim como o objetivo geral e os específicos do estudo. Na segunda seção, *Sobre A Representação Social da Mulher,* exploramos a representação social da mulher ao longo da história, destacando como esse elemento reflete e reforça estereótipos de gênero e desigualdades estruturais. Discorremos sobre a evolução dos papéis femininos na sociedade, incluindo a luta feminista contra estereótipos e a busca por uma representação mais diversa e inclusiva. Além disso, abordamos a persistência de desafios, como a "dupla jornada" e a objetificação na mídia.

Na terceira seção, *Procedimentos Metodológicos e Análise dos resultados,* examinamos as canções "Ai! Que Saudade de Amélia", de Mário Lago e Ataulfo Alves, "Desconstruindo Amélia", de Pitty e Martin, e "Não Precisa Ser Amélia", de Bia Ferreira, no intuito de abordar e de comparar diferentes visões sobre a figura feminina. Por último, tecemos as *Considerações Finais*.

Sobre a Representação Social da Mulher

A representação social da mulher é um aspecto fundamental na compreensão da dinâmica cultural e social de uma sociedade, refletindo não apenas como as mulheres são retratadas e percebidas, mas também os valores, as crenças e as normas que influenciam essas representações. Elas podem variar, amplamente, de acordo com o contexto histórico, cultural e social em que ocorrem. Contudo, diversas vezes, refletem e reforçam estereótipos de gênero e desigualdades estruturais. Uma perspectiva essencial para entender a representação social da mulher é a interseccionalidade, conceito introduzido por Crenshaw (1989).

A interseccionalidade é um termo que representa diferentes formas de opressão, como racismo, sexismo, classismo e outras,

entrelaçando-se para criar experiências únicas para diferentes grupos. Segundo Crenshaw (1989),

> A interseccionalidade é uma lente através da qual podemos ver onde o poder vem e colide, onde se interliga e se entrelaça. Não é simplesmente que há um problema de racismo aqui, um problema de sexismo ali, e um problema de classismo acolá. Muitas vezes, esses sistemas de opressão se sobrepõem, criando uma teia complexa de desvantagens (Crenshaw, 1989, p. 539).

Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das diversas experiências das mulheres, indo além de uma visão homogênea e universalista. Em vez de tratá-las como um fenômeno único e uniforme, a interseccionalidade revela como diferentes formas de opressão interagem e se entrelaçam, afetando essas pessoas de maneiras variadas. Isso significa que as vivências de uma mulher não podem ser compreendidas plenamente sem considerar o impacto simultâneo dessas múltiplas dimensões de identidade e de opressão. Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar barreiras diferentes das enfrentadas por uma mulher branca, e esses entraves podem se manifestar de maneiras únicas e interconectadas. A interseccionalidade, portanto, oferece uma perspectiva mais rica e inclusiva, que desafia a visão simplista de que as questões de gênero podem ser abordadas isoladamente.

Historicamente, a representação social da mulher tem sido marcada por estereótipos e papéis pré-determinados. Nas sociedades patriarcais, foi tradicionalmente vista como "sexo frágil", destinada a papéis de cuidado e domesticidade, como observa Beauvoir (1949), em seu livro *O Segundo Sexo*: “

> Não se nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1949, p. 9).

Segundo Beauvoir (1949), em diferentes culturas, as representações tradicionais da mulher frequentemente a retratam em papéis domésticos e de cuidado, relegando-a a posições

subalternas e limitadas. Por exemplo, na literatura e na arte ao longo da história, foram frequentemente retratadas como musas inspiradoras ou figuras passivas, cuja principal função era servir como objeto de desejo masculino, reforçando a ideia de que são inerentemente inferiores ou destinadas a ocupar um papel secundário na sociedade. No entanto, é importante reconhecer que o seu papel está sujeito a mudanças ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

Movimentos feministas, como a luta pelo direito ao voto feminino e à educação, o *Movimento Feminino pela Anistia*, e o *Movimento de Mulheres de São Paulo*, bem como outras formas de ativismo, têm desafiado esses termos tradicionais de submissão, buscando redefinir e ampliar os papéis e identidades das mulheres. Obras de autoras que enfatizam a luta das mulheres como Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, por exemplo, questionaram as noções convencionais de feminilidade e exploraram as complexidades da experiência feminina. Além disso, artistas contemporâneas, cineastas e escritoras, como Bell Hooks (1952–2021), têm se dedicado a representar uma variedade diversificada de experiências femininas. Nesse contexto, destacam-se as vozes e perspectivas de mulheres marginalizadas e sub-representadas, explorando temas como a interseccionalidade e a opressão das mulheres negras.

Em que pesem esses avanços nas lutas feministas, essa ideia de estereótipo de sexo frágil continua a ser influenciada por normas de gênero e expectativas sociais arraigadas. A mídia de massa, em particular, desempenha um papel significativo na formação da visão social da mulher, muitas vezes, perpetuando idealizações irrealistas da feminilidade. Por outro lado, a representação na política e nas posições de liderança é um indicador crucial do progresso em direção à igualdade de gênero.

A presença das pessoas do gênero feminino em cargos de poder desafia estereótipos tradicionais e oferece modelos positivos para as gerações futuras. Nesse sentido, Phillips (1995) afirma que

a inserção de mulheres em posições de poder não é somente uma questão de justiça social, mas também de eficiência da democracia.

Ainda assim, a sub-representação das mulheres nesses espaços continua sendo um desafio, exacerbado por barreiras estruturais e culturais. Já no âmbito do mercado de trabalho, a representação social da mulher tem evoluído significativamente, mas ainda enfrenta obstáculos importantes. A socióloga Kanter (1977) destaca como a dinâmica de gênero afeta a estrutura organizacional e as oportunidades de carreira, as quais são muitas vezes influenciadas por padrões relacionados ao sexo.

A luta por igualdade no emprego envolve não apenas a inclusão do sexo feminino, mas também a criação de um ambiente que reconheça e valorize suas contribuições de maneira equitativa. Contudo, a representação social da mulher é um campo complexo e em evolução, que reflete as dinâmicas de poder, valores culturais e lutas por igualdade de gênero. Para que possamos promover uma metáfora mais justa e inclusiva das mulheres, é essencial desafiar o modelo arcaico de gênero, ampliar as vozes e perspectivas das mulheres, e promover uma cultura de igualdade e respeito mútuo.

Outro aspecto relevante, quando versamos sobre a representação social da mulher, são as representações de gênero e os estereótipos. Segundo Bem (1981), o clichê de gênero são crenças generalizadas sobre as características e comportamentos esperados de homens e mulheres. De acordo com Eagly (1987), os estereótipos de gênero consistem em expectativas sociais que moldam significativamente o comportamento individual e afetam a maneira como as oportunidades sociais e profissionais são distribuídas entre mulheres e homens.

Ademais, pontuamos que as representações de gênero desempenham um papel crucial na formação e desconstrução de estereótipos ao longo da história da sociedade brasileira. Elas moldam percepções, comportamentos e expectativas sociais, influenciando como homens e mulheres são vistos e como veem a si mesmos. No contexto brasileiro, a diversidade e a complexidade

das experiências femininas oferecem um panorama rico para entender essas dinâmicas.

A sociedade brasileira, durante o período colonial e imperial, era marcada por uma estrutura patriarcal rígida, na qual as mulheres eram vistas através das lentes de dois estereótipos: o da mulher virtuosa e submissa, e o da mulher sedutora e perigosa. As mulheres brancas da elite eram destinadas ao espaço doméstico, onde sua função principal era ser esposas e mães dedicadas, enquanto as mulheres negras e indígenas frequentemente eram sexualizadas e submetidas à exploração e violência. De acordo com Saffioti (1979), após o casamento, as mulheres brancas passavam a submissão, até então designada aos pais, ao marido. Raramente saíam à rua e, quando o faziam, iam à igreja acompanhadas.

Historicamente, as representações de gênero na sociedade brasileira foram influenciadas por estruturas patriarcais e coloniais. As mulheres foram retratadas em papéis tradicionais de subordinação, vinculadas ao lar, à maternidade e à dependência dos homens. Segundo Saffioti (1979), a única maneira de fugir do domínio do pai ou do marido era ficar reclusas em conventos. Esses estereótipos de submissão foram perpetuados por diversos meios de comunicação e sistemas educacionais, criando uma visão restrita e homogênea do que significa ser mulher.

Apesar dessas representações limitantes, percebemos que a realidade das experiências femininas no Brasil sempre foi marcada por uma diversidade significativa. Um exemplo clássico é a figura da "Amélia" na música popular brasileira, que idealiza a mulher abnegada e dedicada exclusivamente aos cuidados do lar e da família. As mulheres brasileiras, dependendo de suas origens étnicas, socioeconômicas e regionais, vivenciam e expressam suas identidades de maneiras diversas. As mulheres indígenas, negras, e de diferentes regiões do país, por exemplo, possuem histórias e lutas específicas que desafiam e enriquecem a narrativa homogênea tradicional.

O movimento feminista brasileiro, em especial a partir da década de 1970, começou a contestar ativamente essas

representações limitadas e a lutar pela visibilidade e reconhecimento das diversas experiências femininas. Autoras como Lélia Gonzalez destacaram a importância de entender a interseccionalidade de gênero, raça e classe na análise das opressões enfrentadas pelas mulheres negras Brasil (González, 1988). Em outras palavras, as feministas brasileiras lutaram contra a violência de gênero, pelo direito ao trabalho digno, à educação e à igualdade jurídica. Esse movimento foi crucial para a desconstrução de estereótipos da mulher ideal, promovendo a imagem do ser independente, empoderado e diverso.

Ainda no século XX, houve certa flexibilização da invisibilidade feminina, porém os estereótipos persistiram. A mulher passou a ter uma presença maior no mercado de trabalho e na esfera pública, mas ainda enfrentava discriminação e expectativas limitadoras. A mídia e a cultura popular reforçavam imagens femininas como responsáveis pela beleza e pela harmonia familiar, ao mesmo tempo em que sexualizavam suas representações. Segundo Hall (2006), isso torna o estereótipo da mulher um processo ambíguo, no qual o sujeito se afasta de seu lugar pré-estabelecido na sociedade e na cultura, levando-o a fragmentar sua identidade. Assim, "o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (Hall, 2006, p. 12-13).

Ressaltamos, neste texto, que a desconstrução de estereótipos de gênero no Brasil tem sido um processo gradual, impulsionado por movimentos sociais, mudanças legais e culturais. A promulgação da *Lei Maria da Penha*, em 2006, por exemplo, representou um marco importante no reconhecimento e combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres, desafiando a naturalização da violência de gênero.

A diversidade das experiências femininas começou a ser mais reconhecida e valorizada. Mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+, de diferentes classes sociais e regiões do Brasil começaram a se

destacar e a desafiar os estereótipos que lhes foram impostos. A literatura, o cinema, as artes visuais e outras formas de expressão cultural passaram a oferecer novas narrativas que questionam as representações tradicionais de gênero (hooks, 2000).

A educação e a conscientização sobre questões de gênero têm se intensificado, com esforços para incluir a discussão sobre igualdade de gênero nos currículos escolares e em campanhas de sensibilização. Assim, acreditamos que estas ações podem contribuir para a formação de novas gerações mais conscientes e críticas. Contudo, conforme já mencionamos, a crescente presença das mulheres em espaços públicos e de poder continua a desafiar e redefinir os papéis tradicionais de gênero, desmistificando o estereótipo imposto no século XIX. Sobre este aspecto, Beauvoir (1975) explica que

> o homem tem o hábito de se impor: seus clientes acreditam em sua competência; pode ser natural, impressiona sempre. A mulher não inspira o mesmo sentimento de segurança; torna-se afetada, exagera, faz demais. Nos negócios, na administração, mostra-se escrupulosa, minuciosa, facilmente agressiva (Beauvoir, 1975, p. 470).

Ou seja, para a autora, há diferenças consideráveis que definem o motivo de a mulher não conseguir ocupar lugares de poder na sociedade; a formação e a desconstrução dos estereótipos de gênero na sociedade brasileira são processos complexos e dinâmicos, fortemente influenciados por movimentos sociais, políticas públicas, cultura e mídia. Em linha de pensamento semelhante, Mulvey (1975) argumenta que a representação feminina na mídia é muitas vezes moldada pelo "olhar masculino", isto é, no contexto de uma sociedade patriarcal, a experiência do prazer visual é organizada de forma que a mulher é ao mesmo tempo observada e mostrada, tendo seu corpo convertido em um objeto de contemplação e de satisfação estética (Mulvey, 1975).

Nos tempos atuais, as representações de gênero continuam a evoluir, refletindo e moldando as experiências e identidades das mulheres no Brasil. Essa evolução ocorre na medida em que novas

narrativas desafiam os estereótipos tradicionais, oferecendo uma visão mais ampla e inclusiva das múltiplas dimensões da identidade feminina. Apesar das conquistas, a luta pela igualdade de gênero ainda enfrenta desafios significativos. No entanto, as vitórias obtidas até agora indicam um caminho promissor para a construção de uma sociedade igualitária. As lutas femininas têm ampliado a compreensão das complexas identidades femininas e contribuído para a superação de percepções limitantes e excludentes. Ao fim desta seção, explicamos como essas representações influenciam o papel da mulher na sociedade, suas relações afetivas e seu papel doméstico.

A discussão sobre o papel da mulher na sociedade, suas relações afetivas e responsabilidades domésticas tem sido uma questão central nos estudos de gênero e feministas. Historicamente, as mulheres foram relegadas a papéis secundários e definidos em grande parte por suas funções reprodutivas e de cuidado, tanto no âmbito doméstico quanto nas relações afetivas. Durante séculos, o papel da mulher foi amplamente confinado ao espaço doméstico. Beauvoir (1949), em seu livro, argumenta que essa confinação não é natural, mas sim uma construção social, conforme podemos ler no seguinte fragmento:

> Na falta de amor, ela terá pelo marido um sentimento terno e respeitoso chamado amor conjugai; ela encerrará o mundo entre as paredes do lar que será encarregada de administrar; perpetuará a espécie humana através do futuro. [...] Escravizada ao marido, aos filhos, ao lar (Beauvoir, 1949 p. 194 e 385).

Em outras palavras, esse papel tradicional de "dona de casa" foi perpetuado por diferentes culturas, as quais esperavam que a mulher cuidasse do lar, dos filhos e do marido, enquanto os homens assumiam o papel de provedores. Essa divisão de trabalho foi criticada por feministas, que lutaram pela igualdade de oportunidades e pela redistribuição das responsabilidades domésticas.

As relações afetivas das mulheres também foram moldadas por essas expectativas sociais. Elas eram frequentemente ensinadas a buscar validação mediante o casamento e a maternidade. Friedan (1933), em *A Mística Feminina*, discute como essas expectativas levaram diversas mulheres ao que a autora denominou de "problema que não tem nome", como veremos no seguinte excerto:

> Gostaria de ter tido uma vida mais profunda e criativa, em vez de ficar noiva e me casar aos dezenove anos. Tendo colocado o ideal no casamento, que incluía um marido cem por cento dedicado, foi um choque descobrir que as coisas não se passam exatamente assim (Friedan, 1963 p.66).

Friedan (1963) ainda cita que mulheres sofrem em silêncio, sentindo-se incompletas e insatisfeitas, presas a um ciclo de casamentos infelizes e responsabilidades domésticas opressoras. Elas foram condicionadas a acreditar que sua realização pessoal se encontra na total dedicação ao marido e aos filhos, em detrimento de suas próprias aspirações e desejos. Essa visão de que a felicidade e a realização da mulher estão intrinsecamente ligadas às suas relações afetivas e à sua habilidade de cuidar dos outros é um tema recorrente nas sociedades patriarcais. Essa perspectiva limita o potencial das mulheres, restringindo-as a papéis que, muitas vezes, não refletem seus verdadeiros interesses e ambições. É fundamental que a sociedade evolua para permitir que as mulheres busquem e alcancem a realização pessoal em todas as suas formas, sem que isso seja visto como incompatível com a felicidade ou o sucesso.

Nas últimas décadas, houve avanços significativos em relação à igualdade de gênero, com mais mulheres ingressando no mercado de trabalho e assumindo posições de liderança. No entanto, muitas ainda enfrentam a "dupla jornada", equilibrando responsabilidades profissionais e domésticas. Sobre este aspecto, Hochschild (1989) ressalta que as mulheres que têm empregos em tempo integral continuam a assumir a maior parte das responsabilidades domésticas e dos cuidados com os filhos. Essa

situação gera uma sobrecarga mental e física que dificulta a conquista de uma verdadeira igualdade de gênero.

Entretanto, destacamos que a mídia desempenha um papel significativo na perpetuação e, às vezes, na desconstrução dessas normas. Mulvey (1975), em seu ensaio *Prazer Visual e Cinema Narrativo*, discorre que, no contexto patriarcal, o prazer visual é configurado de forma que a mulher é ao mesmo tempo observada e exibida, com seu corpo transformado em um objeto de olhar e prazer (Mulvey, 1975). Em suma, esses desafios mostram que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar uma distribuição equitativa das responsabilidades domésticas e uma representação justa das mulheres nas relações afetivas.

Por último, destacamos que a representação social do papel da mulher na sociedade, suas relações afetivas e responsabilidades domésticas é um campo de estudo vital para entender as desigualdades de gênero. Assim como Butler (1990), acreditamos que a luta por equidade passa por questionar e desafiar os papéis tradicionais, promovendo uma divisão mais justa das responsabilidades e valorizando as diversas formas de realização pessoal e profissional das mulheres.

Procedimentos Metodológicos e Análise dos Resultados

Este estudo é predominantemente qualitativo, explorando a riqueza e a complexidade das representações da identidade feminina na música brasileira ao longo do tempo. A análise qualitativa permite uma compreensão aprofundada das narrativas presentes nas letras e nos contextos musicais, por meio de uma revisão extensiva da literatura relacionada à representação da identidade feminina na música brasileira, com foco especial nas "Amélias".

Selecionamos três canções brasileiras que têm, na sua letra, o nome Amélia, com suas diferentes versões ao longo do tempo, abrangendo diferentes gêneros musicais e estilos que contenham

referências à figura da mulher "Amélia". Desse modo, o *corpus* desta pesquisa abrange as letras das músicas, "Ai que saudades da Amélia", de Mário Lago e Ataulfo Alves, dos anos 1940; "Desconstruindo Amélia", de Pitty e Martin, de 2009; e "Não precisa ser Amélia", de Bia Ferreira.

Analisamos as letras dessas músicas a fim de identificar padrões, palavras-chave, temas recorrentes e mudanças ao longo do tempo. A apreciação inclui aspectos, narrativos e socioculturais, contextualizando as músicas selecionadas dentro dos períodos históricos e movimentos culturais em que foram produzidas. Neste estudo, exploramos as letras das músicas selecionadas.

As músicas foram retiradas do banco de dados *on-line* do site *"letras.mus.br"*, voltado para letras de canções. Por sua vez, os dados históricos relacionados às épocas em que as músicas foram produzidas foram encontrados em *sites* da ferramenta *on-line Google*, assim como as informações sobre movimentos culturais, eventos sociais e mudanças políticas.

Análise de "Ai que saudades de Amélia"

A música "Ai! Que saudade da Amélia" foi escrita por Mário Lago e Ataulfo Alves. Lançada pela primeira vez em 1942, ecoou por anos nas estações de rádio por todo o Brasil, sendo considerada um clássico do samba; é raro encontrar alguém que nunca a tenha ouvido. Segundo os compositores, a inspiração para a música veio de Amélia dos Santos Ferreira, que, na época, era empregada da cantora Aracy de Almeida, fazendo alusão à frase "mulher de verdade", como uma mulher submissa e companheira do homem em todas as dificuldades. O conceito obteve uma repercussão enorme na época, sendo assim integrado ao vocabulário no Dicionário Aurélio com a seguinte descrição: "Mulher que aceita toda sorte de privações e/ou vexames sem reclamar, por amor a seu homem". Segue abaixo a letra da música "Ai! Que saudade da Amélia, composta por Mário Lago e Ataulfo Alves.

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz?
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher
Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer?
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era a mulher de verdade
É você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você tem você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher
[...] (Lago; Alves, 1942).

Ao equiparar os comportamentos de Amélia aos de uma mulher "verdadeira", pressupõe-se que essa figura feminina seja o modelo ideal para todos os homens e para a sociedade. Nesse ponto de vista, na frase "*Você só pensa em luxo e riqueza/Tudo o que você vê, você quer*", percebemos que os autores acreditam que uma mulher que busca atender suas próprias vontades foge do ideal de boa companheira. Sendo assim, a "Amélia", atravessada histórico culturalmente, só poderia ter esta postura de resignação, pois era o que o seu tempo a permitia

É possível notar também, nessa canção, a presença de uma posição discursiva fundamentada no machismo e na ideia de submissão que as mulheres eram esperadas a aceitar na época em que a música foi escrita. Isso é nitidamente evidenciado na frase: "*Às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer*". Esperava-se, portanto, que, mesmo diante de situações extremas, as mulheres não expressassem suas emoções. Essa postura ratifica o comportamento feminino dos anos 1940, construído em função de uma sociedade patriarcal, na qual o homem era o centro, o

“dominador”; e a mulher, a “dominada”, educada apenas para cuidar do lar, com uma única “liberdade”: ir à igreja. (Del Priore, 2006).

Nessa música em questão, podemos perceber o estereótipo da mulher enquanto cúmplice fiel ao seu companheiro, era orientada a não ter voz e autonomia em sua rotina e em sua casa, bem como a não ter possibilidades de conseguir mudar sua realidade.

Uma crítica adicional à letra de Mario Lago menciona a imposição de uma ditadura sobre como a mulher deve ser ou se comportar, especialmente em relação ao conceito de ser a "mulher de verdade". É importante ressaltar que houve menos de uma década entre a composição de "Amélia" e a conquista do direito de voto feminino no Brasil (1932), o que sugeria que o país estava passando por mudanças em relação à compreensão do papel da mulher na sociedade.

Enquanto relatávamos saudades de Amélia na década de 1940, a história da mulher, em escala global, era marcada por três momentos significativos: em 1945, a Carta das Nações Unidas estabelecia a igualdade de direitos entre homens e mulheres; em 1949, eram realizados os Jogos da Primavera, também conhecidos como "Olimpíadas Femininas". Nesse mesmo ano, Simone de Beauvoir lançava o livro *O Segundo Sexo*, no qual analisava a condição feminina e promovia reflexões sobre as desigualdades entre o masculino e o feminino.

Atualmente, não é mais possível enxergar a mulher como alguém que é hierarquicamente colocada inferior ao homem, sem vontades nem desejos. Isso porque os dias atuais trouxeram novos estados comportamentais.

Análise de “Desconstruindo Amélia”

A canção de Pitty e Martin, intitulada “Desconstruindo Amélia”, escrita em 2009, incluída no álbum *Chiaroscuro* no mesmo ano, retrata a figura da mulher contemporânea, a nova "Amélia". Segundo o *blog* de Verônica Neves, conforme Pitty mesma mencionou, a inspiração para a música surgiu da indagação sobre

"como seria a Amélia do século XXI?" Apresentamos, em seguida, a música escrita por Pitty e Martin.

> Já é tudo está certo
> Cada coisa posta em seu lugar
> Filho dorme ela arruma o uniforme
> Tudo pronto pra quando despertar
> O ensejo a fez tão prendada
> Ela foi educada pra cuidar e servir
> De costume esquecia-se dela
> Sempre a última a sair
> [...]
> E eis que de repente ela resolve então mudar
> Vira a mesa
> Assume o jogo
> Faz questão de se cuidar
> Nem serva, nem objeto
> Já não quer ser o outro
> Hoje ela é o também
> A despeito de tanto mestrado
> Ganha menos que o namorado
> E não entende porque
> Tem talento de equilibrista
> Ela é muita se você quer saber
> Hoje aos 30 é melhor que aos 18
> Nem Balzac poderia prever
> Depois do lar, do trabalho e dos filhos
> Ainda vai pra nigth ferver
> Disfarça e segue em frente
> Todo dia até cansar
> [...] (Pitty; Martin, 2009)

Assim, temos a letra da música que revela que a "Amélia" dos anos 2000 é um ser independente, multifacetado, devido às diversas funções que esta nova mulher desempenha (como mulher, amante, profissional, mãe e dona de casa, conforme explicitado na canção), buscando realizar-se plenamente: "*Tem talento de equilibrista/Ela é muitas se você quer saber*".

Com o surgimento do movimento feminista na década de 1960, as mulheres lutaram muito para encontrar reconhecimento e

igualdade de direitos. Insatisfeitas com os muitos preconceitos e mandatos impostos para que as mulheres se casassem, agradassem ao marido (e fizessem o que ele quisesse) e cuidassem da casa e dos filhos, elas buscavam, nas ruas, o direito, de participar do mercado de trabalho e de ganhar dinheiro, um salário decente, tal como acontece com os homens assim como descrito na letra da música em questão: "*A despeito de tanto mestrado/ Ganha menos que o namorado/ E não entende o porquê*" ...

Embora hoje tenha havido melhoria no nível de instrução das mulheres em relação ao dos homens, o mesmo não pode se dizer em relação aos rendimentos. De acordo com o levantamento feito em 2023 *pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos* (Dieese), o rendimento médio mensal das mulheres no mercado de trabalho brasileiro é 21% menor do que o dos homens (R$ 3.305 para eles e R$ 2.909 para elas).

A música de Pitty retrata, duas perspectivas: uma mulher que assumiu e conquistou a sua posição na sociedade e uma mulher que, apesar de toda a sua evolução, ainda é responsável por toda a gestão do lar. Vejamos o seguinte trecho:

> "Já é tarde, tudo está certo
> Cada coisa posta em seu lugar
> Filho dorme, ela arruma o uniforme
> Tudo pronto pra quando despertar [...]
> [...] Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar
> E eis que de repente ela resolve então mudar
> Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar
> Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também..." (Pitty; Martin, 2009).

Isto é o que Hall (2006) chama de "fragmentação de identidade"; uma identidade homogênea que estabiliza o mundo social no processo de fragmentação diante da globalização. Ao contrário da Amélia do século XXI, a Amélia dos anos 1940 passou por um processo de ruptura e abertura de uma nova identidade. Segundo Vecchi (*apud* Bauman, 2005, p. 13), "a fonte da identidade

deve ser vista como um processo contínuo de autorredefinição, autocriação e invenção."

Sendo assim, pode-se verificar que a mulher retratada em "Descontruindo a Amélia" não está realmente rompendo com a velha Amélia, porque ela não nega a sua responsabilidade nem bloqueia o comportamento mais ativo e emocional do homem. Segundo Pitty e Martin, "*Hoje aos 30 é melhor que aos 18/Nem Balzac poderia prever/Depois do lar, do trabalho e dos filhos/Ainda vai pra night ferver"*. No sentido de quebrar o paradigma e desconstruir as mulheres do passado, mas isso não significa que estejam completamente separadas da sua identidade anterior. Porém, com as novas responsabilidades impostas nos tempos modernos, renova-se ao proporcionar oportunidades para experiências diferentes.

Análise de "Não precisa ser Amelia"

A canção de Bia Ferreira, gravada em 2018, foi destaque, pois aprofunda a discussão do que é ser a mulher de verdade. A posição da compositora como sujeito fica clara na letra da canção, no sentido de que ela é uma mulher negra, de origem pobre e que cresceu em um lar evangélico. O título "Não precisa ser Amélia" sugere uma crítica da Amélia de Mário Lago e Ataulfo Alves. Segue abaixo a letra da música:

Estrela que brilha, clareia a trilha
Ilumina e guia o meu caminhar
Alumeia um pouquinho esse meu caminho
Me dê uma luz, tá difícil enxergar
Quanto mais eu ando, mais escuro fica
Me dê uma dica pra poder seguir
Não sei o que faço
Se ando, se paro,
se corro, se sigo, se fico aqui
Tome minha boca pra que que eu só fale
Aquilo que eu deveria dizer
A caneta, a folha, o lápis

Agora que eu comecei a escrever
Que eu nunca me cale
O jogo só vale
quando todas as partes puderem jogar
Sou Frida, sou preta, essa é minha treta
Me deram um palco e eu vou cantar
Canto pela tia que é silenciada
Dizem que só a pia é seu lugar
Pela mina que é de quebrada
Que é violentada e não pode estudar
Canto pela preta objetificada
Gostosa, sarada, que tem que sambar
Dona de casa limpa, lava e passa
Mas fora do lar não pode trabalhar
[...]
Não precisa ser Amélia pra ser de verdade
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser
Seja preta, indígena, trans, nordestina
Não se nasce feminina, torna-se mulher
[...]
E não precisa ser Amélia pra ser de verdade
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser
Menos preta, indígena
Não se apropria
Quer ser preta dia a dia
Pra polícia cê num quer (Ferreira, 2018).

A letra versa sobre quantas mulheres, principalmente as negras, são estigmatizadas. Desse modo, Bia Ferreira usa a visibilidade de sua música para defender mulheres que não têm oportunidades iguais de articular o que as assedia e oprime quando se trata de práticas sexistas. Em nossa visão, o trecho "*A dona de casa limpa, lava, passa / Mas fora do lar não pode trabalhar*" é uma crítica ferrenha a Amélia cantada por Ataulfo, aquela que só cuidava do lar e que, mesmo com dificuldades financeiras, não podia trabalhar fora e ter sua liberdade financeira.

Ao longo da história, a hierarquia de gênero, assim como outras hierarquias presentes em uma sociedade dual (branco/negro, ocidental/oriental, entre outros), tem demonstrado

ser cruel e opressiva. Para compreender o conceito de gênero, é fundamental enxergá-lo como uma construção social, indo além da mera percepção do sexo anatômico. Em outras palavras, ser homem ou mulher é um reflexo de uma realidade social, não se restringindo apenas ao biológico. Da mesma forma, a dominação masculina sobre as mulheres é resultado de uma construção cultural, representada no trecho da canção acima transcrita.

Fica claro a representação de Bia Ferreira na letra da canção, embasada na convivência onde muitas mulheres são silenciadas, com abusos sofridos pelos homens, muitas vezes por seus parceiros, nessa sociedade onde elas sofrem feminicídios, e abusos físicos e psicológicos. Além disso, a compositora aproveita para denunciar as violências sexuais quando afirma: "*Canto pela preta objetificada/Gostosa, sarada, que tem que samba*r". Baseada no gênero feminino da "Amélia", essa violência ocorre em diversas formas.

Essa forma de violência é alimentada por desigualdades de poder entre homens e mulheres, bem como por normas sociais e culturais que perpetuam a objetificação e a inferiorização das mulheres. Ela é frequentemente utilizada como uma forma de subjugação e intimidação, visando humilhar, traumatizar e silenciar suas vítimas, Michael S. (2008).

Bia Ferreira revela, na sua música, um ativismo, uma luta pela minoria, como ela mesmo pontua na entrevista concedida à Bruna Caetano e Marcos Hermanson, no site de notícias *Brasil de Fato*. Durante a conversa, a compositora se define como artivista (como ela se intitula, "ativista através da arte") e declara que não vai se calar, custe o que custar.

Esse movimento é evidenciado no refrão da música: *"Não precisa ser Amélia pra ser de verdade/Você tem a liberdade pra ser quem você quiser /Seja preta, indígena, trans, nordestina/Não se nasce feminina, torna-se mulher"*. Enfatiza-se a importância de quebrar os estereótipos de gênero e rejeita-se a ideia de que as mulheres devam se conformar aos papéis tradicionalmente atribuídos.

Bia Ferreira destaca a diversidade de experiências femininas, citando mulheres negras, indígenas, transexuais e nordestinas.

Além de celebrar a liberdade de escolha, a cantora enfatiza a diversidade, relatando que não existe uma definição única do que significa ser mulher. Essa ideia que se entrelaça com as falas de Adichie (2014), em que discute a complexidade e a multiplicidade das identidades femininas.

É importante salientar que a letra da música "Não precisa ser Amélia" critica as desigualdades que as mulheres enfrentam em diversos contextos, desde a objetificação das mulheres negras até as restrições à participação na esfera pública e no mercado de trabalho. Além disso, enfatiza a importância da liberdade de ser você mesmo, sem estar vinculado a padrões ou expectativas sociais. A ideia de que "não se nasce mulher, torna-se mulher" destaca a construção ao longo da vida de uma identidade feminina, alinhando-se ao pensamento de Beauvoir (1949). Essa perspectiva reforça a crítica de que as mulheres devem lutar contra estereótipos e normas impostas, a fim de alcançar a verdadeira liberdade e realização pessoal.

Com maestria, a canção também critica a apropriação cultural e alerta sobre a importância de reconhecer e respeitar identidades, especialmente no que se refere às experiências negras e indígenas.

Para finalizar a análise, pontuamos que, ao longo de diversas épocas, a submissão da mulher em relação aos diferentes setores da sociedade foi considerada natural. Portanto, a canção de Bia Ferreira é uma crítica às antigas "Amélias", que enalteciam a mulher submissa e dedicada apenas aos afazeres domésticos na letra de Mário Lago e Ataulfo Alves, bem como a Amélia que, mesmo com o anseio de mudança, continuava presa ao lar e suas necessidades como a de Pitty e Martin. Em resumo, avaliamos que Bia Ferreira rejeita essa imagem e incentiva a liberdade de ser quem quiser, sem se prender a padrões impostos.

Considerações Finais

A trajetória da mulher na sociedade passou por transformações profundas ao longo dos séculos, refletidas em músicas como "Ai que saudades da Amélia" (Mário Lago e Ataulfo

Alves, 1940), “Desconstruindo Amélia” (Pitty e Martin, 2009) e “Não precisa ser Amélia” (Bia Ferreira, 2018). Essas canções revelam uma mudança nos padrões culturais e sociais: de mulheres historicamente relegadas a papéis subordinados para protagonistas de uma luta por igualdade e reconhecimento.

A análise das músicas mostra a evolução da figura da "Amélia": da mulher submissa idealizada nos anos 1940 à crítica e desconstrução desse modelo nas composições contemporâneas. As letras denunciam a objetificação feminina e valorizam a autonomia, a liberdade de ser e a resistência aos estereótipos. As formas como essas “Amélias” são representadas refletem diretamente as transformações sociais e culturais relacionadas à posição da mulher na sociedade.

Estudar essas representações é essencial para entender como a música brasileira contribui na construção e questionamento das identidades femininas. Culturalmente, ela revela e influencia as dinâmicas de gênero, ao mesmo tempo em que preenche uma lacuna importante nos estudos sobre a evolução dos estereótipos.

Historicamente, as mulheres foram limitadas a funções domésticas e reprodutivas, com pouca ou nenhuma participação política e educacional. No entanto, movimentos sociais como o sufragista e o feminismo contemporâneo impulsionaram mudanças significativas, lutando por direitos civis e igualdade em todas as áreas da vida. Esses avanços ajudaram a desconstruir a figura da “mulher de verdade” idealizada, aproximando-se da mulher consciente, ativa e questionadora retratada por Pitty e Bia Ferreira.

Essa mudança de paradigma foi impulsionada por avanços na educação, reformas legais, mudanças nas estruturas familiares e maior conscientização sobre as questões de gênero. Hoje, vemos a crescente presença feminina em áreas como ciência, tecnologia, política e negócios. Apesar dos progressos, ainda existem desafios importantes, como a desigualdade salarial, a sub-representação em cargos de liderança e a violência de gênero.

Para finalizar, ressaltamos que futuras pesquisas podem aplicar essa análise no ensino e em comparações com outras formas de expressão cultural, como o cinema e a literatura. Também seria interessante investigar como outras figuras femininas na música e nas mídias refletem e influenciam a sociedade. Entre as limitações deste estudo, estão a dificuldade de acesso a fontes históricas e a subjetividade da análise qualitativa. Assim, é essencial seguir promovendo a igualdade de gênero e a valorização das mulheres em todos os espaços. Isso vai além das leis: exige uma mudança cultural profunda, que reconheça o valor e as múltiplas formas de ser mulher na sociedade atual.

Referências

ACKER, Joan. **Hierarchies, jobs, bodies:** A theory of gendered organizations. Gender & Society, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists.** Anchor Books, 2014.

BASSANEZI, Célia B. (Org.); DEL PRIORE, Mary (Org.). Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEM, Sandra L. Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. **Psychological Review,** v. 88, n. 4, p. 354-364, 1981.

BRASIL DE FATO. **Cota não é esmola** | Cantora Bia Ferreira fala sobre música como "artivismo". Brasil de Fato, [data]. Disponível em: <URL>. Acesso em: 23 jun. 2024.

BRASIL**. Lei Maria da Penha:** Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 18 maio 2024.

BUTLER, Judith. **Gender trouble:** Feminism and the subversion of identity. Routledge, 1990.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. 2012.** Disponível em: http://www.açãoeducativa. org.br/fdh/wpcontent/uploads /2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf. Acesso em: 04 jun. 2024.

EAGLY, Alice H. **Sex differences in social behavior:** A social-role interpretation. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1987.

FERREIRA, Bia. **Não precisa ser Amélia**. Intérprete: Bia Ferreira. Brasil: Independente, 2018. Streaming.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina.** Nova York: Dell Publishing, 1963.

GOFFMAN, Erving**. A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. **The second shift:** Working families and the revolution at home. Viking Penguin, 1989.

hooks, bell. **Feminism is for everybody:** Passionate politics. South End Press, 2000.

KANTER, Rosabeth Moss**. Men and women of the corporation.** Basic Books, 1977.

KIMMEL, Michael S. **The gendered society.** Oxford University Press, 2008.

LAGO, Mário; ALVES, Ataulfo. **Ai que saudades da Amélia**. Intérprete: Aracy de Almeida. Rio de Janeiro: Odeon, 1942. Disco de 78 rpm.

MARTIN; Pitty. Desconstruindo Amélia. Intérprete: Pitty. In: Chiaroscuro. São Paulo: Deckdisc, 2009. CD.

MARTIN, Pitty. **Desconstruindo Amélia**. Rio de Janeiro: Deck Disc, 1997. Faixa 3.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec Editora, 2010.

MULVEY, Laura. **Visual pleasure and narrative cinema.** Screen, v. 16, n. 3, p. 6-18, 1975.

PHILLIPS, Anne. **The politics of presence.** Oxford University Press, 1995.

POÉTICA DE PENSEE. **Assunto de meninas:** O tabu do sexo. Poética de Pensee, 8 maio 2011. Disponível em: https://poeticadepensee.wordpress.com/2011/05/08 /assunto-de-meninas-o-tabu-do-sexo/. Acesso em: 18 maio 2024.

SAFFIOTI, Heloísa B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes-INL, 1969.

SCAFIDI, Susan. **Who owns culture?** Appropriation and authenticity in American law. New Brunswick: Rutgers University Press, 2005.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Editora Tordesilhas, 2014.

A literatura é território de criação, memória, resistência e disputa de sentidos. Neste terceiro volume de Tecendo Interseccionalidades, diferentes narrativas interrogam representações de raça, gênero, sexualidade e pertencimento. Entre livros, personagens e canções, emergem vozes e experiências historicamente marginalizadas. Os estudos revelam a potência da palavra na construção e reinvenção das identidades. Ler, aqui, é também reconhecer, tensionar e transformar modos de existir

Pedro & João Editores
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3158-7